

INDICE GERAL

DAS MATERIAS CONTIDAS NO IV VOLUME

DA

REVISTA PHARMACEUTICA.



PAG.

A.

Acido sulphurico arsenical	97
Actas da Sociedade Pharmaceutica.	14, 22, 65 114, 145, 161
Aguas mineraes	157
Algodão polvora, sua preparação	141
Analyse absoluta da casca do pau pereira.	34
— organica » » »	41
— de alguns mineraes da provincia do Ceará por Ernesto F. dos Santos.	149
Ao deixar a redacção.	187

B.

Bacharelato para os pharmaceuticos filhos das escolas medicas do Imperio	7
Breves reflexões sobre o bacharelato em sciencias phisicas	74

C.

Gadeira de pharmacia pratica	5
Carta ao professor de pharmacia da escola medica da côrte	146
Cartas de um socio	27, 37, 122
Conservação do centeio esporado	176

D.

Determinação da força das preparações pharmaceuticas contendo acido prussico	70
--	----

	PAG.
Discurso do Presidente da Sociedade Pharmaceutica Lusitana	107
— nechrologico	94
Dos erros do espirito humano	
Do estado da pharmacia em Now-Yorc	129
Dóses e modo de administrar o pau pereira	60
E.	
Envenenamento pelas cantharidas	119
» pelo ammoniaco	82
Enxofre precipitado	71
Ensaio sobre a extracção do opio	166
Escolas de pharmacia.	100
Esporão do trigo	177
Extracto de uma memoria do Dr. Marinho	99
F.	
Formação espontanea de acido cyanhedrico	128
G.	
Guano e suas preparações	11
I.	
Introdução.	3
Iodureto de patassa como agente illiminador	137
M.	
Magnesia fluida de Murrays	13
Modo de privar os corpos gordos do cheiro de ranço	92
Modo de purificar o guano	12
N.	
Natureza da pereirina.	46
Novas formulas de medicamentos anti-syphiliticos	181

	PAG.
Novo xarope de saude	173, 180
Nova formula de limonada de citrato de mag- nesia	154
Nota sobre o opio indigena	165
Nota lida na Sociedade de Medicina por M ^r Caffe	87
Nota communicada pelo Dr. Blondlot	97
— sobre o extracto de centeio espigado	• 28
Noticia nechrologica	80 93
— scientifica	91

O.

Observações therapeuticas sobre a casca do pau pereira e pereirina	51, 52, 52
	54, 55, 56, 57, 58
Officio do 2.º Secretario a um socio	68
— do Director da Escola de Medicina	115
— do Secretario da Sociedade Phisico- chimica	146
Opiata contra a blenorrhagia	106
O Sr. Dr. Joaquim José da Silva	185
O verdadeiro e o falso pharmaceutico	116

P.

Para a sciencia	126
Pareceres	25
Pastilhas de sub-nitrato de bismutho	183
Pereirina	43
Pharmacia	173, 180
Pharmaceuticos viajoros.	168
Pilulas de protó-iodureto de ferro	90
Policia medica.	15, 30, 64
Pommada de guaco	42
Preparações Pharmaceuticas	105
Preparação da potassa caustica	175
Processo para obter-se a pereirina.	45
— para obter-se o citrato de magnesia soluvel	143

	PAG.
Processo para o exame do chloroforme . . .	156
Processo para obter-se unguento mercurial em 15 minutos	160
Processo para preparar o ferro em pó. . .	174
Proposta á Escola de Medicina	147
Propriedades antiputridas dos vapores do café — phisicas da casca do pau pereira	159 60
Prolina no tratamento das escrofulas. . .	47
Proto-iodureto de ferro	77, 90

R.

Reflexões	97, 132
Reforma das Escolas de Medicina	5
Representação ao Corpo Legislativo	9
Resposta ao Director da Escola de Medicina .	115

S.

Saes alcalinos da casca do pau pereira. . .	38 44
Solução chloroformico-iodica	139
— normal d'iodureto de ferro	79

T.

These do Dr. E. C. dos Santos — 1. ^a parte .	17
— — — 2. ^a »	33
— — — 3. ^a » ,	49
Tisana contra o ascite	184
Toxicologia	81, 110
Transformação dos calomelanos em bi-chlo- rureto de mercurio	61

U.

Unguento desobstruente do Dr. Silva	105
---	-----

X.

Xarope de guano	12
— de proto-iodureto de ferro.	79
— de saude de Ezequiel.	173, 180

REVISTA

DA

SOCIEDADE

PHARMACEUTICA BRASILEIRA.

INTRODUÇÃO.

A escolha, que de nós fez para Redactor do seu Jornal a illustre Sociedade Pharmaceutica Brasileira enche-nos de orgulho, por vermos a confiança que em nós depositou; mas não é elle levado á ponto tal que desconheçamos as difficuldades com que temos de lutar já pela insufficiencia de nosso cabedal scientifico, já pela magnitude do objecto e já por não podermos nem de leve approximarmos da illustração d'aquelles que nos precederão.

Esses motivos não serão bastantes para nos arrefecer no desejo que temos de com nosso fraco contingente concorrermos para o engrandecimento da sciencia; antes serão um incentivo para de nossa parte envidarmos todos os nossos esforços para conseguirmos esse intento.

Não queremos prometter muito para não faltarmos; porém faremos quanto em nós couber, para que em cada numero saião artigos de interesse quer de lavra propria, quer extrahidos de jornaes estrangeiros, quer dos nossos



REVISTA

DA

SOCIEDADE PHARMACEUTICA BRASILEIRA

REDIGIDA

POR

EZEQUIEL CORRÊA DOS SANTOS

Pharmaceutico e Presidente da mesma Sociedade.

TOMO IV.

*Morbos autem non eloquentia
sed remediis curari.*

CELSO.



RIO DE JANEIRO

TVP. GUANABARENSE DE L. A. F. DE MENEZES,

RUA DE S. JOSÉ N. 47.

1854.

REVISTA

DA

SOCIEDADE

PHARMACEUTICA BRASILEIRÃ.

INTRODUÇÃO. (*)

Começa com este numero o 4.º tomo, do 4.º anno deste jornal scientifico, dedicado pela sociedade pharmaceutica brasileira ao serviço da humanidade. Eu, seu novo redactor, sujeito ao pelouro da critica; expondo-me a justa curiosidade dos leitores serei o responsavel pelo credito da sociedade que pondo sobre meus debeis hombros fardo mais pesado do que minhas forças podem supportar, exige de mim que perante o publico e por meio da imprensa seja seu órgão, represente seu sublime pensamento e reclame a favor de suas mais importantes necessidades.

As paginas deste jornal tão luminosas no decorrer dos tres passados annos, tão cheias de interesse, como ricas de artigos originaes, tão fartas de novidades scientificas, vão

(*) Este numero já devera ser publicado no mez que findou, mas não se publicando em tempo competente os tres ultimos numeros pertencentes a velha redacção, por se achar ausente da cõrte seu illustre redactor por causa de incommodos de saude de pessoa de sua familia, que lhe é mui querida, esperarei todo o mez de julho pelo meu antecessor que ainda não pode regressar. Resolvi-me para não prejudicar as vistas da sociedade, nem os interesses dos assignantes desta folha a começar a miuha tarefa, ficando certos os que tem falta dos ultimos numeros do 3.º volume, que em breve, esta dívida lhe será paga. Força maior produziu essa falta.

empobrecer d'ora á vante, porque pobre é igualmente aquelle a quem incumbirão sua direcção. Si os dois ultimos redactores os illustrados dr. Oliveira Araujo e pharmaceutico Pires Ferrão dignos ornamentos da sociedade pharmaceutica lutando com innumerados obstaculos os vencerão e fizerão tão interessante esta Revista; grangearão tanta importancia para a classe que a creou; outro que não eu devera substituil-os, outro que podesse hombraear com essas duas capacidades em intelligencia e merito litterario! A sociedade pharmaceutica brasileira que por quatro annos seguidos me ha collocado na muito honrosa cadeira de seu presidente, ainda mais esta vez mal escolheu-me para igualmente redigir seu jornal. Não conheceu ella a exiguidade dos meios de que posso dispôr, nem vio o amesquinhado cabedal que possuo para carregar o pesado encargo de reproduzir suas idéas, patentear seus nobres e santos fins? Oh! se meus desejos bastassem; si o enthusiasmo que me sobra n'alma em prol do progresso da pharmacia na terra em que tive a ventura de nascer; si o anhelante empenho com que desejo ver fraternisados e cheios de importancia social e scientifica todos os pharmaceuticos brasileiros fizessem um bom redactor de um jornal de pharmacia; ninguem serviria melhor do que eu a sociedade pharmaceutica brasileira! Mas é que isto não basta; o desejo não produz litteratos; o enthusiasmo tem limites, e eu devera por taes razões recusar obediencia aos que me elegerão. E porque, tendo conhecimento do nada que valho, ousei aceitar uma tarefa ingloria para os que della me encarregarão, e ardua e demaziada espinhosa para mim, que na obscuridade vivia, mas que hoje vou pertencer ao dominio da critica e da censura judiciousa de quem me ler? Porque? Porque conto que a semelhança dos astros opacos que não brillão pela luz propria, que a não possuem, reflectem comtudo raios luminosos que emprestados pelo

brilhantismo e reflexo dos astros do dia, transmittem com proveito da humanidade a luz emprestada. Assim as paginas deste jornal, de quem só poderá figurar de meu o trabalho material, brilhará pela intelligencia de todos os meus muito illustrados collegas da sociedade; servirá a pharmacia com o concurso de todos os pharmaceuticos do paiz; e será ajudado pelo valioso auxilio dos medicos brasileiros a quem assiste igual dever de concorrerem com seus irmãos em pharmacia para o progresso desse ramo importantissimo das sciencias medicas! Para todos elles appelo, de todos reclamo coadjuvação para que o unico jornal de pharmacia que o brasil possui possa apparecer no mundo litterato sem envergonhar os pharmaceuticos, sem enjoar aos medicos. A obra é de todos, peço a todos que me ajudem a transpor o espaço immenso, o caminho escabroso porque devo transitar durante um anno. Permitta Deos possa eu chegar ao fim da viagem litteraria fatigado, mas não avexado pelo nada que semear pelo caminho de util á sciencia e á humanidade!

O REDACTOR

Ezequiel Corrêa dos Santos.

Reforma das escolas de medicina. — Cadeira de pharmacia pratica.

Não tem sido esteril para a sciencia o viver da sociedade pharmaceutica brasileira.

Tratava-se de reformar as escolas de medicina do paiz; novos estatutos estavam confeccionados; nova organisação se dava ao ensino; novas cadeiras de medicina e cirurgia reclamadas pela necessidade de melhorar-se o ensino esta-

vão decretadas, sem que ácerca do curso pharmaceutico ninguem se lembrasse que era elle que mais carecia de reforma, que mais reclamava melhoramentos que fizessem daquelles que o frequentassem dignos do nome de pharmaceuticos. Chegou felizmente a tempo ao conhecimento da sociedade pharmaceutica que nenhum quinhão coubera a pharmacia na supracitada reforma, que uma voz não fôra ouvida a seu favor na composição dos novos estatutos; que o ensino desse importantissimo ramo da sciencia de curar continuaria improficuo como acontecera mesmo depois da lei de 3 de outubro de 1832, por falta de uma cadeira de pharmacia pratica.

A sociedade pharmaceutica solicita sempre pelos melhoramentos da pharmacia, accudindo ao reclamo das necessidades da sciencia, dirigio-se ao governo supplicando que fizesse parte da reforma o melhoramento do ensino pharmaceutico, creando-se uma cadeira especial de pharmacia pratica.

Apezar de avessos se mostrarem alguns a este melhoramento, apezar de que uma fingida economia servisse de argumento para que não se creasse essa cadeira, foi attendida a justa pretensão da sociedade pharmaceutica, pela sabedoria e justiça do governo dessa epocha, que, refundindo de novo os estatutos já elaborados aquinhoou igualmente o curso pharmaceutico estabelecendo para elle a cadeira de pharmacia pratica, que melhorando o ensino dotará sem duvida o paiz de habeis pharmaceuticos. Louvores sejam tributados aos que comprehenderão que a proffissão do pharmaceutico não é meramente um meio de vida especulativo, que a ella estão ligados deveres humanitarios; que a sciencia e não as cifras são o farol que deve guiar aos que a seguem! Gratidão seja cordialmente confessada aos que melhorando o ensino da pharmacia habilitarão o paiz a gloriar-se um dia

de possuir tambem seus Morelots, Baumés, Dorvaults Vireys, Souberans e Buchardats !

Si as sabias vistas dos reformadores do ensino medico e pharmaceutico não acharem estorvo na pratica, si mal entendida economia não empecer o estabelecimento de um completo laboratorio pharmaceutico, que pôde produzir para a despeza que se fizer com elle, e com todo o curso respectivo; se dentro delle e não nas salas da escola se collocar a cadeira do professor, si este souber manejar a cassarola e a retorta, o gral e a capsula, a balança ordinaria e a dos pesos especificos dos corpos; si manufacturar as pilulas e separar os alcaloides; si compuzer os unguentos e descompuzer os corpos separando delles o que é remedio, &c.; por certo em breve a pharmacia brasileira poderá competir com a pharmacia do mundo illustrado, e a sociedade pharmaceutica se ufanará por ser ella quem deu o primeiro passo para essa grande obra humanitaria e patriotica.

O bacharelato para os pharmaceuticos filhos das escolas medicas do imperio.

Alguns jovens estudantes do curso pharmaceutico promovião uma representação e solicitavão assignaturas entre os pharmaceuticos, pedindo ao corpo legislativo o grau de bacharel em sciencias naturaes para os que fossem approvedos no curso pharmaceutico das mesmas escolas. A sociedade pharmaceutica e seu presidente, cujas idéas a tal respeito são bem conhecidas e em harmonia com a justa pretensão desses jovens estudiosos discutio e unanimemente approvou em sessão de 14 do corrente o projecto de petição abaixo transcripto para subir á presença dos legisladores da Nação. Aos illustres cidadãos que representão o paiz

entre os quaes figurão conspicuos professores das escolas de medicina, e alguns delles mestres daquelles para quem com justiça a sociedade pharmaceutica brasileira pede um titulo honorifico que os distinguão na sociedade de outros que sem a sciencia que elles possuem; sem terem frequentado uma aula, e mesmo sem terem estudado em seus gabinetes, confundem-se com os delles, seus diplomas de pharmaceuticos se pede graça. É de esperar da sabedoria, justiça e patriotismo dos escolhidos da nação, que não neguem a uma parte dos filhos das escolas de medicina, um pequeno quinhão honorifico do que se tem dado aos demais estudantes das mesmas escolas, e aos das escolas militares. Si para estes ultimos se instituiu o grau de doutores e de bachareis em mathematicas, de certo não negará o corpo legislativo o titulo de bachareis em sciencias naturaes aos que estudando-as nas escolas de medicina, fazendo dellas exames, se dedicação á vida pharmaceutica.

Si poderosos motivos influirão na mente do legislador para dar uma posição honrosa e scientifica ao cidadão militar que conserva pela sua arma, pelo saber, pela estrategia, pela guerra, e emfim pela morte do homem inimigo da patria os direitos da mesma patria; afoutamente deve asseverar-se que um só dos legisladores brasileiros não offerecerá obstaculo, não antolhará um motivo para negar a uma parte dos instruidos filhos de Esculapio, o que com mão larga se concedeu aos filhos de Marte. Si o militar tem direito á gratidão publica, porque com sua sciencia e armas concorre para a vida do paiz, o pharmaceutico instruido não desmerece dessa gratidão, não desmerece um titulo scientifico, porque com sua sciencia, com seu lidar proffissional, e igualmente com sacrificio de sua vida conserva a vida do militar e do paisano tanto no campo da guerra como debaixo dos tectos patrios, sem destruir a vida do proprio inimigo.

REPRESENTAÇÃO.

Augustos e Dignissimos Srs. Representantes da Nação.

A sociedade pharmaceutica brasileira installada nesta côrte a 30 de março de 1851 com o duplo e patriótico fim de melhorar a pharmacia com honra do paiz, e serviço á humanidade, convicta do interesse que consagraes ao engrandecimento intellectual da nação de quem sois dignos representantes; convicta de que vosso espirito patriótico se acha possuido da incontestavel verdade de que, em quanto uma sciencia, uma arte, uma industria no paiz não tiver tocado a perfeição, o paiz soffre, e não occupa entre as nações cultas, o logar para que Deos o destinou, vem cheia de confiança á vossa augusta presença solicitar de vossa sabedoria e patriotismo o grau de bacharel em sciencias phisicas para os pharmaceuticos filhos das escolas de medicina do imperio, porque, julga a sociedade impetrante, que será este titulo um poderoso insentivo, que muito concorrerá para o aperfeiçoamento da pharmacia.

As razões que tiverão os legisladores brasileiros para concederem o grau de doutores em medicina, de doutores e bachareis em mathematicas aos estudantes de taes materias, filhos das escolas medicas e militares do imperio, devem subsistir tambem para os estudantes de pharmacia que se distinguirem por sua applicação e bom comportamento escolar.

A concessão de um titulo de doutor, ou bacharel em sciencia, tem duas grandes vantagens, que são, elevar o individuo e crear um estimulo que chame ao estudo e pratica das sciencias muitos talentos que se transvião da senda util e honrosa para que os chama a inclinação por falta de um diploma, que lhes marque no paiz um logar distincto, tanto isto é ver-

dade, que a maior parte dos estudantes de pharmacia das nossas escolas, apenas concluido o seu curso, abandonão a pharmacia com detrimento da saude publica, e desar do paiz, para seguirem o curso medico, no fim do qual os espera um titulo scientifico, que lisougeando o amor proprio, lhes dá util e bem merecida posição social.

A sociedade pharmaceutica brasileira julga poder ainda demonstrar a utilidade e justiça do titulo de bacharel para os estudantes do curso de pharmacia com os seguintes factos.

Achando-se abertas as portas das escolas medicas a todos que ambicionassem o titulo de doutores em medicina, porque, com certeza, chegarão a esse desideratum todos os que percorrerem o espaço e satisfizerem os preceitos pela lei impostos, entendeu apezar disso o corpo legislativo, modificando a lei, desprezando as formulas, que se devia conceder o titulo de doutor, 1.º aos cirurgiões das antigas escolas, chamados cirurgiões formados, e depois, e isso muito modernamente aos cirurgiões simples, obrigando-os apenas a poucas cousas; entretanto que, para os que frequentão e satisfazem todas as obrigações do curso pharmaceutico, não ha para elles um titulo, um diploma que os distinguão, ao menos na sociedade, dos antigos pharmaceuticos pela phisicatura, os quaes, com atestado de quatro annos de pratica rotineira, possuem titulos passados, ou pela dita phisicatura, ou pelas proprias escolas, e estes em tudo semelhantes aos que obtem os estudantes de pharmacia que possuem o curso completo de sciencias phisicas, que comprehende botanica, zoologia, phisica, mineralogia, chymica organica e morgânica, pharmacia, materia medica, &c.

Ora, comprehendendo o curso pharmaceutico o estudo de todas essas materias, algumas com repetição, segue-se que a sociedade pharmaceutica brasileira pede para elles, com toda a justiça o grau de bacharel em sciencias phisicas.

Baseada nestes factos, convicta de que não julgareis desnecessario a existencia de um insentivo que erie habeis pharmaceuticos, cujo ensino acaba de ser por vós attendido approvando a criação de mais uma cadeira especial de pharmacia pratica, a sociedade pharmaceutica brasileira se li-songeia de que será bem succedida em sua respeitosa supplica.

Na Europa, senhores, onde a pharmacia é devidamente apreciada pelos governos, sabe todo o mundo quantas celebidades pharmaceuticas teem concorrido para o bem da humanidade no progresso de todos os ramos das sciencias phisicas, da medicina, das artes e da industria em geral.

Augustos e Dignissimos Srs. Representantes da Nação. A sociedade pharmaceutica brasileira pelo orgão dos abaixo assignados, pedindo-vos uma graça que não pesa sobre os cofres publicos, e que dará gloria ao paiz.

R. M.

EZEQUIEL CORRÊA DOS SANTOS — *Presidente.*

DR. ANTONIO PEREIRA LEITÃO — *Vice-Presidente.*

DIOGO RODRIGUES DE VASCONCELLOS — *Secretario.*

BALTHAZAR D'ANDRADE MONTEIRO — *Thesoureiro.*

Preparações do guano.

Do jornal de chymica, toxicologia e pharmacia publicado em paris, transcrevo o que ácerca do guano, como agente terapeutico, processo de purifical-o e formulas medicamentosas, escreve o Sr. Girardin, pharmaceutico. Os pharmaceuticos brasileiros que lerem este artigo devem procurar o guano, que o ha no nosso mercado, purifical-o pelo facil e

simples processo abaixo indicado, e prepararem as duas formulas usadas, para que os medicos brasileiros, possão em sua clinica nas molestias de pelle, tão rebeldes aos tratamentos conhecidos, verificar se o guano, esse agente do qual a chymica tem separado tantos corpos diversos, é, ou não, esse poderoso *depurativo* e *antistrumoso* de que trata o digno pharmaceutico de *Nev-chatel*. Diz o *Sr. Gerardin*:

« Os eminentes serviços prestados a este paiz pelas pre-
« parações do *guano*, segundo as prescripções e modo de as
« preparar convencionado entre o dr. V. Baud e eu, me
« obrigão a declarar essas formulas, e pedir-vos que lhe
« deis no vosso jornal de *chymica medica* toda a publicidade
« possível.

« *Modo de purificar o guano*. — Guano pulverizado 500
« grammos (16 onças); tratai-o por deslocação com 1,500
« grammos (48 onças) de alcool deluido com $\frac{2}{3}$ d'agua des-
« tillada, filtrae, e evaporae lentamente até que o residuo
« fique em massa, que seccareis em estufa. Esta quantidade
« de guano assim tratado produz cerca de 300 grammos de
« guano purificado.

« *Pommada de guano contra os herpes de qualquer especie*.

« Guano purificado, 8 grammos (2 oitavas); banha pre-
« parada, 24 grammos (6 oitavas); misture-se.

« *Xarope de guano, depurativo muito energico e antistrumoso*.

« Guano purificado, 8 grammos (2 oitavas); agua, 250
« grammos (8 onças); assucar, 500 grammos (16 onças);
« fazei um xarope S. A. aromatisae com tinctura de bauni-
« lha. Apesar da repugnancia que a prevenção causa para
« esta preparação, o xarope é muito agradavel. »

Magnesia fluida de Murrays.

Este agente terapeutico de que fazem grande uso os nossos medicos, e que nos vem de inglaterra como formula de segredo, outra cousa não é sinão uma solução de sub-carbonato de magnesia em agua por excesso de gaz acido carbonico; é uma especie de agua magnesiana não gaseiforme e menos saturada de magnesia. Analisando uma garrafa com 18 onças de liquido, obtive por meio da evaporação muito gaz acido carbonico e seis oitavas de sub-carbonato de magnesia. Logo, esta preparação que nos vem do estrangeiro por alto preço, pôde mui facilmente ser fabricada em nossas boticas, e vendida por menor preço do que se pôde vender vinda do estrangeiro, e sem que nunca falte ao enfermo este medicamento como succede algumas vezes por não se encontrar no mercado.

Para preparar a *magnesia de Murrays* não se deve servir do sub-carbonato de magnesia do commercio, quasi sempre impuro e muitas vezes falsificado pelo sub-carbonato de cal. O carbonato de magnesia para esta preparação, deve ser obtido pela dupla decomposição do sulphato de magnesia e sub-carbonato de soda. Para isso faz-se uma solução de sulphato de magnesia em agua pura, filtra-se e precipita-se toda a magnesia lançando-se por cima outro soluto pela mesma forma preparado de sub-carbonato de soda; lava-se repetidas vezes o precipitado obtido, para desembaraçal-o de todo o sulphato de soda contido no liquido e formado pelo acido sulphurico do sulphato de magnesia, e da soda que ficou livre do acido carbonico que se unio á maguesia, para quem tinha mais afinidade.

Obtido deste modo o sub-carbonato de magnesia introduz-se, mesmo humido, na maquina de gaseficar com agua

pura, nas porporções convenientes, satura-se de tanto gaz quanto seja necessario para operar perfeita solução e deixar o liquido ligeiramente acidulado, o que feito, dá-se sahida a todo o gaz livre e engarrafa-se o liquido.

Conhecida como fica a composição da *Murrays magnesia fluid*, pôde esta composição ser preparada nas nossas boticas sem comtudo occultar-se esta condição, sem fingir-se que veio do estrangeiro, acabe-se com *esta miseria*.

Assim o povo, assim muitos medicos não descreão da sciencia e probidade proffissional dos nossos pharmaceuticos achando *somente bem feito* o que tem *etiquete* estrangeira; assim não aconselhem e pressirão as pastilhas d'ipecacuanha *inglezas* as feitas nas nossas boticas; não julguem só *bem preparado* o xarope de citrato de ferro *por Beral* e o xarope de *digitalis* por *Labelonye*, a ergotina *por Bonjean* que então, outras serão nossas pharmacias, e o estrangeiro, *Beral, Labelonye, Bonjean* e outros não se rirão do brasil nem dos seus medicos e pharmaceuticos. *Acabe-se com esta miseria*.

SOCIEDADE PHARMACEUTICA BRASILEIRA.

SESSÃO DE ELEIÇÃO EM 16 DE ABRIL DE 1854.

Presidencia do Sr. E. Corrêa dos Santos.

Às 5 horas da tarde achando-se presentes socios em numero sufficiente para proceder-se a eleição, o Sr. presidente abriu a sessão, declarou o fim della, e depois de lida e approvada a acta da antecedente correu o escrutinio e forão eleitos os Srs. :

Ezequiel Corrêa dos Santos — Presidente.

Dr. Antonio Pereira Leitão — Vice-presidente.

Manoel Hilario Pires Ferrão — 1.º Secretario.

Diogo Rodrigues de Vasconcellos — 2.º Secretario.

Balthazar de Andrade Monteiro — Thesoureiro.

Antonio Fernandes da Silva Leite — Archivista bibliotecario.

Simão Marcolino Fragoso — Agente da drogaria.

Ezequiel Corrêa dos Santos — Redactor. •

Finda a eleição o Sr. presidente dirigindo a palavra a sociedade, agradeceu-lhe a subida prova de consideração com que ella o havia honrado desde sua primeira reunião, elegendo-o constantemente para o importante posto de presidente, consideração mais elevada desta vez por ser accumulado com a difficil tarefa de redactor da sua *Revista*. Fez ver que qualquer de seus illustrados companheiros se achavão em mais felizes condições de bem desempenhar os dois encargos que a sociedade sobre elle fizera recahir; demonstrou não ser conveniente em nenhuma circumstância reeleger repetidas vezes, para o mesmo logar, o mesmo individuo, pelo que esperava que a sociedade o dispensasse de continuar a presidil-a, ao que ella não annuo. Continuando com a palavra o Sr. presidente, envidou seus illustres collegas a empregarem todos unidos uma vontade forte de trabalharem pelo credito da associação para tornarem á pharmacia no brasil merecedora das honras e consideração de que gosa, e aquelles que a proffissão, nos paizes cultos do mundo illustrado. E não havendo mais do que tratar-se levantou-se a sessão.

Policia medica.

De que tem servido a Junta de hygiene publica como guarda da saude do povo entre nós? Os charlatães continuarão com mais ouzadia a mercadejar com a saude dos brasileiros,

depois que a *Junta* publicando o seu *Regulamento* fez constar que hia elle ter execução. Um dos artigos desse regulamento prohibe que *pela imprensa, por meio de cartazes, &c.*, se annunciem á venda remedios secretos, e no dia immediato á publicação do *firman* da Junta, todas as folhas diarias desta capital apparecerão pejudas de avisos de venda de remedios de segredo que produzem, dizião elles, *curas maravilhosas e infalliveis* das molestias mais rebeldes á medicina; alguém chamou para esse escandalo a attenção da *Junta* e ella não ouviu, ou não quiz ouvir, e o resultado foi, que muitas dessas *composições miraculosas* estão hoje licenciadas. Dispoem o regulamento da Junta que as boticas sejam visitadas, que não se abram novas sem serem sortidas por uma lista de medicamentos que a Junta formulou, que não sejam administradas se não por seus donos e pessoas approvadas em *pharmacia*, no entanto que boticas estão abertas que não possuem duas oitavas de sulphato de quinina e outras que avião as receitas que lhes levão pondo metade da substancia energica, pedida pelo medico; boticas estiverão abertas cujos donos mandavão comprar as boticas visinhas onças de xarope simples ou calda de assucar; boticas estão abertas cujos donos não são *pharmaceuticos tendo um nome alugado* que figura como proprio para assim illudir a lei, e a *Junta* não sabe ou não quer saber disso, e as boticas não são visitadas como convem em beneficio da saude publica! Ordena o mesmo regulamento da Junta que ella formule e publique uma lista dos medicos competentemente habilitados para curar, com o fim, naturalmente de dar conhecimento aos *pharmaceuticos*, para que não promptifiquem receitas de charlatães, e não consta que tal lista fosse já publicada! Marca aquelle regulamento que o medico só receite em portuguez, não use de signaes nem abreviaturas, que declare, pelo menos, a casa para onde é o remedio, o modo de fazer uso d'elle, sendo punido o medico que fizer o contrario, e o *pharmaceutico* que aviar as receitas que estiverem fóra destas condições; no entanto que poucos respeitão taes preceitos, e só forão punidos os *pharmaceuticos* que as regeitarão, porque perderão o valor dellas, e alguns freguezes, por quererem obedecer ao preceito da Junta.

(*Continua.*)

MONOGRAPHIA
DO
GEISSOSPERMUM VELLOSI .

VULGO

PÃO-PEREIRA.

These apresentada a Escola de Medicina pelo
Dr. Ezequiel Corrêa dos Santos.

PRIMEIRA PARTE.
BOTANICA.

Tot generibus herbarum utilitatibus
hominum, aut voluptatibus genitis re-
censitis, quanto plura restant, quanto
que mirabiliora inventu!

PLIN. HIST. NAT.

FAMILIA DAS APOCINEAS.

Geissospermum Vellozii . . (DR. FREIRE ALLEMÃO.)

Tabernæmontana Laevis. (VELLOSO.)

Vallesia (RIEDEL.)

NOMES VULGARES.

Pão Pereira.— Pão Forquilha.— Pão de Pente.— Ubá-assú. —
Canudo-amargoso.— Pignaciba.— Chapéo de sol.— Camará
do mato. — Camará de bilro.

De todos os botanicos, que tem viajado pelo Brasil, foi
Velloso o primeiro que classificou o *Pão-Pereira*, e creou
para esta planta uma especie nova incluindo-a no genero
Tabernæmontana (1). Com effeito, confrontando os carac-

(1) Flora Flum. — Tab. 18.

teres deste genero com os do *Páo-Pereira*, acharemos grande analogia: assim, calix monosepalo, quinque-partido, persistente, corolla hypocrateriforme, limbo-quinque-partido, 5 estames inclusos, antheras sagittadas, 2 ovarios uniloculares, 2 estyletes conjunctos, muitas sementes envolvidas em uma polpa cellulosa, &c., são caracteres communs entre as plantas deste genero e o *Páo-Pereira*. Outros caracteres porém, como são as folhas alternas, sem estipulas, o fructo indehiscente, e sobre tudo a disposição muito particular das sementes, excluem o *Páo-Pereira* deste genero. Além disto as plantas do genero *Tabernæmontana* tem um aspecto particular, que não offerece o *Páo-Pereira*, e distinguem-se como eminentemente lactescentes.

O *Páo-Pereira* foi tambem considerado, ainda que duvidosamente, como uma *Vallesia* por Martius (1). O Sr. Riedel, não se lhe offerecendo occasião de estudar o fructo desta planta, a classificou igualmente neste genero (2).

Se por um lado os caracteres do genero *Vallesia* são analogos aos do *Páo-Pereira*, como são os fornecidos pela disposição das folhas, pela inflorescencia, pela persistencia e numero de divisões do calyx, pela fórma da corolla, pelo numero e inserção dos estames; por outro lado os caracteres do fructo do *Páo-Pereira* o excluem inteiramente deste genero. Assim o fructo das *Vallesias* é uma drupa; o do *Páo-Pereira* é carnoso, indehiscenti, dividido por um falso septo, e encerra 8 a 10 sementes em duas series. Ora, sendo os caracteres fornecidos pelo fructo de grande importancia para a taxonomia vegetal, e offerecendo o fructo do *Páo-Pereira* uma structura tão differente d'aquella que observamos no

(1) Syst. Mat. Med. Vegetabilis Brasiliensis.

(2) Manual do Agricultor Brasileiro.

fructo das Vallesias, é claro que deve ser eliminado deste genero.

Estas razões levarão o Illm.º Sr. Dr. Freire a crear para esta planta um genero novo. O nosso digno professor de botanica deu ao novo genero o nome de — *Geissospernum* — baseando assim na disposição das sementes o character generico. Eis suas palavras: « Um pericarpo carnoso, lactescente, indehiscente (todas as fructas que pude ver já bem maduras nem-um indicio davão de abrirem-se), a ausencia de um endocarpo fibroso; a polpa succulenta que enche a cellula; as sementes peltadas, lenticulares, bisseriadas, imbricadas; um embryão endospermico com raiz superior; a corolla herbacea; as folhas alternas; a inflorescencia extraxillar, são characteres que não se achão reunidos em nem-um dos generos até aqui descriptos. Por isso me animei a propor um *Genero Novo*, cujo character principal deduzi do arrançamento das sementes. Quanto á especie entendi ser de rigorosa justiça que ella fizesse lembrar o nome de Velloso. » (1)

Pela descripção que tenho de fazer do *Páo-Pereira*, julgo dever reproduzir a do nosso sabio mestre.

« Ramos tortuosos, copados; raminhos dichotomos (raras vezes trichotomos), com as divisões espalmadas horisontalmente, longos, flexiveis, cobertos de um tomento pardo, caduco.

« Folhas alternas, patentes, e distichadas nos ramos por causa da direcção horisontal destes, que por isso tomão a apparencia de palmas: peciolo curto de 2 a 3 linhas, sub-caniculado: limbo oval lanceolado, de 2 a 3 pollegadas de comprido sobre 1 a 1 1/2 de largo; agudo na base, na ponta

(1) Arch. Med. Bras. — Tomo 2.º, N.º 4.

longamente acuminado; margem inteira, ondedada; membranosa, sub-coriacea, lustrosa, glabra, conservando apenas alguns restos de pellos, que o cobrem abundantemente nos renovos; penninerveo, nervuras pouco proeminentes nas duas faces.

« Sem estipulas.

« Flores pequenas, de côr parda, sem cheiro; reunidas em racimos extraxillares, muito mais pequenos que as folhas.

« Pedunculo auguloso, mais ou menos dividido; divisões curtas, cada uma munida de uma bractea aguda, caduca; tudo coberto de pellos deitados assetinados de uma côr cinzenta escura, um tanto bronzeada.

« Calyx monosepalo, persistente, sem glandulas: tubo cartissimo; limbo 5-partido; lacínias agudas erectas, muito mais curtas que o tubo da corolla, um pouco sobrepostas lateralmente no botão: tudo coberto por fóra dos mesmos pellos do pedunculo.

« Corolla hypocrateriforme, herbaceo-coriacea, toda coberta por fóra dos mesmos pellos do calyx: sub-5-auguloso, um pouco turgido no meio; limbo 5-lobado; lobos oblongos, obtusos, no botão imbricados lateralmente, *dextrorsus*, e um pouco espiraes; fauce contrahida.

« Estames 5, alternos, inclusos: filetes mui curtos, munidos na porção livre de alguns pellos raros, dirigidos para cima, e na porção adherente á corolla de pellos mais numerosos, brancos e dirigidos para baixo; antheras conniventes, abarcando os stigmas, e situadas no bojo da corolla, sub-basifixas, introrsas, emarginadas na base, no apice acuminadas, com duas celluas que se abrem por fendas, e contém um pollen granuloso: são glabras e de côr amarellada.

« Nectarios nullos.

« Ovarios coadunados, pillosos, unicellulares; ovulos bisseriados: estyletes conjunctos, apresentando por baixo

dos stigmas um engrossamento fusiforme e bissulcado: stigmas terminaes, mui pequenos.

« De ordinario só uma, ou duas flores chegam a fructificar: e de cada uma resultão dous fructos (raras vezes um por aborto) carnosos, ovaes, acuminados, divergentes, afastando-se um do outro em sentido opposto até ficarem horisontaes; tendo na parte superior, e ventral um sulco, quasi apagado, que indica a sutura da carpella; em quanto verdes estão cobertos de pellos cinzentos luzidios, depois de maduros são glabros e amarellos.

« Pericarpo carnudo, indehiscente (?) mui lactescente: trophosperma sutural, do qual provém duas laminas carnosofibrosas, que descendo unidas até a parte opposta, ou dorsal da cellula, fórma um falso septo, que a divide em dous compartimentos: sementes peltadas lenticulares, irregularmente oblongas, ou arredondadas; dispostas em duas filas de 4 a 5, raras vezes mais, de cada lado dos falsos septos, sobre os quaes estão applicadas, e imbricadas de modo que a primeira e inferior cobre metade da segunda, esta metade da terceira, e assim por diante; na face e dorso apresentam depressões que resultão do mutuo contacto; envolvidas n'uma polpa branda, fibrosa, succulenta, não lactescente: epispema glabro, pallido, formado de duas membranas, a exterior chartacea, a interior tenue: embryão coberto por um endosperma de consistencia sub-cornea; cotyledones planos, foliaceos, cordiformes; gemmula mui pequena; radícula recta, obtusa e dirigida para a ponta do fructo.

« Esta arvore cresce nas matas virgens; sempre as tenho encontrado a mais de 1,000 pés de altura, nas montanhas da *Tejuca*, da *Estrella* e do *Gerecinó*. Floresce de Agosto a Setembro e tem fructo de Janeiro a Fevereiro. »

(*Continúa.*)

SOCIEDADE PHARMACEUTICA BRASILEIRA.

SESSÃO LITTERARIA EM 18 DE JULHO DE 1854.

Presidencia do Sr. E. Corrêa dos Santos.

Às 6 horas da tarde reunidos os socios constantes do livro de presença, abriu-se a sessão.

Não se achando presentes os Srs. 1.º e 2.º secretario, o Sr. presidente convidou os Srs. Fragozo e Silva Leite para occuparem esses logares.

Não foi lida a acta da sessão antecedente por não se achar presente o Sr. Dr. Oliveira Araujo, que servia então de 2.º secretario.

ORDEM DO DIA.

Discutio-se um projecto de representação ao corpo legislativo apresentado pelo Sr. presidente, pedindo o grau de bacharel em sciencias naturaes para os pharmaceuticos filhos das escolas de medicina do imperio (*). O Sr. presidente declara que promovendo alguns estudantes do curso pharmaceutico da escola do rio de janeiro uma assignatura entre os pharmaceuticos desta capital para com ella fazerem subir á presença do corpo legislativo a citada representação, e pedindo-lhe igualmente a sua assignatura, elle presidente lhes fizera ver ser mais curial, que esse negocio fosse tratado e pedido pela sociedade pharmaceutica como representante dos interesses e honra da classe, e mesmo por ser a opinião da sociedade sobre tal objecto, e por diversas vezes patenteada em suas discussões publicas, identicas as delles. E que annuindo esses jovens ambiciosos de gloria para a phar-

(*) Esta representação já foi publicada no n.º antecedente.

macia, que a sociedade tomasse a iniciativa, submettia a consideração da mesma aquelle projecto. Entrando elle em discussão e orando a favor os Srs. presidente, Fernandes da Costa, e Silva Leite que fallou largamente, foi unanimemente approvedo.

Antes de passar-se a 2.^a parte da ordem do dia, o Sr. Balthazar, thesoureiro da sociedade, requereu que se nomeasse uma commissão para rever as contas por elle apresentadas, pertencentes ao anno social findo : foi nomeado o Sr. Fernandes da Costa.

Entra em discussão a 2.^a parte da ordem do dia. — Saber-se em que estado se acha o mercurio na pommada e emplastro mercurial. O Sr. presidente declarou que dera esse objecto para ordem do dia em consequencia da diversidade de opiniões sobre esta materia, entre os authores que d'elle tem tratado, querendo uns que o mercurio exista apenas dividido, e outros sustentando existir elle em estado de oxydo : que sua opinião não se pronunciava por ora nem por uns nem por outros, porque não podia fallar com conhecimento proprio, uma vez que nenhum trabalho tinha praticado a este respeito ; que lembrava-se que existindo nas gorduras que entrão na composição desses dois preparados os acidos cœlico, margarico, e stiarico, bem podia dar-se a formação de algum sal de mercurio com taes acidos, bem podia dar-se alguma oxigenação do metal, e não simplesmente divisibilidade. Propoz o mesmo Sr. presidente a idéa de nomear-se uma commissão que se encarregasse de acuradamente estudar a materia, dando conta a sociedade, em tempo competente, do resultado dos seus trabalhos, o que sendo approvedo, forão nomeados para esse fim os socios Silva Leite e Rodrigues de Vasconcellos.

Em 3.^a parte da ordem do dia consulta o Sr. presidente si a sociedade pharmaceutica deve responder ou representar

contra os annuncios ultimamente publicados nos jornaes desta côrte, sobre a venda de certas preparações chymicas, por preços muito inferiores ao seu custo primitivo vindo das fabricas da europa. É motivada pelo Sr. presidente esta parte da ordem do dia, porque se tem annuciado vender em uma casa desta cidade, bem conhecida por suas falsificações—a *magnesia calcinada de Henry*, o Rob de Laffecteur, a agua de Labarraque, o xarope e pasta de naffé d'arabia, &c., por preços muito mais baixos do que aqui ficão mandados vir directamente dos fabricantes e authores europeus.

Silva Leite diz que concordando com o que diz o Sr. presidente sobre a falsificação desses medicamentos, todavia achava melhor que antes de responder-se ou representar-se contra esses annuncios, se procedesse a uma analyse chymica, para que a sociedade podesse dizer com o auxilio da chymica que taes e taes medicamentos são falsificados por estas ou aquellas substancias, e julga tambem que não se deve representar a nenhuma authoridade por ser infructifero.

O Sr. *Balthazar*, não concorda com a necessidade de analisar chymicamente os productos de que se trata, porque alguns delles são reconhecidos falsos pelos sentidos phisicos como seja o peso da suposta magnesia de Henry, o cheiro da agua de Labarraque quasi sem chloro, &c., e que mesmo chymicamente está conhecida a falsificação da magnesia, que outra couza não é mais que o seu carbonato: que ácerca do Rob de Laffecteur, do xarope e pasta de naffé com esses nada tem que fazer a chymica actualmente, e por fim que os preços porque se annuncião e se tem por abi vendido é um bello cadinho onde se reconhece a falsificação. Conclue concordando em que se esclareça o publico por meio da imprensa, mas que não se represente a *Junta de hygiene publica* como quer o Sr. presidente.

O Sr. *Fernandes da Costa*, sustenta que se deve repre-

sentar a *Junta de hygiene publica*, por ser a authoridade competente, que talvez ella não tenha já providenciado sobre o objecto por não estar ao facto d'elle, ou mesmo por não saber os preços desses agentes, uma vez que ella, composta só de medicos, não está ao facto desta materia.

O Sr. presidente diz, que havendo duas opiniões uma para que se represente sómente á Junta, e outra para que só se respondesse pelos jornaes para esclarecer o publico, hia apresentar uma idéa que abrangendo ambas as opiniões, satisfaria todos os desejos, por isso propunha que a representação que se endereçasse á Junta, fosse publicada pela imprensa, o que foi unanimemente approved. Forão nomeados para redigir a representação á *Junta de hygiene* os Srs. Balthazar e Gouvêa. Não havendo nada mais a tratar-se, foi dado pelo Sr. presidente para ordem do dia da proxima futura sessão o seguinte — O tridacio é solavel no alcool? — O etherolêo de digitalis contém digitalina em solução?

E levantou-se a sessão ás 7 horas e 3 quartos.

PARECER.

Illm. Sr. Presidente da Junta central d'hygiene publica.

A sociedade pharmaceutica brasileira, em observancia do capitulo 1.º § 6.º dos seus estatutos, e escudada com as disposições dos artigos 71 e 73 do capitulo 7.º do regulamento de 27 de setembro de 1851, não podendo deixar passar sem observação os abusos que quotidianamente se praticão com escarneo d'aquelle citado regulamento, e menoscabo da autoridade por elle estabelecida, apregoando-se pela imprensa a venda e fabrico da factura de medicamentos reconhecidamente falsificados, com grave prejuizo da saude

publica, e descredito dos pharmaceuticos desta capital; respeitosaente se dirige a illustrada Junta, esperando que ella providencie contra o mal, acerca do qual representa.

E' fora de toda duvida, que fraudulentamente se preparão e se expõe á venda publica como verdadeiros, medicamentos de formulas e propriedade particulares, sancionados pelo uso, e approvados pelos medicos, como uteis em muitos casos, e por isso a sordidez dos traficantes os imitão, porque verdadeiros não podem ser preparados no paiz, illaqueando-se desta arte a boa fé do publico prejudicado em sua saude.

A sociedade pharmaceutica ommittindo muitos factos desta natureza, chama comtudo a séria attenção da illustrada Junta de hygiene publica para os annuncios ultimamente publicados por uma casa da rua do Ouvidor canto da dos Latoeiros declarando vender a magnesia calcinada de Henry, a 8\$ réis a duzia de vidros; Rob-de-Laffecteur, a 8\$ réis a garrafa; xarope e a pasta de nassé d'arabia, agua de Labarraque, &c.; por preços muito inferiores do que custão aos que directamente os mandão vir da Europa, preparados por seus verdadeiros autores. A magnesia de Henry, por exemplo, para demonstrar sua falsificação, basta dizer-se que mandada vir directamente de Inglaterra, nos fica a 1\$300 cada vidro, quando aquella casa os annuncia por menos de 700 réis. O Rob-de-Laffecteur medicamento de tanta importancia, é falsamente preparado, e vendido no celebre deposito de productos chimicos por 8\$000 a garrafa, preço inferior ao que muitas vezes custa aos que o mandão vir de França. A agua de Labarraque dessa casa, cabe-lhe bem o nome d'agua suja, pois quasi que não contém, chloro.

O xarope e a pasta de nassé, d'arabia dizem muitos serem preparados com a mucilagem do quigombó. Estas e outras preparações assim falsificadas, não só se annuncião nessa casa,

como andão agentes della offercendo-as pelos droguistas e boticarios, e são tambem expostas em leilões onde são já tão conhecidas que se recebem nesses actos com apupadas; mas o publico que ignora estes factos, que desconhece a falsificação, e que lê pomposos annuncios offercendo-se-lhe os remedios de que carece por preços inferiores aos que exigem os pharmaceuticos e droguistas conscienciosos, lá vai cahir nessa cova de caco de nova especie, com prejuizo da bolsa e da saude, e gritando contra os pharmaceuticos honrados. Eis porque, disse a sociedade pharmaceutica no principio desta representação, que os factos que allegava causavão graves damnos á saude publica, e descredito dos pharmaceuticos desta capital. Avista pois do expendido, espera a sociedade pharmaceutica brasileira, que V. S. e os demais conspicuos membros da Junta central d'hygiene publica, acolhendo benignos esta representação, providenciarãõ como exige o bem da humanidade e o credito dos pharmaceuticos brasileiros.

Sala das sessões. Rio de janeiro 1.º de agosto de 1854. —
BALTHAZAR D'ANDRADE MONTEIRO.—JOSÉ MARQUES DE GOUVEA.

Foi unanimemente approvedo para subir ao conhecimento da Junta.

Julgo de algum interesse extractar a seguinte carta :

MEU PAE E BOM AMIGO.

Paris, 24 de junho de 1854.

Estou finalmente em paris e meu primeiro cuidado foi, seguindo seus conselhos, procurar um laboratorio, e com effeito estou no do Snr. Pelouse onde tenciono fazer um curso completo de chymica; tambem estou esperançado de obter um logar de preparador na escola de pharmacia. Agora é que eu conheço quanto ácerca desta sciencia estamos ahi

na nossa bella terra longe da perfeição, e quanto os nossos governos se occupão pouco com ella em relação ao que por cá se passa.

Não tenho ainda tido o preciso tempo de cuidar no que vm.^{ce} me recomendou que fizesse, a bem da nossa sociedade pharmaceutica, mas protesto que á minha volta lhe serei alguma cousa util, se achar em meus honrados collegas vontade e bons desejos.

Remetto-lhe esse artigo sobre a preparação da ergotina que traduzi para mandar publicar na *Revista Pharmaceutica*, se achal-o digno da publicidade

Seu filho obdiente e muito amigo

ERNESTO.

Nota sobre o extracto de centeio espigado, ou ergotina de Bonjean, por M.^r Cailloud pac.

« A preparação dos extractos foi sempre para mim objecto de assiduos cuidados. Nestes ultimos tempos appliquei minha attenção ao processo empregado por M.^r Bonjean na preparação do extracto alcoolico de centeio espigado, chamado ergotina. Depois de haver escripto aquelle meu collega, pedindo-lhe que me indicasse quando elle cessava a applicação do alcool, prometendo-lhe não me servir da sua observação senão para uso da minha pharmacia, e não tendo obtido nenhuma resposta, pensei que podia publicar o resultado de minhas observações na preparação deste medicamento pelo seguinte processo.

« Poem-se dentro de um apparelho de deslocação dois kilogrammos de centeio espigado reduzido a pó grosso, lança-se por cima quatro litros d'agua, e depois de 4 a 5 horas de maceração, abre-se a torneira, e ajunta-se no apparelho mais 2 litros d'agua. As soluções obtidas depois de levadas a uma temperatura de 60° a 70° para coagular a albumina, são filtradas e evaporadas em banho-maria até a consistencia de xarope. Para prevenir a carbonisação do extracto que

adhere aos lados do vaso evaporatorio, colloquei um pano grosso entre as paredes dos dois vasos, o que garante o extracto do contacto do calor forte. A solução depois de estar na consistencia de xarope é deluida em alcool a 34° de *Cartier*, de maneira que a mistura depois de bem mexida marque 23° do mesmo areometro. Passadas 24 horas de maceração decanta-se o liquido, delui-se o residuo em 60 grammos d'agua e mais alcool até que marque de novo 27° de *Cartier*. A parte insipida e insolavel é despresada. Destila-se a solução para obter-se o alcool e o residuo evaporado cuidadosamente em banho-maria dá de 170 a 190 grammos de extracto, conforme a riqueza do centeio.

« De quatro vasos de ergotina com a marca authentica de Boujean dois tinham um cheiro impyreumatico muito apreciavel, o que bastante me surprehendeo, por quanto sendo o author muito interessado no successo do seu medicamento, não devia usar de evaporação a fogo nú. Foi depois de maduras reflexões que eu concebi a idéa da modificação de que trato acima, na maneira de proceder a evaporação, e que tem feito que meus productos tenham sempre um cheiro muito suave de osmosôma.

« Para verificar-se a presença de substancias impyreumaticas na ergotina, trata o extracto suspeito pelo ether sulphurico até que não se colore mais em amarello. O ether evaporado fornece um residuo amarellado que possui o cheiro particular que mencionamos acima, quando a substancia não tem parte carbonisada.

« De 14 amostras tomadas em differentes pharmacias e droguerias, uma só, como a minha, se dissolveo completamente no alcool a 27°, as 13 derão um deposito mais ou menos abundante, e 3 d'entre ellas não erão mais do que extractos brutos.

« Não terminarei este artigo sem dizer que a denominação

de ergotina foi imprópriamente dada ao extracto de centeio espigado: a terminação em *ina* não deve ser dada senão aos principios immediatos, que certos caracteres permitem conhecer facilmente, e não a extractos cuja natureza é complexa, e cuja composição é muitas vezes pouco conhecida. »

Policia medica.

(Continuação.)

Diz o art. 67 do Regulamento da Junta de hygiene publica o seguinte: « Os medicamentos compostos, de qualquer denominação que sejam, ou quaesquer outros activos, não poderão ser vendidos senão por pessoa *legalmente authorizada*. Os droguistas não poderão vender drogas ou medicamentos por peso medicinal, *nem poderão vender* os medicamentos compostos *chamados officinaes*. » Como tem sido até hoje entendidas as salutaes disposições deste artigo do Regulamento da Junta? Já está definido clara e positivamente o que é droguista? Quem são as pessoas *legalmente* habilitadas para *unicamente* venderem medicamentos *compostos*? Droguista, em todo o mundo civilizado, são individuos com alguns conhecimentos de pharmacia e licenciados para venderem *unicamente* em pesos maiores tanto para exportar, como para sortimento dos estabelecimentos publicos e particulares as drogas simples e os preparados chymicos de que fazem uso as artes e a medicina, e nos paizes aonde a saude publica é perfeitamente garantida, são elles obrigados a terem em seus armazens caixeiros pharmaceuticos. Droguista no rio de janeiro é todo o individuo, inclusive o taberneiro, que quer vender drogas e remedios preparados em suas tabernas, armazens de tintas, loges de ferragens, &c. Vejamos comtudo si apezar da falta de uma positiva classifi-

cação de droguista, os poucos que temos que merecem esse nome, e os muitos que assim se intitulão respeitão o que dispõe o artigo supra-citado. Pela maior parte elles vendem qualquer quantidade de drogas, como mesmo os medicamentos *chamados officinaes*, fazem mais ainda, porque alguns, alheios completamente as mais leves noções de pharmacia, ignorantes do que é materia medica, compoem e preparão elles mesmos esses *medicamentos officinaes*. Em pharmacia são classificados com este nome todos os medicamentos que tem longa conservação e que não podendo preparar-se momentaneamente, se fazem para guardar, taes como os extractos, os emplastos, unguentos, electuarios, tincturas, xaropes, &c., afim de que, quando prescriptos pelos medicos possão ser fornecidos de prompto. São portanto taes medicamentos, os que o regulamento da Junta de hygiene publica prohibe que os droguistas vendão, mas que elles continuão escandalosamente a vender, e mais ainda, a preparar. E porque razão até hoje nada se tem feito para obrigar a respeitar as providencias escriptas em prol da saude publica e garantia dos direitos e interesse dos pharmaceuticos? Não foi sem ponderosas razões de interesse da cummunidade brasileira que se organisou esse regulamento, foi para evitar que um *ferragista*, ao mesmo tempo droguista e por conseguinte fabricante de remedios, ignorante ácerca de negocio tão melindroso, não se sirva da mesma colher *com que acabava de tirar de um vidro bi-chlorureto de mercurio um dos mais terriveis venenos corrosivos, e hir sem lavar-a, nem mesmo limpal-a* tirar de um caixão sulphato de potassa, para servir outro freguez, como eu presenciei e pude evitar que se fizesse; foi para que por ignorancia completa de pharmacia e materia medica, não vendão fragaria por malvas; acido tartarico, por tartrato de potassa e soda como comigo se tem praticado; foi para que marcando-se os direitos e deveres de

cada um na sociedade, fosse a mesma sociedade garantida em sua saude.

E já algum dos contraventores do art. 67 do Regulamento de 29 de setembro de 1851 foi punido, ou mesmo ligeiramente encommoado pelo escandalo e immoralidade com que calcão aos pés as leis do paiz! E que admira que isto fação droguita e outros assim intitulos, quando ahi está-se vendendo publicamente por 1\$600 a garrafa O COZIMENTO DA SAPATEIRA FRANCEZA contra a diarrhea!!! É um remedio de *segredo* que inventou um sapateiro francez no acto de passar o cerol no fio com que devia coser os seus sapatos, mas que servio para coser o art. 67 do Regulamento da Junta combinado com o art. 30 que prohibe *ao proprio medico* preparar e vender remedios, excepto nos logares onde não houver botica aberta, quando a cidade do rio de janeiro tem *tantas* que algumas deverião fechar-se, em beneficio da humanidade! Para taes escandalos não ha terra como o brasil! Em frança todos os dias, por assim dizer, são levados a presença dos tribunaes correccionaes, os infractores dos regulamentos de policia medica e são severamente punidos. Raspail, um nome que pertence á sciencia, um medico de facto e chymico abalisado, foi punido, por applicar remedios sem ter o titulo de medico; e no brasil os Sands, os Candianis, os Yattes, os Carunchos, e quanto charlatão carunchoso ha, preparão, annuncião, e vendem remedios, inculcão-se curandeiros, visitão doentes, &c., e ainda por cima de tudo isto apparece o remedio DA SAPATEIRA FRANCEZA! Francezes que condenaste o sabio Raspail que direis a isto?! E eu não sei o que hei de dizer, nem a quem hei de culpar. Será á Junta central de hygiene publica? Não, a maior culpa não é della, é do paiz. (Continúa.)

CONTINUAÇÃO DA THESE

DO

Dr. Ezequiel Corrêa dos Santos.

SEGUNDA PARTE.

CHYMICA.

On peu regarder la chimie appliquée aux corps vivants, comme une science qui fournit des nouveaux moyens de observation, et permet de constater les resultats de la vitalité par l'analyse de ses produits.

CHAPTAL.

A analyse vegetal, esta parte importante da chymica analyticalica, ainda em fins do seculo passado se limitava a extrahir e purificar os diversos principios immediatos dos vegetaes, attendendo-se mais no estudo chymico das plantas ás applicações que seus differentes productos poderião ter nas artes, do que ao conhecimento exacto da sua natureza.

Aos processos simples e mechanicos empregados então succedeu o fogo que durante trinta annos foi o agente exclusivo destas analyses. Porém a observação da identidade de productos fornecidos por vegetaes mui differentes entre si mostrou a insufficiencia deste meio.

Depois recorrerão os chymicos ao emprego dos vehiculos como meio de extracção dos principios immediatos vegetaes.

Porém foi depois das descobertas de Priestley e Chaulnes, depois do conhecimento da composição da agua, e princi-

palmente depois dos trabalhos de Lavoisier sobre a combustão dos oleos e do alcool, que a chymica vegetal começou a surgir do cahos em que existia. Creárão-se novos processos, reformarão-se os antigos, e esta parte da chymica organica se elevou a um alto grau de perfeição, graças aos trabalhos de Pelletier, Froucroy, Vauquélin, Scheele, Gay-Lussac, Liebig, Bergmann, Chevreul e muitos outros.

Se percorrer-mos os diversos meios empregados successivamente para conhecer a composição immediata e elemental dos vegetaes, podemos, no estado actual da sciencia, reduzil-os a oito methodos geraes: 1.º, analyse mechanica natural; 2.º, analyse mechanica artificial; 3.º, analyse por distillação; 4.º, analyse por combustão; 5.º, analyse pela agua; 6.º, analyse pelos acidos e alkalis; 7.º, analyse pelo alcool e oleos; 8.º, analyse por fermentação.

Ajudado pelos conselhos de Berzelius, Dumas, Thenard, Laugier, Raspail, Orfila e Buillon-Lagrange, empreguei alguns destes processos, para chegar ao conhecimento dos principios constituintes da casca do *pau pereira*, com aquella exactidão que é compativel com os meus conhecimentos, e com a falta de alguns dos meios mais necessarios.

Attendendo a que são de duas ordens os corpos contidos nos vegetaes, corpos anorganicos, que existem nelles accidentalmente, e corpos organicos ou principios immediatos, dividi a analyse em absoluta ou anorganica, e immediata ou organica.

ANALYSE ABSOLUTA.

Para proceder a esta analyse, reduzi a cinza 32 onças de casca de *pau pereira*, submettendo-a a uma alta temperatura em um cadinho de Hesse. Conheci que a incineração era perfeita por não haver nas cinzas os pontos pretos, que indicão a existencia do carvão, e que produzem uma modificação

em sua côr, ou antes (o que julgo uma prova mais decisiva) por não haver pontos em ignição. As cinzas assim preparadas pesarão 780 grãos. (1)

Como todas as cinzas se compoem de saes alkalinos e materia insolvel, tratei primeiramente de separar esta daquelles. Para isso fiz ferver as cinzas com agua distillada, filtrei, e continuei a laval-as sobre o filtro, até que o liquido não offerceceu precipitado pelos reactivos.

Descreverei primeiramente a analyse da materia insolvel, e depois a dos saes alkalinos.

Depois de calcinada e porphyrizada fiz ferver a materia insolvel em um pequeno matraz com um excesso de acido acetico. Houve effervescencia e desprendimento de gaz acido carbonico.

Filtrei a solução acetica, e evaporei até secura para expellir o excesso de acido. Dissolvi o producto da evaporação em agua distillada; lancei nesta, agua de cal, que formou um abundante precipitado branco, floconoso, que se tornou rapidamente escuro. Este precipitado depois de calcinado foi dissolvido em acido hydro-chlorico; a dissolução assim obtida offerceceu os seguintes caracteres: precipitou em branco pela potassa; o precipitado tornou-se amarello, e depois escuro em contacto com o ar. A côr escura do precipitado appareceu mais rapidamente com a addicção de algumas gotas de chloro dissolvido.

(1) Esta proporção é constante em um mesmo vegetal ou em cada uma de suas diferentes partes, se suspendermos a incineração logo que tivermos reconhecido a ausencia do carvão, porque sem esta precaução o accrescimento de temperatura determinará a decomposição de todo o carbonato de cal, e a perda do acido carbonico produzirá uma differença tanto mais sensivel, quanto mais tempo se empregar nesta operação. Além de que esta perda se effectua com a decomposição total do carbonato de magnesia, decomposição operada antes da transformação de todo o carvão em acido carbonico. Daqui resulta: 1.º, que a proporção da cal caustica é tanto maior, quanto a incineração se tem effectuada em uma temperatura mais elevada ou por mais tempo continuada: 2.º, que a quantidade de acido carbonico nunca é sufficiente para saturar os alkalis, a magnesia, e a totalidade da cal, que a analyse mostra nas cinzas vegetaes.

Precipitou em branco pelo cyannureto amarello de potassio e ferro, pelo carbonato de potassa, e pelos phosphatos, boratos, e oxolatos soluveis.

Precipitou em cõr de rosa pelo hydro-sulphato de ammonia; o precipitado offereceu as mesmas mudanças de côres que o fornecido pela potassa.

Não precipitou pela agua.

Por estes caracteres, claramente se vê que o precipitado fornecido pela agua de cal era protoxido de manganez. Porém como elle poderia existir de mistura com a magnesia, que faz parte das cinzas de muitos vegetaes, procedi á sua separação da maneira seguinte: lancei na solução hydro-chlorica um ligeiro excesso de hydro-sulphato de ammonia, que precipitou todo o manganez; filtrei e evaporei o liquido para expellir o excesso do hydro-sulphato, e neste estado offereceu os phenomenos seguintes caracteristicos dos saes de magnesia.

Precipitou em branco pelos carbonatos alkalinos: — não precipitou pelos bi-carbonatos a frio, porém o precipitado teve lugar aquecendo-se a mistura dos dois liquidos. — a potassa caustica occasionou um precipitado branco, gelatinoso, que se não dissolveu em um excesso de potassa: — a ammonia não precipitou; porém concentrando-se o liquido, houve um pequeno precipitado branco: — o phosphato de soda e ammonia determinou um pequeno precipitado branco crystalino.

Vê-se pois que dos corpos contidos nas cinzas o acido acetico dissolveu a *magnesia* e o *protoxydo de manganez*. Além destes a solução acetica continha tambem *cal*, cuja presença verifiquei, antes de recorrer ao emprego da agua de cal.

O residuo insolavel no acido acetico depois de lavado foi tratado pelo acido muriatico. Tudo se dissolveu. Evaporei até seccura, e lançando então agua distillada para redissol-

ver os chloruretos, precipitou-se uma substancia, que, separada pelo filtro e lavada, offereceu os caracteres seguintes: era pulverulenta, branca, insipida, rude ao tocar, insolavel n'agua, e nos acidos; sendo calcinada com potassa dissolveu-se, e neste estado precipitou pelo acido sulphurico com aspecto gelatinoso. Esta substancia era pois *ciliça*.

O liquido restante foi evaporado em uma pequena capsula de porcellana, até seccar. Obtido o residuo, dissolvi-o em agua ligeiramente acidulada, demaneira a ter uma dissolução assaz concentrada, que filtrei, e tratei pelos seguintes reactivos: — *Potassa, oxalato de ammonia, e carbonato de potassa*, que fornecirão um precipitado branco.

Cyannureto de potassa e ferro, que tingio o liquido de azul, e deu um *precipitado branco*: — Hydro-sulphato de ammonia, que occasionou um precipitado côr de chocolate: — infusão de nós de galhas, que enegreceu a solução.

Por estes signaes suspeitei que havia no liquido uma mistura de chlorureto de calcio (1), ferro, e manganez. Mas para certificar-me da presença destes tres corpos, era necessario separal-os, o que consegui da maneira seguinte.

Em uma certa quantidade da dissolução muriatica já filtrada, que tinha reservado, lancei oxalato de ammonia afim de precipitar toda a cal e oxido de manganez, que por ventura existisse; houve um abundante precipitado, que sendo dissolvido em acido hydro-chlorico, e tratado pelo hydro-sulphato de ammonia, forneceu o *sulphureto de manganez* côr de rosa; ficou no liquido chlorureto de calcio, acido

(1) A presença da cal, na dissolução muriatica, é devida ao facto de haver nas cinzas pequena quantidade de oxydo de ferro, porque, se este oxydo existisse em quantidade sufficiente para saturar todo o acido phosphorico, não se encontraria cal no residuo do tratamento pelo acido acetico. Por isso supponho que o acido phosphorico existe (como provarei), nas cinzas do *paiz pereira*, combinado com a cal, e com o oxido de ferro; e portanto em uma proporção chymica maior que a de qualquer destes oxydos tomados isoladamente.

oxalico, e hydro-sulphato de ammonia. Separada assim a cal e o oxido de manganez da dissolução muriatica, lancei nella um excesso de carbonato de potassa, que precipitou todo o *ferro* no estado de carbonato.

Restava determinar se a materia insolvel das cinzas continha acido phosphorico. Para isso servi-me da mesma dissolução muriatica já no processo antecedente precipitada pelo oxalato de ammonia, e pelo carbonato de potassa; tratei-a pela solução concentrada de chlorureto de calcio; calcinei o precipitado que se formou, e dissolvi-o em acido hydro-chlorico: lançando então algumas gotas de ammonia, formou-se de novo um precipitado branco com aspecto da alumina hydratada. Decantei o liquido, e tratei o precipitado pelo acido sulphurico, que formou sulphato de cal pouco solvel e bi-phosphato da mesma base muito solvel, que reconheci pelos caracteres seguintes.

Precipitou em flocos brancos a agua de cal e de baryta; o precipitado dissolveu-se no acido nitrico, e reapareceu saturando este acido pela ammonia; o nitrato de prata deu um precipitado branco (pyro-phosphato);—precipitou em branco o sub-acetato de chumbo;—sendo aquecido com carvão até a temperatura rubra, forneceu cheiro alliaceo.

Por este processo chymico cheguei ao conhecimento de que a materia insolvel das cinzas da casca do *pau percira* se compunha de:

Cal — protoxydo de manganez — magnesia — oxido de ferro — ciliça — acido phosphorico — e acido carbonico.

Além destes corpos ella ainda contém traços de cobre, cuja presença só me foi revelada pela pilha.

SAES ALKALINOS.

Para chegar ao conhecimento dos saes soluveis, que compoem as cinzas, e ao mesmo tempo avaliar sua quantidade

evaporei até seccura o liquido das lavagens das mesmas. Obtive um residuo que sendo calcinado, pesou 340 grãos. (1)

A' medida que a evaporação se operava, formava-se na superficie do liquido uma pellicula de carbonato de cal.

Tratei de novo o producto da evaporação pela agua distillada, que dissolveu apenas uma parte. Separei o residuo insolovel n'agua, e sobre elle lancei acido hydro-chlorico; dissolveu-se com effervescencia outra parte, e ainda ficou sem se dissolver uma substancia branca pulverulenta, que reconheci ser sulphato de cal.

A presença destes dois corpos insoluveis, que forneceu a evaporação do liquido pelo calorico, prova que este agente e o contacto do ar athmosphérico determinarão reacções que derão um resultado diverso daquelle que existia primitivamente nas cinzas. Por muito lenta que fosse a evaporação do liquido, sempre obtive o mesmo resultado.

A'vista pois disto concluo; 1.º, que havia no liquido cal no estado caustico, que, combinando-se com o acido carbonico do ar, deu lugar ao corpo insolovel n'agua, porém solovel no acido hydro-chlorico (carbonato de cal):— 2.º, que o calorico determinou a reacção entre os sulphatos existentes no liquido e a cal, d'onde resultou um corpo muito pouco solovel n'agua, (2) e insolovel no acido hydro-chlorico (sulphato de cal).

Para contra-prova procedi a evaporação do liquido fóra da influencia do ar e do calor, o que obtive no vacuo da ma-

(1) Sommando esta quantidade com a do residuo insolovel, notei um producto maior do que o peso primitivo das cinzas. Este augmento de peso provém de que, durante a ebullição, a cal caustica que contém as cinzas reage sobre os carbonatos alkalinos, e lhes rouba uma certa quantidade de acido carbonico, e de que os alkalis livres roubão, substituindo o acido carbonico perdido, uma quantidade equivalente de agua que a calcinação não póde separar.

(2) Uma parte deste sal exige para se dissolver 461 de agua.

china pneumatica, e então o producto se dissolveu completamente n'agua.

Passarei a indicar as mudanças que produziu cada um dos reactivos sobre a solução concentrada dos saes assim obtidos.

Chlorureto de platina. — Este reactivo deu lugar a um precipitado amarello alaranjado, que triturado com a cal, não deu cheiro de ammonia.

Oxido de ammonia. — Este sal precipitou abundantemente em branco; o precipitado dissolveu-se no acido nitrico.

Potassa a alcool. — Este alkali occasionou um precipitado que se não dissolveu em um excesso deste reactivo, porém dissolveu-se no acido nitrico.

Ammonia liquido. — A ammonia turvou ligeiramente a solução. O acido nitrico restituiu ao liquido a sua transparencia.

Sulphureto de potassa. — Este reactivo forneceu um precipitado branco, gelatinoso.

O precipitado tratado pela potassa se dissolveu e não deu cheiro de acido hydro-sulphurico pelo acido nitrico.

Carbonato de potassa. — A dissolução deste sal forneceu um precipitado que se dissolveu com effervescencia no acido nitrico.

Nitrato de prata. — O nitrato de prata em contacto com a solução, deu lugar a um precipitado branco em fórma de leite coalhado, insolvel n'agua, e no acido nitrico, porém solvel na ammonia. Este precipitado exposto á luz solar tornou-se rapidamente azul, esta alteração se manifestou tambem, mas lentamente, na luz diffusa.

Nitrato de baryta. — Este reactivo determinou um precipitado branco, mesmo estando a solução muito diluida; o precipitado não se dissolveu no acido nitrico.

Nitrato de cal. — A dissolução deste sal determinou no liquido um precipitado branco, que se dissolveu com effervescencia no acido nitrico.

Por estes caracteres claramente se vê que os saes soluveis das cinzas se compoem de potassa, cal, alumina, chloruretos, sulphatos e carbonatos. (1)

ANALYSE ORGANICA.

Os corpos que a analyse absoluta nos offereceu no *pau pereira* encontram-se nelle, como em todas as plantas, accidentalmente. Aquelles, de que vou tratar, pelo contrario constituem immediatamente os vegetaes; são elles que, na maioria dos casos, dão aos vegetaes suas propriedades medicinaes. Por isso é esta a parte mais importante da *chymica vegetal*.

Afim de conhecer os principios immediatos contidos na casca do *pau-pereira*, submetti-a ainda fresca a uma forte pressão; obtive um succo de uma côr avermelhada, com o cheiro e sabor da casca. Este succo sendo filtrado, tornou-se semi-transparente. Triturei o bagaço com agua distillada até esta sahir insipida e sem côr.

Reuni as aguas de lavagem ao succo; filtrei evaporei moderadamente em banho-maria.

Ficou entre o filtro uma substancia, que, sendo lavada, offereceu os caracteres seguintes; — era branca, sem cheiro, insipida, macia ao tacto, insolavel no alcool, n'agua fria, porém solavel n'agua fervendo, e formando uma especie de geléa. Esta geléa tomou a côr azul pela tintura de iode. Esta substancia era evidentemente *amido*.

(1) Não se deve comtudo concluir que o resultado da analyse das cinzas represente a composição fiel do vegetal vivo. Modificações se operão durante a incineração que alterão a natureza dos saes: assim os nitratos e carbonatos desaparecem; os saes de base terrosa e acido vegetal se transformão em carbonatos ou em oxydos; duplas de composições se operão, &c.

A medida que a evaporação se fazia, apparecião frocos na superficie do liquido ; estes frocos insolueis no alcool e na agua, soluveis pelo contrario na potassa neutralizando seu sabor caustico, erão formados pela *albumina*.

O succo separado da secula amilacia, e da albumina pelo filtro, era transparente ; continuei a evaporal-o ao calor de banho-maria até consistencia de xarope pouco espesso. Separei uma parte, e continuei a evaporar o resto até consistencia de extracto.

Lancei na porção que tinha separado um excesso de alcool ; obtive um precipitado com os caracteres seguintes : era pulverulento, amarello palido, muito solúvel n'agua, amargoso ; em contacto com o acido nitrico se dissolveu, e tornou o liquido de uma côr vermelha intensa ; tratado diversas vezes pelo alcool, tornou-se branco e insipido, e sendo então aquecido com cinco vezes o seu peso de acido nitrico deluido não houve mudança de côr, dissolveu-se, e precipitou pelo resfriamento um pó branco pouco solúvel n'agua fria, de sabor ligeiramente acido, que pareceu acido mucico. O precipitado fornecido pelo alcool era por consequencia *gomma unida a uma materia corante amarga*. A existencia deste principio me foi tambem revelada pelo seguinte processo : — Tratei diversas vezes o extracto pelo alcool, que dissolveu tudo, menos uma substancia viscosa, insipida, sem cheiro, e muito solúvel n'agua. Este corpo era o mesmo que aquelle obtido pelo primeiro processo.

O liquido separado da resina era muito colorido, de um sabor muito amargoso. Foi posto neste licor um ligeiro excesso de ammonia : houve um precipitado pulverulento, amarello, solúvel no alcool e nos acidos. Este corpo era o *principio activo ou Pereirina*.

O liquido filtrado era de uma côr avermelhada, e conservava o sabor amargoso. Sendo evaporado moderadamente,

deixou um residuo extractiforme, viscoso, muito solúvel n'agua, insolúvel no ether; tratado pelo acido nítrico dissolveu-se, houve decomposição do acido, e o liquido tornou-se vermelho. Esta substancia era *principio extractivo amargo unido a materia corante*.

A casca que forneceu o succo, sendo tratada pelo alcool e pelo acido hydro-chlorico diluido forneceu o *principio lenhoso ou fibra vegetal*.

PEREIRINA.

Depois que Seguin em 1804 descobriu a morphina, depois que Sertuerner, estudando melhor esta substancia creou a classe dos alkalis vegetaes, as plantas narcoticas forão objecto de pesquisas analyticas da parte de todos os chymicos. A descoberta porém da quinina tornou provavel a existencia de productos analogos em todas as plantas dotadas de virtudes energicas.

Foi movido por esta probabilidade que meu Pae extrahio, em 1833, o *principio activo* da casca do pau pereira, que denominou *pereirina*.

É sem duvida na separação dos principios activos dos medicamentos que a chymica se presta com mais successo em proveito da therapeutica: por este meio ella destroe os inconvenientes que resultão das grandes doses, que somos forçados a administrar para obter resultados therapeuticos, fornece um agente, cuja acção é muito menos fallivel, e finalmente dá a facilidade de terminar com precisão a dose empregada.

Este principio immediato é pulverulento, inodoro, de uma côr amarella, de um sabor excessivamente amargoso, insolúvel n'agua em todas as temperaturas, nos oleos fixos e nos alkalis, solúvel no alcool e no ether.

Estando em contacto com o ar, a *pereirina* não soffre alteração na temperatura ordinaria. Sendo porém aquecida

em uma capsula, derrete-se communicando ás paredes desta uma côr arroxada, decompõem-se e deixa um carvão volumoso e leve. Exposta á chama de uma vela, arde rapidamente com uma luz viva e avermelhada, produzindo muita fumaça. Sendo distillada fornece, além dos productos ordinarios das materias vegetaes, uma certa quantidade de ammonia.

Tratada pelo acido nitrico concentrado, ella torna-se de uma bella côr roxa que desaparece com a addição de algumas gotas de ammonia, ou algum tempo depois de sua exposição ao ar.

Ella satura os acidos, e fórma com elle saes, que não envermelhecem a tinctura de lournesol, nem enverdecem o xarope de violetas.

Incristalisavel?...

SAES DE PEREIRINA.

Todos são amarellos, soluveis, e conservão o sabor amargoso da base. Estando dissolvidos precipitão pela infusão da nós de galha e pelo tanino. Lançando-se uma solução de bi-chlorureto de mercurio em um sal de *pereirina* dissolvido, forma-se um precipitado de chlorureto de mercurio e *pereirina*.

O iodureto de potassa também precipita os saes de *pereirina*; o precipitado é o iodureto de *pereirina*. Lançando-se a *pereirina* em uma solução de iode, immediatamente o liquido se descora, e o iode é absorvido. O sulphureto de potassa precipita os saes de *pereirina* em amarello alaranjado; o precipitado é o sulphureto de *pereirina*.

Os chloruretos de potassio, de alumina, de estanho, os alkalis e seus carbonatos, e a maior parte dos saes das ultimas quatro classes precipitão igualmente a *pereirina* de suas dissoluções salinas.

O sesqui-chlorureto de ferro e os tartratos neutros de potassa e soda não teem acção sobre os saes de *pereirina*.

Os saes de *pereirina* dissolvidos se decompõem por uma corrente voltaica; a *pereirina* é transportada ao pólo negativo, e o acido ao positivo.

PROCESSO PARA SE OBTER A PEREIRINA.

Muitos são os processos, pelos quaes se pôde obter a *pereirina*. Os liquidos que resultão da expressão, maceração, infusão, e decocção do *pau pereira*, fornecem todos este producto sendo tratados pelos alkalis e seus carbonatos. Mas assim obtida é impura. O seguinte processo me parece o melhor.

Trata-se a infusão aquosa e fria do liber da casca pela cal extincta lançada por pequenas porções até que o liquido fique ligeiramente alkalino. Filtra-se e faz-se seccar o deposito de cal e *pereirina* em uma temperatura pouco elevada. Logo que estiver secco, reduz-se a pó, e faz-se macerar em alcool a 35° e fervendo. Repete-se a maceração até que toda a *pereirina* se tenha dissolvido; reúnem-se os licores e distillão-se em banho-maria para tirar quasi a totalidade do alcool. Dissolve-se o residuo da distillação em agua distillada ligeiramente acidulada com acido sulphurico; lança-se na dissolução, assim obtida e filtrada, carvão animal em quantidade sufficiente para a descorar; depois de tres dias de maceração, filtra-se de novo. O liquido que se obtem é de uma côr amarella alaranjada, e muito amargo; lançando-se dentro ammonia liquida, precipita-se a *pereirina*; depois lava-se e secca-se. (1)

(1) Meu Pae obtem hoje a *pereirina* pelo seguinte processo — Esgota por meio de repetidas infusões a casca do *pau pereira*, reduz os liquidos a um pequeno volume e filtra; lança sobre o producto uma solução fraca de carbonato de potassa até não dar mais precipitado; lava este repetidas vezes com

NATUREZA.

A analyse alimentar ou distillação gasosa da *pereirina*, dando o conhecimento de sua composição, resolveria sem duvida o problema de sua natureza. Porém não me foi possível recorrer a este meio. Comtudo, apesar desta falta, posso afirmar que a *pereirina* é um alkali; 1.º, porque goza de propriedades basicas; 2.º, porque é azotada.

Digo que a *pereirina* goza propriedades basicas, porque forma com os acidos combinações estaveis; (2) e que é azotada, porque o producto de sua distillação era sensivelmente ammoniacal. Ora, no estado actual da chymica vegetal, não se conhece principio immediato algum azotado com propriedades basicas que não seja alkaloide.

Tem-se dito que a *pereirina* é um *resinato ammoniacal*. Sendo assim, pergunta-se: porque razão a potassa, que elimina a ammonia de todos os saes ammoniacaes, não altera, ao menos na apparencia, a composição da *pereirina*? porque não se decompõem ella debaixo da influencia da pilha? como conceber que o *pretendido resinato ammoniacal* se conserve sempre o mesmo corpo depois de reacções successivas?

Aos que assim pensão por simples hypothese, ou quiça por desprezar o trabalho de um pharmaceutico brasileiro,

agua distillada, para privar-o do excesso de carbonato. Dissolve este precipitado em agua ligeiramente acidulada pelo acido sulphurico; trata a solução assim obtida pelo carvão animal, filtra de novo, e precipita-se pela ammonia liquida. Este precipitado depois de bem lavado e secco ao calor da estufa, constitue a *pereirina*.

Com quanto este processo seja mais prompto em sua manipulação, um pouco mais economico, e dê em resultado um producto igual em seus effeitos medicamentosos ao do processo supracitado, comtudo a *pereirina* por elle obtida é mais carregada na côr.

(2) Diz *Berzelius*—Lors qu'il s'agit de determiner si un corps végétal joue le rôle de base ou non, il ne faut pas s'en tenir exclusivement à la propriété du corps de neutraliser parfaitement les acides; car un grand nombre de base inorganiques sont dépourvues de cette propriété; il faut s'assurer si la substance en question forme, avec les acides, des combinaisons qui n'abandonnent leur acide par l'évaporation, lors qu'il est volatil, ou si la base ne se dépose pas de sa dissolution dans un acide, à l'état isolé et cristallin come de la dissolution dans un dissolvant neutre.

respondo com a analyse e com a anthoridade de Pelletier, Perreti, e Behreng, que todos certificão ser a *pereirina* obtida por meu Pae um alkaloide.

Como resultado final temos, que a *casca do pau pereira* é composta de — amido — albumina — gomma — risina — materia corante — principio extractivo amargo — principio activo ou *pereirina* — principio lenhoso ou fibra vegetal.

Saes, que são :

Sulphatos—hydro-chloratos } com base de potassa, cal, alumina, protoxydo de manganez, — Phosphatos — carbonatos } magnesia, e oxydo de ferro.

Siliça — e oxydo de ferro
Cobre oxydado (traços)

(*Continúa.*)

**Artigo traduzido enviado de paris pelo socio
Ernesto Frederico dos Santos.**

DA PROTEINA NO TRATAMENTO DAS ESCROPHULAS.

« Os trabalhos de Muldez sobre a *proteina* são conhecidos ; esta substancia segundo esse chymico só por si constitue todas as materias asotadas que entrão na composição de nossos tecidos com um ou dois equivalentes de phosphoro ou enxofre conforme a natureza da substancia. Admittida esta idéa, é evidente que se deveria procurar empregar a *proteina* no tratamento de muitas molestias ; é o que fez o Dr. J. Taylor que diz ter por ella tratado com exito a muitos escrophulosos. O 1.º factó por elle referido é relativo a uma creança de cinco annos que tinha desde a época da dentição, ganglios engorgitados no pescoço e verilhas, offerecendo innumeradas ulcerações em diversas partes do corpo, palida e emagrecida, tendo feito uso per espaço de seis semanas, sem melhora alguma, do ferro e outros tonicos associados ao iode. Receitou-se-lhe 15 centigrammos de *proteina* tres vezes ao dia em agua assucarada. Uma semana depois a creança estava melhor, com aspecto mais favoravel e augmento de appetite : em um mez tinha ganho boa disposição, muitas ulceras estavam cicatrizadas, mas tinham-se aberto algumas outras. A dose

da *proteina* foi elevada a 20 centigrammos tres vezes por dia, e as ulceras tratadas com pommada de zinco. Ao 3.º mez só restavam quatro ulceras e alguma que se formava era sempre menor do que as que a tinham precedido. Elevou-se a dóse da *proteina* a 25 centigrammos 3 vezes por dia, e ao 4.º mez apenas restavam tres a quatro ulceras, e a creança parecia gozar tão boa saude, que os paes, por economia, suspenderão o tratamento. Não se tinham porém passado quinze dias quando ella começou de novo a enfraquecer e a *proteina* foi novamente usada por dois mezes, no fim dos quaes a creança estava perfeitamente curada.»

« O 2.º caso trata de outra creança de dois annos de idade, com o ventre tumefacto, gangleos engorgitados, numerosas ulceras em diversas partes do corpo, tendo apresentado symptomas de tuberculos mesenterios na idade de nove mezes. Administrase-lhe tres vezes por dia 10 centigrammos de *proteina*, e cinco centigrammos de carbonato de soda secco em agua assuearada. Um mez depois não parecia a mesma; estava bem disposta, tinha-se-lhe desenvolvido o appetite e a força.

« A *proteina* obtem-se dissolvendo quer a albumina, quer a fibrina ou o tecido muscular em uma lexivia de potassa sufficientemente concentrada, mantida na temperatura de 50.º Formase uma pequena porção de sulphureto e de phosphato de potassa á custa do enxofre e phosphoro contidos na materia organica. Ajuntando-se á solução um ligeiro excesso de acido acetico, precipita-se uma materia galatinosa que se poem em um filtro, e lava-se até que a agua que sahir não contenha mais vestigios de acetato de potassa. Esta materia assim preparada, é a *proteina*.»

Apezar de reconhecer-mos nossa diminuta capacidade para tudo e principalmente no que diz respeito a materias scientificas, somos levados por nosso pequeno raciocinio a pensar que a *proteina*, deve ser com vantagem applicada nas escrophulas que em grande numero existem no rio de janeiro, nossa querida patria; por isso traduzimos e enviamos este artigo, com o fim de habilitar nossos collegas pharmaceuticos a prepararem a *proteina* pelo processo acima escripto, e mais ainda a convidar os nossos distinctos clinicos a prescrevel-a quando tiverem algum doente escrophuloso. E' unicamente o amor da humanidade e da patria quem nos impelle a assim proceder-mos.

ERNESTO.

CONTINUAÇÃO DA THESE

DO

Dr. Ezequiel Corrêa dos Santos.

SEGUNDA PARTE.

THERAPEUTICA.

Telle est l'importance de la therapeutique, qu'elle donne, pour ainsi dire, la vie à toutes les branches de la médecine. Sans elle, en effet, il n'y a plus de médecine pratique; avec elle, la médecine est la plus belle des toutes les sciences et le plus noble de tous les arts.

J. B. BOUSQUET.

Duo sunt medicinæ cardines, ratio scilicet et observatio; observatio tamen est filum ad quod dirigi debent medicorum ratiocinata.

BAGLIVIO

Não foi só para embellesar a superficie da terra, não foi só como alimento, que o Author da Natureza creou um tão prodigioso numero de vegetaes. O uso das plantas é ainda mais nobre, se attendermos a que ellas constituem um recurso consolador a nossos males. É entre ellas que o medico encontra a maior copia de medicamentos.

Mas antes de indagar as propriedades de uma planta, deve o medico procurar estudal-a como substancia natural. É depois de obtido o conhecimento previo de seus caracteres botanicos, de sua analogia natural, de suas qualidades sensitivas, e de sua composição chymica, que elle deve proceder

à observação de suas propriedades medicinaes. Assim, sabendo a que familia pertence o vegetal, o medico pôde á *priori* suspeitar sua acção therapeutica (1); conhecendo as qualidades sensiveis, elle pôde tambem ter dados aproximativos a respeito de sua maneira de obrar sobre a economia animal (2); finalmente com a analyse da composição chymica, elle conhece qual é a parte activa do vegetal, e evita sobre-carregar o doente com quantidades consideraveis de substancia inerte; além disto, o conhecimento da composição chymica da planta esclarece o medico a respeito da maneira de preparal-a, do vehiculo e da fórmula em que deve administral-a. Foi esta a ordem que segui no estudo do *pau pereira*.

Foi o Illm.^o Sr. Dr. Silva, infatigavel cultor da materia medica brasileira, o primeiro medico que estudou as propriedades desta planta. Tendo recebido, em 1831, do Sr. Isaias d'Oliveira Vargas, fazendeiro de Capivary, uma porção de casca deste vegetal, e attendendo aos seus caracteres physicos, o Sr. Dr. Silva prescreveu seu cozimento para uma doente de febre intermittente. Animado pelo resultado desta primeira tentativa, continuou a observar sua acção em identicas circumstancias, e sempre com o mesmo successo.

Numerosas observações colhidas depois na clinica civil, no hospital da misericordia, no recolhimento das orphãs, confirmarão a efficacia deste agente therapeutico.

(1) Admitto a analogia botanica e de propriedades, mas para um certo numero de familias, ou antes de grupos, porque muitas excepções infirmão esta lei de De-Candolle: assim julgo que seria temerario o medico, que do conhecimento das propriedades das rubiaceas quizesse deduzir pela analogia as da ipecacuanha: que pelo mesmo principio quizesse comparar a acção da cicuta com a da cenoura e da salsa; a do *pau pereira* com a dos individuos da familia das apocineas, &c.

(2) Sabe-se que em materia medica, certos agentes therapeuticos podem ser classificados sómente pelo sabor: assim como os tonicos amargos, os mucilaginosos, &c. Foi o sabor amargoso do *pau pereira*, que determinou o Sr. Dr. Silva a empregar-o nas febres intermittentes.

Além desta acção especifica, a casca do *pau pereira* tem sido administrada com vantagem no endurecimento do tecido cellular, nas diarrheas chronicas, nas hemorragias passivas, na asthenia, e como meio prophylatico das erysipellas.

OBSERVAÇÃO 1.^a — A Snr.^a R... padeceu por espaço de 14 annos de elephantiasis dos gregos. A cicatrisação das ulceras se operou; mas como frequentemente acontece, ella foi seguida de frequentes insultos de angio-leucite em ambos os membros abdominaes, sendo um delles tão pronunciado, que as coxas da doente ficarão *volumosissimas, duras como lenho, e frias*; os banhos do *pau pereira*, empregados pelo Sr. Dr. Silva, triumpharão destes accidentes. (1)

OBSERVAÇÃO 2.^a — Uma parenta do Sr. conego Fernandes da Silveira era acommettida de erysipellas, que terminarão por induração; os banhos do *pau pereira* restituirão á doente o seu estado normal.

OBSERVAÇÃO 3.^a — O Sr. Francisco de Paula Brito era frequentemente affectado de erysipellas, que desapparecerão com o uso do cozimento do *pau pereira*.

OBSERVAÇÃO 4.^a — Uma filha do Sr. Damaso da Costa Oliveira, menina de tres annos de idade; por não se ter feito em tempo a abertura de um abscesso inguinal, soffreu consecutivamente onze, sendo um mui vasto, e situado debaixo da aponevrose da coxa esquerda; estava marasmatica, pallida, sem appetite. Este estado asthenico foi combatido por meio de banhos de *pau pereira*.

O uso desta substancia deve convir nas affecções essencialmente adynamicas, como a chlorose, as escrophulas, o es-

(1) Veja-se a respeito desta observação, a excellente these do Sr. Dr. Silva filho, apresentada em 1847 á Faculdade de Medicina.

corbuto; na gangrena, nas úlceras atônicas, no typho com prostração de forças, &c.

É principalmente no tratamento das febres intermitentes que convém o emprego do *pau pereira*. Seus effeitos nesta enfermidade são de tal sorte assignalados, que deve ser considerado como um específico. Febres intermitentes de todos os typos, simples, complicadas, e graves, cederão ao uso mais ou menos prolongado do cozimento do *pau pereira*. Algumas forão rebeldes a sua acção; porém em compensação, outros casos houverão, que, tendo resistido ao sulphato de quinina, forão debelladas por este novo anti-periodico. Segundo a opinião de um de nossos praticos, a inefficacia do *pau pereira*, em algumas febres, depende da pouca saturação do cozimento. (1)

OBSERVAÇÃO 5.^a — Theodoro Antonio Ferreira, 22 annos de idade, portuguez, temperamento sanguineo, compleição forte, marinheiro; entrou para a 3.^a enfermaria de medicina do hospital da misericordia a 4 de maio de 1836. Havião 6 dias que soffria de uma intermittente quotidiana com engorgitamento de baço. Prescreveu-se-lhe o cozimento da casca de *pau pereira* para se lhe dar durante a intermissão. No dia 5 não voltou o accesso; porém continuou no uso do cozimento até o dia 9. Este doente sahio livre das sessões; porém conservando ainda algum engorgitamento de baço.

OBSERVAÇÃO 6.^a — Benedicto Pinto, de 40 annos de idade, Calabar, constituição robusta, temperamento sanguineo, trabalhador de enxada, entrou para o hospital da misericordia a 30 de setembro de 1836. Trabalhando constantemente em

(1) Essas febres, diz elle, resistião ao cozimento da casca do *pau pereira*, como um grande numero dellas resiste ao da casca peruvianna, e exige o sulphato, ou a quina em pó, ou seu extracto em grande quantidade. Varios casos, em que a febre que parecia rebelde, cedeu ao emprego do cozimento mais forte, já tendião a confirmar a nossa opinião.

logares pantanosos, este doente foi acommettido de accessos violentos de febre intermittente quotidiana, complicada com hepatite, e symptomas geraes de excitação. Depois de empregado o tratamento anti-phlogistico, receitou-se-lhe o cozimento do *pau pereira* para tomar durante a apyrexia. Depois desta prescripção o accesso só reapareceu ao segundo e ao quinto dia. (1)

OBSERVAÇÃO 7.^a — Antonio Coelho, 17 annos, portuguez, robusto, sanguineo, caixeiro; entrou para a 3.^a enfermaria de medicina do hospital da misericordia a 6 de outubro de 1336 com uma febre intermittente, complicada com embaraço gastrico e vermes intestinaes. Depois de algumas depleções sanguineas, receitou-se-lhe cozimento do *pau pereira*; ao 3.^o dia deste tratamento a febre cedeu.

OBSERVAÇÃO 8.^a — Uma filha do Sr. senador Vergueiro soffreu uma febre intermittente perniciosa com symptomas cerebraes, metro-peritonite, e gastro-enterite. O Sr. Dr. Silva, depois de empregados os meios anti-phlogisticos, recorreu aos banhos do *pau pereira* repetidos de hora em hora, Com este tratamento, e em 24 horas, os accessos desapparecerão. (2)

OBSERVAÇÃO 9.^a — O Sr. Benjamin...., hoje residente em Maricá, soffreu uma intermittente terçã, que por muito tempo resistio ao emprego do sulphato de quinina em altas doses. O Sr. Dr. Silva presereveu internamente o cozimento da casca do *pau pereira*, e em dois dias a febre cedeu.

OBSERVAÇÃO 10.^a — Laura, escrava da irmã do Sr. Dr. Silva, foi acommettida em 1831 de uma febre intermittente

(1) O doente que é objecto desta observação, depois de restabelecido da febre intermittente, soffreu uma pleuro-pericardite, que foi debatida mediante o tratamento apropriado.

(2) Esta doente foi vista pelos Srs. Drs. Sigaud e Cuissart.

quotidiana, que desapareceu ao segundo dia da administração do cozimento da casca do *pau pereira*. (1)

Limito-me a apresentar estes factos, porque os julgo sufficientes para mostrar a propriedade anti-pyretica da casca do *pau pereira*. Além destes, são tantos os que comprovão esta propriedade, que seria necessario escrever volumes para reproduzil-os todos. Os Srs. Drs. Valladão, José Bento da Rosa, Feital, Sigaud, Pereira Rego, Maia, Paula Menezes, De-Simoni e muitos outros tem empregado o *pau pereira* nas febres intermittentes, e confirmão a potencia absoluta deste agente. Porém é o Sr. Dr. Silva aquelle, que maior somma de observações possui para avaliar a potencia relativa deste novo anti-periodico, e por isso elle colloca o *pau pereira* a par do sulphato de quinina.

O Sr. Dr. Sigaud diz ter empregado com vantagem os banhos geraes do *pau pereira* nas pyrexias intermittentes graves dos meninos. (2) E não será mesmo nestes casos o seu uso preferivel ao sulphato de quinina? Isto ainda está de accordo com as observações do Sr. Dr. Silva.

A *pereirina* representa o principio activo isolado da casca do *pau pereira*. Ella goza, porém em maior grau, das propriedades tonicas, e sobre tudo febrifoga da casca que a fornece. Sendo administrada em pequenas doses, a *pereirina* limita sua acção ao tubo digestivo, provocando o appetite e facilitando a digestão. Em doses elevadas é absorvida, e então seus effeitos se manifestão em toda a economia. Assim os doentes se queixão de secura de bocca, sensação de calor no estomago; a circulação se accelera, o pulso torna-se cheio, o calor animal se augmenta, &c. O seu uso prolonga-

(1) Foi esta a primeira doente, em quem o Sr. Dr. Silva empregou o *pau pereira*.

(2) Du climat et des maladies du Brésil. — Pag. 251.

do, e em altas doses, determinará como o sulphato de quinina cephalalgias, vertigens, obscurecimento da vista, zumbido nos ouvidos, nauseas, &c.? Exercerá ella a mesma acção nas inflamações do baço? Terá a mesma influencia hyposthenisante sobre o systema *cardio-vascular*? Aproveitará ella como o sulphato de quinina, em todas as affecções intermitentes? O tempo o decidirá.

É sómente como febrifuga que se tem usado da *pereirina*; é tambem esta a sua propriedade mais importante.

OBSERVAÇÃO 11.^a — Um moço de 14 annos de idade, portuguez, de temperamento sanguineo, marinheiro, tinha chegado, havia poucos dias, de Ubatuba, onde contrahio febres terçãs, acompanhadas de uma hepato-splenite. Depois de algumas depleções sanguineas locaes, prescreveu-se-lhe a *pereirina* em pilulas. Porém, como os accessos conservavão a mesma intensidade, mudou-se de formula, e receitou-se-lhe 24 grãos de *pereirina* dissolvida por meio de acido sulphurico em xarope simples. Em 8 dias desaparecerão os accessos.

OBSERVAÇÃO 12.^a — Um homem opilado, de 50 annos de idade, trabalhador e morador em S. Gonçalo, soffria, havia 15 dias, de febres intermitentes quotidianas. Ao 6.^o dia de administração da *pereirina* cessarão os accessos.

OBSERVAÇÃO 13.^a — Um menino de 16 mezes de idade, foi affectado de febre intermittente, complicada com gastro-enterite, diarrhea, phenomenos cerebraes e vermes. Depois de tratado pelos meios anti-phlogisticos directos e indirectos, desaparecerão as complicações; porém os accessos continuarão a ter logar todas as tardes. Administrou-se-lhe em fricções 6 grãos de *pereirina* dissolvida por meio do alcool; porém, como a febre resistisse, prescreveu-se a *pereirina* internamente na dõse de 4 grãos, dissolvida por meio do acido sulphurico em duas onças de xarope de gomma. Mas

como o doente accusasse muita sêde, mudou-se de formula, e administrou-se limonada sulphurica, uma libra; *pereirina* 12 grãos. Os accessos desaparecerão com a segunda porção.

OBSERVAÇÃO 14.^a — Uma Sra., moradora na rua do Lavradio, soffria de rheumatismo articular e accessos de febre intermittente quotidiana. As dores e a intumescencia articulares desaparecerão mediante o tratamento apropriado; mas a febre persistia. Receitou-se-lhe infusão de sementes de linho, 1 libra, *pereirina* 12 grãos, acido sulphurico q.s., xarope de gomma 8 onças. Ao 3.^o dia desta medicação cessarão os accessos.

OBSERVAÇÃO 15.^a — José Antonio de Souza, 60 annos de idade, portuguez, constituição fraca, temperamento bilioso, morador na villa de Magé, foi acommettido no dia 26 de março de 1838, de uma febre intermittente quotidiana, No dia 27 receitou-se-lhe *pereirina* 12 grãos, xarope commum 8 onças, acido sulphurico q.s. No dia 29 prescreveu-se de novo o xarope com 8 grãos de *pereirina*. No dia 30 cessou a febre.

OBSERVAÇÃO 16.^a — Elisa, 11 annos, constituição debil, escrava do Sr. coronel Thomaz José de Siqueira, residente na villa de Magé, soffreu durante um mez de uma febre intermittente terçã simples, que resistio ao sulphato de quinina em alta dôse. Receitou-se-lhe *pereirina* 12 grãos, xarope commum 8 onças, acido sulphurico q.s., para tomar ás colheres durante a apyrexia. A febre cedeu a esta primeira prescripção.

OBSERVAÇÃO 17.^a — Marcelino, 8 annos, escravo do Sr. Manoel Vaz Diniz, morador na villa de Magé, era acommettido todos os dias ás 11 horas de accessos de febre intermittente. Ao 5.^o dia da molestia prescreveu-se-lhe *pereirina* 8 grãos, xarope commum 6 onças, acido sulphurico q.s. Em 6 dias se restabeleceu com este tratamento.

OBSERVAÇÃO 18.^a — Luiz, 11 annos, constituição debil, lymphatico, filho do Sr. Vicente José Lopes, negociante residente na villa de Magé, soffreu uma febre intermittente terçã, que resistio ao sulphato de quinina empregado por espaço de 11 dias. Receitou-se-lhe *pereirina* 16 grãos, xarope commum 8 onças, acido sulphurico q.s. para tomar uma colher de sopa de hora a hora, e infusão de linhaça para bebida ordinaria. Ao 3.^o dia deste tratamento accoessou o doente falta de evacuações, em consequencia do que tomou meia onça de oleo de ricino. No 4.^o dia reapareceu o accesso por abuso de dieta; suspendeu-se o uso da *pereirina*, e deu-se cozimento de althea e cevada, adoçado com xarope de gomma. Ao 6.^o dia prescreveu-se de novo a *pereirina* associada ao opio debaixo de fórma pilular. Com esta ultima prescripção cedeu a febre.

OBSERVAÇÃO 19.^a — Antonio da Silva Ribeiro, idade 44 annos, portuguez, constituição forte, temperamento sanguineo, canteiro, trabalhador na casa de correcção, foi acommettido no dia 24 de dezembro do anno passado, de accessos violentos de febre intermittente terçã; tomou por deliberação propria um vomitorio pouco antes do accesso, julgando que assim destruia a anciedade que costumava acompanhar-os. Ao 5.^o dia de molestia (dia intercalar) receitou-se-lhe *pereirina* um escropulo, agua distillada 6 onças, acido sulphurico q.s. No dia seguinte o accesso reapareceu com a mesma intensidade; receitou-se 20 pilulas compostas cada uma de 3 grãos de *pereirina*, para tomar 4 por dia. Depois desta prescripção o accesso só reapareceu uma vez.

OBSERVAÇÃO 20.^a — José Bento da Silva, 26 annos, natural da hespanha, constituição forte, temperamento sanguineo; entrou para o hospital da misericordia a 2 de maio de 1847, e occupou um dos leitos da enfermaria á cargo do Sr. Dr. Valladão. Em consequencia de uma viagem violenta que fizera de

S. Christovão a Botafogo, este doente contrahio uma febre intermittente irregular, complicada com embaraço gastrico e hepato splenite. Depois de submettido ao tratamento anti-phogistico, prescreveu-se-lhe *pereirina* 12 grãos, agua distillada 8 onças, acido sulphurico q. s. Ao 3.º dia deste tratamento apresentou-se o accesso, e como havia falta de evacuações, receitou-se clyster purgativo. Ao 5.º dia reduzio-se a dóse da *pereirina* a 6 grãos; com este tratamento se conservou por mais 5 dias, depois do que teve alta.

OBSERVAÇÃO 21.ª — Uma filha do Sr. Francisco de Paula Brito, soffreu, em 1838, de uma febre intermittente perniciososa, que cedeu, depois de alguns dias de tratamento, ao uso da *pereirina* em dóse elevada. Esta doente foi tratada pelo Sr. Dr. Francisco de Paula Menezes.

A natureza, sem duvida, póde curar sem o soccorro de remedios, e comtudo ella dotou de propriedades bem evidentes a um grande numero de suas produções. Ao lado das necessidades do homem enfermo, ella collocou os meios de remedial-as, e mesmo, segundo a opinião de alguns, ella quiz estabelecer uma correlação entre as plantas e as doenças que se desenvolvem em um mesmo clima. Este pensamento bastante philosophico, se não é rigorosamente verdadeiro senão para o estado selvagem, em que as doenças são mais simples, menos numerosas, e devidas pela maior parte a influencias naturaes; em relação ao nosso paiz soffre raras excepções, se não é verdadeiramente absoluto.

Um exemplo bem natural desta verdade nos offerece o *pau pereira*; parece que a natureza quiz estabelecer uma compensação, fazendo crescer ao redor mesmo dos focos miasmaticos o agente que mais tarde destruirá seus effeitos.

Em quanto na europa são propostos como succedaneos do sulphato de quinina, o salgueiro, e seu principio activo, a casca do carvalho, o aevinho, o principio amargo da oli-

veira, a casca do castanheiro e outros, no brasil se apresentão o fedegoso miudo, a carqueja, o picão da praia, e ultimamente o *pau pereira* e seu principio activo.

A'vista do numero e importancia das observações que público, entre as quaes ha algumas, em que a *pereirina* debellou febres intermittentes que havião resistido ao sulphato de qñina, facilmente se deprehende que ella é dotada de uma potencia absoluta efficaç como febrifuga. Mas, para avaliar o grau da sua potencia relativa, seria necessario não só que essas observações fossem feitas em mais ampla escala, mas ainda simultaneamente com o sulphato de quinina, que é talvez o agente menos fallivel que possue a materia medica.

Não se tem ensaiado o emprego da *pereirina* em fricções, nem pelo methodo endermico; por isso nada posso dizer ácerca de sua utilidade debaixo destas fórmas. Comtudo, reflectindo que a administração do *pau pereira* em banhos em grande numero de casos, como observou o Sr. Dr. Silva, é sufficiente para debellar febres intermitentes mesmo graves, julgo poder suppôr que o uso externo do seu principio activo aproveitará igualmente. O que digo á respeito da administração desta substancia sobre a pelle, se applica, e com mais razão ainda, a respeito do seu emprego em clysteres.

Porém qual é a acção da *pereirina*? Porque modificação da economia consegue ella romper o curso desses accidentes intermittentes? É por substituição ou revulsão? Depende este effeito de sua acção fortemente tonica, ou obra de uma maneira especifica sobre o systema nervoso? É modificando o sangue, que, na febre inttermittente, parece ser primitivamente alterado? Todas estas questões, que se tem ventilado á respeito do sulphato de quinina, ainda não forão resolvidas apezar das engenhosas theorias de alguns medicos, que embalde tem pretendido erguer o véo mysterioso que envolve o modo de obrar dos anti-periodicos. Melhor é que confes-

semos com Monfalcon que « *Savoir qu'on ne sait rien, c'est beaucoup; on est bien plus près de la vérité alors que lors qu'on prend pour elle des hypothèses erronées.* »

PROPRIEDADES PHYSICAS DA CASCA DO PAU PEREIRA.

A casca do *pau pereira* se apresenta em grandes pedaços de 4 a 6 pés de comprimento, mais ou menos largos, quasi chatos, fractura fibrosa de 4 a 5 linhas de espessura, leves, pouco humidos. O liber fórma quasi a sua totalidade; elle se compoem de uma reunião de fibras superpostas regularmente formando laminas fibro-membranaceas. Estas laminas de uma côr de ocre amarella, de um sabor excessivamente amargoso sem adstringencia e persistente, são delgadas, muito flexiveis, semitransparentes, e separão-se facilmente em fitas mais ou menos largas. Esta disposição dá á casca do *pau pereira* uma tenacidade tal, que para reduzi-la a pó é necessario dividi-la em pequenos pedaços.

A camada suberosa, pouco espessa, de superficie desigual, apresenta fendas profundas, interrompidas, irregulares, e longitudinaes. Ella é de uma côr amarella avermelhada internamente, e externamente cuberta em alguns logares de bysso, pouco amargosa, marcescente, e muito friavel.

DÓSES E MODO DE ADMINISTRAÇÃO.

Pau pereira. Internamente. — Infusão ou decocção feita com duas oitavas a uma onça da casca para uma libra de liquido. Externamente — Decocção concentrada em banhos.

Pereirina. Grãos 2 a 12, e mesmo mais em pilulas, ou em dissolução n'agua convenientemente acidulada com acido sulphurico.

FIM.

**Nota sobre a transformação do calomelano em
bi-chlorureto de mercurio**

PELO SNR. WISLIN.

*(Extrahido do jornal de chymica medica e pharmacia, do
mez de junho do corrente anno.)*

« Si as bellas experiencias de M^r Mialhe relativas á acção dos chloruretos alcalinos sobre o calomelano, e a decomposição, algumas vezes muito rapida, deste sal em bi-chlorureto de mercurio deixassem alguma duvida, um facto muito recente bastaria para destruil-as.

« Um medico prescreveu a um doente diversas doses de 10 grammos de sulphato de soda e 20 centigrammos de calomelano, para tomar em caldo de hervas. A primeira dose foi tomada sem effeito apreciavel; a segunda o foi no mesmo dia, com algumas horas de intervalo: pouco depois a bocca e a garganta se ulcerarão; a isto se limitarão os accidentes, porque o liquido foi regeitado sem chegar até o estomago; a cicatrização se fez por meio dos emollientes depois de alguns dias de tratamento.

« De que proveio tão grande differença, na acção destas duas doses e porque os accidentes da segunda quando a primeira nem ao menos produzio o effeito purgativo? Algumas perguntas feitas ao doente fizeram promptamente conhecer a causa. A primeira dose foi tomada em caldo apenas morno, entretanto que a segunda esteve alguns minutos antes em contacto com o liquido muito quente; este caldo continha chlorure de sodium, oxalato acido de potassa, asedas, emfim os elementos necessarios para operar uma decomposição do calomelano em bi-chlorureto de mercurio, transformação

tanto mais rapida, quanto ella era favorecida pela elevação da temperatura.

« Os medicos que prescrevem frequentemente o calomelano, tanto por causa dos seus bons effeitos como pela facilidade do seu emprego, devem ter muita attenção na escolha do exceptiente de que fizerem uso, em razão da decomposição deste sal em bi-chlorureto venenoso, e como é muitas vezes ás creanças que elle se administra, podem nellas occasionar mais desagradaveis accidentes. »

A leitura deste artigo que traduzi fez-me recordar que já á annos na academia imperial de medicina um de seus ornamentos tratou deste objecto e sustentou a transformação do calomelano no estomago em bi-chlorureto de mercurio pela reacção produzida sobre elle pelo sal commum (chlorureto de soda), que entra na maior parte da alimentação. Então eu usei combater essa idéa pela razão unica de que, a ser exacta, os envenenamentos dessa ordem havião de ser muito frequentes, por ser muito commum o uso dos calomelanos mesmo em dôses altas quando empregado como purgativo tanto para creanças, como para adultos; sustentei que um ou outro facto desagradavel que se podesse citar, e dos quaes eu não tinha noticia, devião attribuir-se antes a calomelanos mal preparados, a calomelanos contendo ainda sublimado corrosivo, do que a sua decomposição e transformação nesse toxico *terrivel* á espensas do chloro roubado para isso ao chlorureto de soda. Qual é o medico entre nós que não tenha prescripto por muitas vezes á creanças e a adultos o calomelano, sem comtudo ordenar a abstinencia do sal na comida ou nos caldos? E quaes tem sido os factos acontecidos entre nós que provem a favor do que com tanta segurança certifica o Sr. Wislin no artigo acima transcripto? A leitura desse artigo redigido como se acha, não me trouxe a convicção do alegado nelle, e continuo ainda a crer que ca-

lomelanos mal preparados e não sua transformação em sublimado corrosivo occasionasse os accidentes ali referidos. Mas qual o meio de chegar-se a uma conclusão não duvidosa para firmar uma ou outra opinião a não ser a analyse? recorri a ella. Preparei duas doses de sulphato de soda e calomelanos nas quantidades referidas pelo Sr. *Wislin* no seu artigo; lancei uma em caldo de hervas morno contendo *oxalatos* e depois de pouca demora em contacto filtrei o caldo; lancei a outra em igual caldo muito quente e nelle foi demorado até esfriar, filtrei tambem este caldo, e separados foram reduzidos a pequenos volumes pela evaporação e applicados os reactivos para reconhecer-se a presença do bi-chlorureto de mercurio, nem o mais leve indicio da presença deste sal se apresentou. Fiz mais; tomei doze grãos de calomelanos e doze grãos de sal commum, triturei por muito tempo juntos em um gral de vidro, depois fervei a mistura em agua distillada até reduzi-la a pequeno volume, filtrei depois de fria e os mesmos reactivos produzirão igual resultado ao das primeiras observações, isto é, nenhum signal da presença de um sal mercurial. Ora, temos aqui de um lado uma hypothese porque o Sr. *Wislin* concluiu quanto a mim duvidosamente, temos do outro lado o *cadinho* que não deve enganar, e comtudo eu não ousou ainda *certificar* que o calomelano em contacto com os chloruretos alcalinos não se transforma em bi-chlorureto de mercurio. Não conheço a tal respeito os trabalhos do Sr. *Mialhe* a quem *Wislin* se refere, procuro essa obra para estudal-a, vou repetir suas observações e experiencias; vou recorrer ao *cadinho* unico meio infallivel de convencer em chymica; além disso já submetti esta materia ao conhecimento da sociedade pharmaceutica, e uma commissão foi nomeada para estudal-a e dar conta de suas indagações. Tanto do que ella descobrir, como do que eu poder alcançar guiado por meus fracos recursos serão informados

os meus leitores. O objecto vale a pena de ser cuidadosamente tratado para que os clinicos, na applicação dos calomelanos tenham dados seguros para tomarem todas as cautelas necessarias para não produzirem o mal querendo obter o bem.

O REDACTOR.

• Policia medica.

(Continuação.)

Diz o art. 79 do *chamado* regulamento da Junta central de hygiene publica o seguinte: « A Junta central formará uma tabella explicativa das substancias venenosas que só **PODEM** ser expostas á venda por *boticarios e droguistas*, assim como outras das mesmas substancias que podem ser empregadas nas artes e fabricas. Estas tabellas serão revistas todos os annos e *organisadas de novo* quando for necessario fazer-lhe alguma alteração. Tanto as tabellas primitivas, como as organisadas posteriormente, serão remettidas ás Commissions e aos Provedores para as distribuir pelos **BOTICARIOS e DROGUISTAS**, e fazel-as **PUBLICAR** pela imprensa. »

Felizmente a Junta central de hygiene publica tem tido o bom senso de, desde 29 de setembro de 1851 até hoje, ter ella mesmo dado o exemplo de desobediencia a este e outros artigos do seu *regulamento*, *não publicando* pela imprensa, nem *remettendo* aos boticarios e droguistas essa lista que havia ser despresada como tem sido todo o seu regulamento, porque do contrario seria maior o escandalo que á pouco se praticou em um leilão de drogas feito em casa que nem é *botica* nem *drogaria*, onde se venderão em leilão publico muitas **ARROBAS** de arsenico a quem o quiz comprar a 120 rs. a libra, sem que ninguem se importasse com a Junta central de hygiene publica, nem com os artigos 68 e 79 do seu *Regulamento*. A reconhecida e exemplar moralidade dos fluminenses é o melhor, e talvez o unico preservativo contra o abandono em que se acha a vida do cidadão brasileiro.

(Continúa.)

SOCIEDADE PHARMACEUTICA BRASILEIRA.

SESSÃO LITTERARIA NO 1º DE AGOSTO DE 1854.

Presidencia do Sr. E. Corrêa dos Santos.

Às seis horas da tarde reunidos os membros constantes do livro de presença, abriu-se a sessão.

Leu-se e approvou-se a acta da sessão antecedente.

O Sr. Presidente declara, que o nosso consocio o Sr. Pires Ferrão lhe participára, que aceitava de bom grado a nomeação de 1.º Secretario, porém que não podia tomar conta desse logar por em quanto, por ter de se retirar para fóra da cidade por algum tempo.

Passa a occupar a cadeira de 1.º Secretario o Sr. 2.º Secretario, continuando o Sr. Silva Leite a occupar a de 2.º

O Sr. Balthazar como relactor da commissão encarregada de redigir a representação á Junta de hygiene publica sobre os annuncios publicados pelos jornaes, annunciando a venda de productos chimicos e preparações pharmaceuticas por menos do seu custo primitivo, apresentou seu trabalho, o qual depois de ser lido foi approvedo unanimemente. (*)

Eutrou em discussão a ordem do dia :

O Tridacio será soluvel no alcool?

No Etheroleo de digitalis existe digitalina em dissolução ?

(*) Este parecer já foi publicado.

O Sr. Presidente diz, que achava mais curial, que a sociedade antes de discutir essa ordem do dia, nomeasse uma commissão para depois de a ter estudado dar o seu parecer a respeito, o Sr. 1.º Secretario concorda com essa idéa, a qual submettida a votos foi approvada; são nomeados para esse fim os Srs. 1.º e 2.º Secretarios interinos.

O Sr. Presidente declara, que não se tendo publicado os ultimos tres numeros da *Revista Pharmaceutica*, a cargo do Sr. Pires Ferrão, por se ter elle por motivos mui ponderaveis retirado para fóra da cidade, e que tendo elle Presidente como redactor do 4.º anno da *Revista Pharmaceutica* de dar principio a seus trabalhos consultava a casa se devia independente de não ter apparecido os ultimos tres numeros, publicar o 1.º da sua redacção, ou se devia esperar pelos que faltavão :

A sociedade decide que, se até o ultimo de agosto, não fossem publicados os numeros que faltavão, o Sr. Presidente podia principiar a sua redacção, fazendo porém no 1.º numero constar aos Srs. assignantes a razão pela qual não se publicavão os numeros que faltavão, porém que logo que cessasse o impedimento de seu redactor serião publicados.

Não havendo mais nada a tratar-se levanta-se a sessão ás sete horas e um quarto, designando-se a 1.ª sessão para negocios economicos da sociedade.

A sociedade pharmaceutica brasileira acaba de dar uma prova não equivoca de sua moralidade, do respeito em que tem a sua lei organica, e do quanto é fiel observadora das leis que no paiz regulão o exercicio da medicina, punindo um dos seus membros pharmaceuticos que infringio com publico escandalo seus estatutos, e as leis nacionaes com relação ao exercicio da pharmacia.

Diz o artigo 25 dos estatutos da sociedade pharmaceutica brasileira, tratando dos deveres de seus membros o seguinte: « Não annunciar a venda de remedios secretos de sua composição ou de composição alheia ainda desconhecida, sem previa approvação da academia imperial de medicina. »

Artigo 26. « Observar *escrupulosamente* a legislação do paiz no exercicio de sua proffissão. »

Artigo 32. « A infracção de *qualquer* dos deveres impostos nestes estatutos e que tenha applicação aos membros das differentes classes em que a sociedade se divide, importa a suspensão ao infractor dos direitos de socio, o qual, *sendo ouvido* e não provando sua innocencia, será demittido. Se o insfractor fôr da classe dos contribuintes perderá todas as quantias com que tiver entrado. »

Diz o artigo 71 do regulamento da junta central de hygiene publica o seguinte: « Sem authorisação especial é prohibida a venda de remedios; *cuja composição fôr desconhecida*; assim como o fazerem-se annuncios por meio de jornaes, periodicos e cartazes de taes remedios. »

A'vista pois do que dispoem os artigos 25, 26 e 32 dos estatutos da sociedade pharmaceutica brasileira, e do determinado no artigo 71 do regulamento da junta central de hygiene publica, é claro, é concludente que o membro da sociedade pharmaceutica que vendeu e annunciou pelos jornaes um remedio novo de *composição desconhecida* sem previa approvação da academia imperial de medicina antes da existencia da junta de hygiene, ou desta, depois da sua criação, infringio os artigos 25 e 26 dos estatutos a que se sujeitou, e devia ser punido na fórmula do artigo 32 dos *mesmões* estatutos. Assim procedeu com toda a prudencia e honestidade a sociedade pharmaceutica brasileira. Ella suspendeu primeiro de seus direitos o socio que julgou infractor e mandou ouvil-o como se deprehende do se seguinte officio :

Ill.^{mo} Snr. F.... — Como tenha V. S. por diversas vezes anunciado nos jornaes desta côrte a venda de um xarope intitulado....., a sociedade pharmaceutica brasileira, em sessão de 13 do corrente mez, me incumbio de officiar-lhe, solicitando de V. S. se digne informar á sociedade o mais breve que lhe fôr possível, se o xarope acima mencionado está ou não examinado e approvedo pela junta central de hygiene publica para o poder anunciar.

A sociedade pharmaceutica brasileira zelosa pelo cumprimento de seus estatutos e das leis do paiz, não pôde deixar de estranhar que um de seus membros infrinja as leis do paiz e os estatutos da sociedade, annunciando a venda de remedios secretos. E para que a sociedade pharmaceutica possa tomar uma deliberação qualquer á vista do que dispoem os artigos 25 e 32 dos seus estatutos, espera que o honrado collega se dignará informá-la se está ou não authorisado pela referida junta central de hygiene publica.

Deos guarde a V. S. Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1854.

Ill.^{mo} Snr.

DIOGO RODRIGUES DE VASCONCELLOS

1.^o Secretario interino.

É na sessão de 9 do corrente destinada para se tratar desta materia, convidado o socio infractor para comparecer e allegar sua defesa, nem compareceu, nem respondeu ao officio acima transcripto, e apenas encarregou a um socio de dizer á sociedade que tinha algumas cartas de medicos do interior do brasil certificando a efficacia do seu xarope, e que essas mesmas cartas já tinham sido apresentadas ao chefe de policia. E como tal defesa nada provasse contra o que dispoem os artigos dos estatutos da sociedade pharmaceutica brasileira e da junta central de hygiene publica relativos a tão im-

portante objecto, foi o mesmo socio eliminado da sociedade por unanimidade de votos dos membros que se achavão presentes á sessão de 9 do corrente.

É dest'arte, é procedendo assim que a sociedade pharmaceutica brasileira ha de adquirir a força moral necessaria para alcançar seus nobres fins ; é punindo os seus que ella poderá altiva exigir a punição dos estranhos. Como poderia d'ora em diante erguer sua voz contra abusos praticados no exercicio da medicina ; como ousaria ella levar suas representações contra charlatães sem relação ou contacto com ella, se consentisse e sancionasse com seu silencio e tolerancia que de seu scio, d'entre aquelles que com ella se comprometterão a moralisar a pharmacia e o paiz partissem os escandalosos e publicos abusos praticados pelo individuo que fez objecto desta questão ; que annunciou muitas vezes pela imprensa uma composição de segredo cujo nome só, e as mil virtudes oppostas e contradictorias do seu remedio denuncião o charlatanismo e ambição de seu author embora com prejuizo da humanidade?! É verdade que a continuação de taes escandalos provém daquelles que encarregados da guarda da saude publica, não vem o que se passa a tal respeito ; provém da má organização das leis correccionaes ; provém desse maldito patronato que domina no paiz em prejuizo de tudo quanto é santo e justo ; mas embora assim seja, não se deixe a sociedade pharmaceutica brasileira arrastar nesse lodo de corrupção ; prove ao paiz que se não consegue o que tem promettido em suas reuniões, em seus escriptos, em seus estatutos, é porque força maior, não dependente della a quer impelir para longe de sua justa e mui louvavel missão ; prove ao paiz que ella sabe respeitar sua lei organica e curvar-se aos dictames das leis de policia medica embora as veja diariamente postergadas mesmo por muitos daquelles a quem a nação incumbio de guardal-as e fazel-as repetir.

Determinação da força das preparações pharmaceuticas contendo acido prussico, por James Robertson.

« Não ha preparações officinaes que sejam mais sujeitas a variar, e que entretanto exijão mais estabilidade do que as que contém acido prussico. A agua distillada de louro cereja tão usada na pharmacia apresenta neste ponto de vista, immensas duvidas na pratica medica.

« Um reactivo simples que dêsse o meio de calcular de tempos a tempos a força dos diversos compostos cyannicos, e que accumulasse a exactidão da determinação á facilidade do emprego, seria mui util e precioso para os pharmaceuticos.

« MM. *Tordas e Gelis* indicarão á tempos um processo cyanometrico cujo fim era unicamente determinar o valor *commercial* do cyannureto de potassium.

« O author examinou com attenção o seu processo que se basêa na acção decomponente do iode para com os cyannuretos alcalinos, e procurando ampliar seu emprego, vio que se podia perfeitamente applicar á determinação e doseamento de todas as preparações pharmaceuticas que contém acido prussico.

« Prepara-se uma solução graduada de iode (15 centigrammos para 30 grammos), introduz-se esta solução em um *provette* de Gay-Lussac (1), e lança-se gota á gota n'uma de-

(1) Traduzi *burette* de Gay-Lussac por *provetz*, por ser palavra que melhor explica a fórma do sobredito instrumento que se compoem de dois tubos de vidro, sendo um de maior dimensão e communicando pela parte inferior com o outro de menor diametro quasi parallelo ao primeiro que é graduado. No primeiro poem-se a solução do iode, e goteja-se pelo segundo para a mistura que se quer analysar. Examina-se então quanto se despendeu da solução para saturar a composição cyannica. Esta operação não determina sómente o valor comparado das diversas preparações cyannogenicas; ella indica igual-

terminada porção de liquido a examinar, até que se perceba a côr amarellada persistente mesmo depois de se vascolear o liquido. Então só ha que ver que porção da solução foi necessario empregar para conhecer-se a força comparada da preparação submettida ao exame. »

Enxofre precipitado, sua utilidade e superioridade ao enxofre sublimado : por F. L. Hoffman, pharmaceutico de paris.

Quanto mais dividido se acha um corpo tanto mais apto está para offerecer ao organismo um agente cuja absorpção se opera mais facilmente ; tal é a opinião geral dos authores. É por essa razão que o Sr. Hoffman se admira que a therapeutica se esqueça de um medicamento ensaiado e estudado não só debaixo do ponto de vista chimico-pharmaceutico, como igualmente pela clinica. As numerosas experiencias feitas na alemanha, russia e inglaterra com o enxofre precipitado chamado igualmente leite de enxofre, magesterio de enxofre, provão sua superioridade ao enxofre sublimado por mui bem lavado que seja este ultimo.

Na alemanha e na inglaterra quando se trata de applicar o enxofre internamente, é sempre o precipitado que tem a preferencia ; o enxofre sublimado só se emprega exteriormente. As razões que existem a favor daquelle baseão-se nas

mente a proporção em *centessimos* do acido cyaunhydrico que ellas contém, porque, cada equivalente de iode absorve exactamente um equivalente de cyannogeneo. O author achou ser este processo de grande utilidade na pratica, e o recommenda a todos os pharmaceuticos que quizerem ensaiar suas preparações cyannicas.

experiencias feitas em muitos hospitaes. Quatro motivos principaes que vamos referir bastão para collocar o enxofre precipitado no lugar que verdadeiramente lhe compete na medicina: 1.º A já antiga experiencia de sua efficacia. 2.º Sua mui grande divisibilidade. 3.º A presença de uma pequena quantidade de hydrogeneo. 4.º Emsim, sua pureza, por isso que não contém arsenico como existe em geral no enxofre sublimado.

O enxofre precipitado é muito preconisado como estimulante, expectorante, diaphoretico e purgativo, sendo applicado em altas doses. Sua efficacia é sobretudo incontestavel nas affecções hemorrhoidaes. Sua acção, segundo as observações chemicas é pelo menos dupla á do enxofre sublimado, e por isso é sempre applicado em doses medias ás deste.

O magesterio do enxofre tem a côr esbranquiçada, e recentemente preparado tem o cheiro hepatico que perde com o tempo. A quente elle dissolve-se perfeitamente em uma solução de potassa, dando ao liquido uma côr vermelha sanguinea. Macerado em agua distillada e filtrado, o liquido não deve deixar residuo pela evaporação. O enxofre precipitado era considerado como hydratado; porém experiencias modernas provão que elle existe unicamente em estado de divisão. O enxofre precipitado emprega-se: 1.º, em granulos; 2.º, em pó; 3.º, em pilulas ou bollos; 4.º, em electuario.

Eis o processo seguido pelo Sr. Hoffman para a preparação dos granulos:

Fazem-se pilulas de 5 centigrammos cada uma de enxofre precipitado; as pilulas ainda humidas são envolvidas em uma mistura de gomma arabica, assucar e amido, e desseccadas na estufa. O processo seguido por M^r Calloud é igualmente bom. Este habil pharmaceutico manda fazer uma solução de gomma adragante em agua na proporção de 50 para 100, e ajunta á mucilagem 1,000 partes de assucar de leite e faz

uma massa que depois de secca á estufa reduz a pó para envolver depois com elle as pilulas humidas. É de necessidade cubril-as com uma espessa camada desta composição para que fiquem em estado de boa conservação. O Sr. Calloud afirma que a reunião do assucar de leite á mucilagem faz com que a mistura se torne pouco hygrometrica.

Reproduzimos tambem a sua formula de pastilhas para substituir a do codex — Enxofre precipitado, 30 grammos ; gomma adragante, 8 grammos ; agua de rosas, 60 grammos ; assucar, 180 grammos ; para fazer pastilhas de 1 grammo.

ERNESTO.

Julgo, á vista da transcripção do artigo supracitado dever publicar aqui, e em seguida, o processo que pratico em meu laboratorio para obter o enxofre precipitado afim de poupar aos meus collegas que me lerem, e quizerem preparar o magisterio de enxofre, o trabalho de procurarem uma formula. — Fervo por muito tempo em um vaso de barro 1 parte de carbonato de potassa com duas de enxofre sublimado, até que toda a potassa se tenha combinado com o enxofre e formado um persulphureto liquido ; decanto, filtro, e deluo este sulphureto com cêrca de 20 porções d'agua ; lanço por cima pouco a pouco acido hydro-chlorico, agitando sempre a mistura até que esta se torne bastante acida e não dê mais precipitado. Então deixo depositar todo o enxofre, decanto o liquido, e lavo repetidas vezes o precipitado até que as aguas de lavagem não contenhão o menor traço de acido.

Desenvolvendo-se durante esta operação uma grande quantidade de hydrogeneo sulphurado, pernicioso á saude do operador e de quantos o aspirarem, convém que ella seja praticada ao ar livre e collocado o operador de maneira que não receba as emanações hydro-sulphurosas.

O REDACTOR.

Breves reflexões acerca do bacharelado em sciencias phisicas para os pharmaceuticos filhos das escolas de medicina do imperio.

(Extrahido do *Jornal do Commercio.*)

Tendo sido apresentado á camara dos Srs. deputados um requerimento da sociedade Pharmaceutica Brasileira, no qual ella pede o bacharelado em sciencias phisicas para os pharmaceuticos filhos das escolas de medicina do imperio, julgamos dever dizer alguma coisa sobre a idoneidade desses pharmaceuticos para a acquisição de tal gráo academico. E para o que apoiar-nos-hemos na legislação pharmaceutica de França, legislação que reconhece nos pharmaceuticos, competentemente habilitados, direito a esse gráo.

Na lei de 27 de setembro de 1840, que reorganisa as escolas de pharmacia, se lê: «Titulo 1.º Art. 2.º A escola de pharmacia de Paris será composta de cinco professores titulares e de tres professores adjuntos. Art. 5.º Ninguem poderá ser nomeado professor titular se não fôr doutor em sciencias phisicas. Uns e outros deverãõ ser pharmaceuticos por uma escola de pharmacia. Art. 6.º Os aggregados serão nomeados por concurso, conforme um regulamento que será ulteriormente dado pelo conselho de instrucção publica. Bastará para ser admittido a concurso apresentar o diploma de pharmaceutico, assim como o de bacharel em sciencias phisicas. »

Da leitura destes artigos resulta que os pharmaceuticos devem ter diplomas de doutor, e de bacharel em sciencias phisicas, além do de pharmaceutico, para um encargo *puramente* pharmaceutico: não é portanto contestavel que aos pharmaceuticos compita o bacharelado.

Para se obter em França esse gráo é necessario que, além do bacharelado em letras, se esteja habilitado nas seguin-

tes materias: botanica, zoologia, mineralogia, geologia, physica e chymica; e visto que, para se ser simplesmente pharmaceutico, se fazem todas essas exigencias sobre as de pharmacia theorico-pratica, materia medica e toxicologia, segue-se que o diploma de pharmaceutico suppõe o de bacharel em sciencias physicas; consequentemente os pharmaceuticos tendo o curso completo de sciencias pharmaceuticas, são já bacharelados naquellas sciencias: mas são implicitamente, e quer-se-o explicita e officialmente.

Ora, as escolas de medicina do imperio estão no caso de dar o bacharelado aos pharmaceuticos habilitados em todas as materias que nellas se ensinão, porque essas materias são as que exige aquelle bacharelado. É verdade que falta uma unica materia, a geologia; mas esta circumstancia importa o não reconhecimento das habilitações necessarias? Para que isto se dêsse, seria necessario que se considerasse a geologia como o fundamento das sciencias physicas; e ainda mesmo assim, deixar-se-hião os pharmaceuticos separados de um grão academico que é inherente á sua illustração quando se poderia crear mais uma cadeira? De certo que não.

Mas se por este lado tem os pharmaceuticos (das nossas escolas) direito ao bacharelado, não o tem pelo da instrucção litteraria; é por esta razão que desejamos que a illustrada camara dos Srs. deputados, concedendo-lhes o que a Sociedade Pharmaceutica Brasileira solicita, exija delles mais os seguintes preparatorios: latim, philosophia e geographia.

Temos convicção que desta materia os desejos dos nossos pharmaceuticos não encontrarãõ opposição, e muito mais quando os cofres publicos nada tem que soffrer.

Todavia é bem possivel que appareção considerações em sentido contrario, e d'entre ellas esta: — ha grande necessi-

dade de pharmaceuticos, e desde o momento em que se lhes der o bacharelado, ella crescerá, por isso mesmo que elles terão de se sujeitar a maior numero de estudos; — mas se o bacharelado não deve ser imposto a todos os que quizerem seguir a carreira pharmaceutica, é claro que elle não implica esta necessidade: em França ha quatro classes de pharmaceuticos: os que fazem exames praticos perante jurys nos departamentos, os que cursão as escolas, mas que não tirão o seu bacharelado, os que são bacharelados, e os que são doutorados.

Se nos esforçamos por ver os nossos pharmaceuticos habilitados em seus direitos é por ser essa a nossa obrigação, e por attendermos tambem ás necessidades do paiz. A moidade brasileira afflue todos os annos em grande numero para as nossas escolas de medicina, e uma pequenissima parte della se destina á pharmacia; dá-se isto em consequencia de não divisar-se nesta—posição, representação—; dê-se pois á pharmacia meios de chamal-a a si em maior numero, que teremos pharmaceuticos em numero sufficiente, e cremos que assim, longe de diminuir-se, augmentar-se-ha o numero delles. Demais, a emulação se despertará, e consequentemente os nossos pharmaceuticos nos serão tão uteis como os da Europa aos seus respectivos paizes: para aqui trasladamos da *Revista Pharmaceutica Brasileira* de outubro a dezembro de 1853, como a verdadeira demonstração dessa nossa asserção, o seguinte artigo:

«
« Sob o imperio poderoso desta precisão de provas practicas, tem-se formado na Allemanha um grande numero de pharmaceuticos muito habéis manipuladores, sahidos dos laboratorios de Giessen, de Berlim, de Wiesbaden, &c., &c., que podem ser consultados pelos tribunaes nos casos de medicina, e ás luzes dos quaes os industriaes, os manufactores,

os agricultores constantemente tem recorrido. Muitas explorações agricolas, grandes empresas industriaes, não tem outro chimico senão o pharmaceutico da localidade para analysar os seus productos agricolas. »

Muito mais poderíamos dizer, mas o julgamos desnecessario.

Temos demonstrado que os pharmaceuticos filhos das escolas de medicina do imperio tem direito ao bacharelado em sciencias phisicas, satisfazendo elles a poucas exigencias mais; e estamos convencidos de que sobre esse direito não se estabelecerá controversia: confiamos muito na resolução da illustrada camara dos Srs. deputados. Esperamos da dignissima commissão de instrucção publica a breve apresentação do seu parecer a respeito. — M. DE A. C. RAMALHO. — E. J. JANVROT.

Proto-iodureto de ferro.

Este precioso e heroico medicamento passa com razão por um dos mais energicos agentes de que usa a therapeutica para debellar muitas enfermidades proprias do nosso paiz, e de outras que em geral, affigem a fragil humanidade. Os nossos abalissados clinicos empregão hoje em grande escala as preparações do iodureto de ferro nas molestias escrophulosas, na syphylis, na chlorose, affecções tuberculosas, etc., etc. Ora sendo este medicamento de uso tão vulgar, e ao mesmo tempo muito variadas as formulas empregadas; sendo igualmente uma substancia facilmente alteravel e por essa razão seus efeitos podem ser muito variados sempre que se der sua alterabilidade, julgo de algum interesse reproduzir neste artigo não idéas ou formulas novas, mas o que a observação me tem demonstrado de melhor para chamar a attenção dos meus illustrados collegas, afim de que todos nós, nas diversas preparações do proto-iodureto de ferro

transcriptas nos formularios, adoptemos as mais racionais, as que estiverem mais de accordo com os dictames da sciencia chymica. O proto-iodureto de ferro sendo, como fica dito, um producto muito alteravel tornando-se na maior parte das suas preparações o iode livre e o ferro reduzido ao estado de oxydo ferruginoso, principalmente nas que se fazem com o proto-iodureto secco do commercio, quasi sempre já decomposto, segue-se que taes formulas devem ser proscriptas.

O xarope de proto-iodureto de ferro é hoje a preparação mais usada pelos nossos medicos. As pilulas, principalmente as da formula de Piedagnel tiverão, e ainda tem grande voga por ser o xarope e as pilulas as duas formulas que melhor se prestão ao uso dos doentes, principalmente aos do sexo delicado. Escolher pois uma formula pilular, um xarope menos decomponivel para serem adoptados em todas as boticas e por todos os medicos é um serviço feito a estes, aos pharmaceuticos e aos doentes. E' um serviço feito aos medicos, porque devem contar sempre com acção invariavel da substancia que prescrevem; é um serviço feito aos pharmaceuticos que por falta de uniformidade expõem muitas vezes seu credito quando o doente e o medico comparão o xarope preparado n'esta com o daquella botica; é um serviço feito ao doente porque usa do melhor remedio, do medicamento mais scientificamente preparado. As pilulas de iodureto de ferro de Piedagnel que são feitas com partes iguaes de iodureto de ferro secco e extracto de genciana, teem um cheiro tão activo de iode que prova sufficientemente o estado de liberdade em que se acha o principal agente deste remedio, e por conseguinte a falta de combinação com o ferro, e quando o cheiro activo do iode livre não bastasse para denunciar a alterabilidade desta substancia, a côr que toma a caixa onde ellas se guardão (devem guardar-se sempre em vidro bem rolhado) prova de subejo o desprendimento do iode em fórma de vapores. O xarope feito com proto-iodureto de ferro secco prescripto em alguns formularios recente-se dos mesmos defeitos, fiendo suspenso o ferro oxydado e o medicamento de aspecto repulsivo escuro, turvo e de sahor desagradavel. Foi certamente para

evitar as graves consequências produzidas pela facil decomposição do proto-iodureto de ferro secco, que o Sr. Dupasquier inventou um proto-iodureto de ferro liquido a que deu o nome de solução *officinal* de iodureto de ferro, que póde guardar-se por tempo indefinido, sem alterabilidade, e com ella prepara um excellente xarope, a melhor certamente das preparações iode-ferruginosas. Esta formula acha-se em alguns formularios, mas como póde succeder que não tenha sido vista por todos, o que se depreheende da variedade de modo de preparar este xarope, e de nem todos os medicos prescreverem a formula de Dupasquier, não serei notado por transcrevel-a. Eis-a: — Iode, 9 oitavas; fio de ferro não oxydado e cortado em pequenos pedaços, 18 oitavas; agua distillada, 13 onças; introduz-se tudo em frasco de vidro com rolha esmerilhada, agitando-se de quando em quando, por alguns dias, até que o iode se combine todo com o ferro, o que se conhece pela côr ligeiramente esverdiada e transparencia que toma o liquido. Si ha necessidade de obter-se rapidamente esta preparação, basta expor o frasco que a contém ao calor de banho-maria por algum tempo e agitando-a até ganhar a côr esverdiada já referida. Nesta solução resta sempre um pouco de ferro que não foi atacado, e que deve conservar-se sempre, para que qualquer porção de iode que se torne livre encontre ferro com quem unir-se, mantendo-se o todo constantemente combinado nas proporções chymicas que lhe são assignaladas. Sempre que se quizer usar desta solução deve ser filtrada a porção que houver de empregar-se. Eis a formula do xarope de proto-iodureto de ferro preparado com esta solução.

Solução *officinal* de proto-iodureto de ferro de Dupasquier. 1 oitava.

Xarope de gomma muito claro e consistente, 6 onças.

Xarope de flôres de laranja *idem*, 2 onças.

Misture-se.

Recommenda-se a exessura dos xaropes, porque a addicção da solução tornal-os-hia mui fluidos e assim expostos a alteração. Com esta formula obtem-se um bello xarope claro, mui transparente, de sabor agradavel, cheiro suave e por conseguinte de facil uso. Para ter certeza da quantidade de proto-iodureto de ferro que contém a solução *officinal* supracitada, eu evaporei rapida-

mente oito oitavas desse liquido que produzio oitava e meia (168 grãos) de proto-iodureto de ferro secco, concluindo desta observação que levando as oito onças do xarope de que se trata 1 oitava de solução officinal, e esta contendo 13 grãos e meio de proto-iodureto de ferro, cabe a cada onça de xarope 1 grão e 3 quartos de proto-iodureto de ferro. Este calculo me parece de alguma utilidade, porque á vista d'elle poderão os medicos prescreverem a quantidade do sal ferruginoso que julgarem conveniente applicar a seus doentes, mandando augmentar a dóse da solução officinal.

Continuarei ainda a occupar-me deste objecto.

O REDACTOR.

O Snr. Manoel Francisco Lessa, o mais velho dos pharmaceuticos fluminense, deixou de existir no dia 16 do corrente, contando mais de 83 annos de idade. Filho do rio de janeiro e estabelecido desde longa data na rua da quitanda, forão sua vida e acções de pharmaceutico bem conhecidas para dispensar elogios que aos mortos é costume fazer-se mentindo-se muitas vezes a Deos e aos homens. Si o illustre finado não primou por sua sciencia pharmaceutica que faltou a todos os do seu tempo, foi igual aos bons por sua fidelidade aos preceitos de sua arte e pelos beneficios que em sua botica encontrarão sempre os enfermos pobres. E' porém para lastimar que os restos mortaes do mais antigo boticario do rio de janeiro só fossem acompanhados ao cemiterio de S. Francisco de Paula por tres pharmaceuticos! Outro devera ter sido o procedimento dos homens da arte, quando não fosse por espirito de classe, por honra da pharmacia, ao menos pelo preceito

Hodei mihi cras tibi.

ERRATA.—Em o n.º passado logo no começo da 1.ª pagina na continuação da these do Dr. Ezequiel, onde diz: — Segunda parte — lêa-se: — Terceira parte.

TOXICOLOGIA.

ENVENENAMENTO PELO AMMONIACO, OU NOTA RELATIVA A ALGUNS PONTOS DA HISTORIA PHISIOLOGICA E THERAPEUTICA DESTA SUBSTANCIA, EXTRAHIDA DE UMA MEMORIA DE M.^r A. IMBERT-GOURBEYRE, PROFESSOR SUBSTITUTO DA ESCOLA PREPARATORIA DE MEDICINA DE CLERMONT-FERRAND.

« E' de summa importancia colligir as observações de envenenamento, porque em geral são tantas as occasiões preciosas de estudar-se a acção phisiologicala de uma multidão de substancias toxicas, e concluir-se pelos symptomas que ellas desenvolvem no estado são, sua acção therapeutica nas doenças: *Ubi virus, ibi virtus*, dizia Wedel.

« As observações de envenenamento pelo ammoniaco são raras, até aqui ha apenas duas conhecidas em frança; achão-se citadas na ultima edição da *toxicologia* de M.^r Orfila. Eu apresento duas novas: uma me é pessoal, a outra é uma observação ainda inedita que encontrei em um jornal alemão de Hufeland e que traduzi. Dou por inteiro estas duas ultimas observações, e junto-lhes a analyse das duas já conhecidas com o fim de apresentar completa a historia da acção phisiologicala do ammoniaco.

--- « *Primeira observação.*— N...., idade de 25 annos, pouco mais ou menos, servindo de criada, sob a impressão de um violento desgosto, envenenou-se a 18 de maio de 1853, entre as duas e quatro horas da tarde com ammoniaco. Ella tinha comprado pouco tempo antes esta substancia, para limpar roupa.

« O vidro que continha o liquido era de capacidade de 100 grammos, e tinha o seguinte letreiro — Alkali volatil; estava completamente vazio; algumas gotas adherentes ainda as paredes internas e o mesmo frasco, continhão o cheiro bem caracteristico de ammonia. A desgraçada moça confessou ter-se envenenado com o alkali volatil, do qual tomou certamente grande quantidade, porque, para o beber, servio-se de um copo ordinario, o que fez presumir que pelo menos 30 grammos de ammonia forão ingeridos no estomago.

« Pelas 5 horas da tarde acharão-na cahida no chão, sem sentidos, os dentes cerrados e rangendo, lançando muita mucosidade sanguinolenta. Chamou-se um medico, abrio-se a boca á força, lançou, deitou mais liquido sanguinolento. Foi impossivel fazer-lhe tomar o menor liquido porque era logo regeitado. A infeliz recobrou os sentidos pelo meio da noite; suava consideravelmente; pedia agua fria a miudo; mas esta era logo expellida; a respiração era stertorosa.

« No dia seguinte foi ella transportada para o Hotel-Dieu, ás 8 horas da manhan em que a vi pela primeira vez no seguinte estado. Face palida, decomposta, exprimindo uma angustia extrema; lançava pela boca grande quantidade de muco; impossibilidade de engulir, lingua branca, espessa e volumosa; sêde extrema.

« A doente pedia incessantemente agua; ralo tracheal; oppressão consideravel; pela auscultação ralo sonoro misturado com ralo mucoso a grossas bolhas, percebendo-se em todos os pontos do thorax; a asphyxia era evidente; pela tarde desse mesmo dia suava copiosamente e morreu á noite.

« *Autopsia.* — Lingua volumosa cuberta de uma camada espessa e esbranquiçada; epiglottle injectado e tumefacto.

« Em toda a porção inferior do pharynge e no terço superior do esophago, a mucosa se apresenta vermelha violacia consideravelmente espessada, semeada de largas placas ne-

gras. O terço superior do esophago quasi inteiramente enegrecido, cõr esta devida a largas ecchymoses.

« O tecido cellular sub-mucoso infiltrado por sangue enegrecido, formando uma camada de 2 a 3 linhas de espessura. Neste ponto o esophago acha-se notavelmente contrahido, e injectado externamente.

« Estomago cheio de um liquido amarello verdoengo, com cheiro fetido mas não ammoniacal: rugas profundas da mucosa no nivel da grande curvatura com manchas enegrecidas. Perto do pylouro, uma placa cercada por uma orla salliente formada pela mucosa, sem comtudo existirem ulcerações. Os intestinos nada offerecem de notavel.

« Os dois pulmões no exterior achão-se uniformemente corados de vermelho intenso, cõr que se nota fazendo-se incisões em todos os sentidos; apenas em uma pequena parte dos dois apicis não se observa esta cõr; não se encontra signal algum de engorgitamento. Eu não posso comparar melhor esta injectão geral dos pulmões com cõr uniforme de um vermelho intenso, do que com a que se encontra algumas vezes nos pulmões e intestinos dos individuos que morrem victimas de grandes queimaduras; os bronchios estão obstruidos de um liquido sujo e escumoso.

« No cerebro nota-se injectão viva e uniforme da arachnoide.

« *Segunda observação.* — Uma moça, idade de 25 annos, constituição forte, soffria desde algum tempo de diarrhea, quando a 17 de novembro, pela manhan, depois de haver vomitado sua chicara de caffè, tomou por engano uma pequena colher de ammonia liquido.

« O erro foi logo reconhecido, e para acalmar os soffrimentos deu-se-lhe leite. O medico chegou uma hora depois e encontrou na doente uma palidez extraordinaria. A lingua, todo o interior da boca e o pharynge estavam brancos e co-

bertos de vesículas; a phisionomia accusava os maiores sofrimentos. Administrou-se successivamente por colherinhas, oleo d'aseitonas, depois um loock nitrado com agua de louro cerejo, e bebidas mucilaginosas assucaradas e vinagradas.

« Em todo este tempo o pulso era pequeno e pouco frequente, augmentando depois a frequencia successivamente; sêde violenta; anciedade precordial intensa, com constricção do peito, prodromur de vomitos que logo se manifestão; materias vomitadas esbranquiçadas, liquidas, espessas, acres, assemelhando-se a um linimento composto de muco, leite, oleo e ammonia. A cada injencção das bebidas, os vomitos se reproduzem formados unicamente por mucosidades. Aos vomitos succedem muitas evacuações alvinas com ardor violento no anus, o que a doente não havia ainda sentido.

« Pela tarde cessação de vomitos e da diarrhea; pulso muito pequeno; região epigastrica muito sensivel. As quatro horas, frio consideravel.

« Na noite de 18 a doente passou com anciedade extrema; queixava-se de grande oppressão e falta de ar; via-se obrigada repetidas vezes a tomar inspirações profundas, o que lhe era difficil por causa de uma dôr violenta que correspondia ao esophago; a pelle secca. — Deu-se poção com agua de louro cerejo.

« Na mesma noite grande excitação; pulso muito pequeno e frequente; oppressão mais forte; região precordial dolorosa e entumecida. — Sangria de 12 onças; visicatorio ao epigastrico.

« Na noite de 19 a doente passou mais tranquilla, a pelle começou a transpirar, o pulso se levanta.

« No dia 20 melhoras progressivas e suor. As peliculas esbranquiçadas da lingua e da boca se destacão; as mucosas apresentão-se vermelhas e sans. A doente accusa ainda dôres no baixo ventre, dorso, e sacro.

« Na noite de 21 passa a noite agitada ; as regras apparecem com grande violencia : ellas tinham tido logar 14 dias antes, e nunca tinham apparecido tão cedo, nem com tanta abundancia.

« Nos dias seguintes restabelecimento gradual e definitivo. (*H. J. Better; jornal de Hufeland, 1834.*)

« *Terceira observação.* — Um doente tomou involuntariamente 4 grammos de ammonia, sentio grande embaraço na respiração, ralo-tracheal ; tosse, expectoração de mucosidades abundantes ; face alterada ; sede intensa ; diglutição difficil ; calor acre na garganta, no peito e no estomago ; pulso fraco e depremido. Morte em 24 horas.

« A autopsia mostrou a mucosa da trachea e dos bronchios de côr vermelha viva e cuberta em alguns logares por uma camada membraniforme ; pulmões crepitantes na parte anterior, mas posteriormente engorgitados de sangue.

« Segundo *Nysten* o doente succumbio a uma inflammação muito intensa da mucosa do larynge e dos bronchios, causada pela ammonia, o que pôde comparar-se a um croup agudo.

« Esta observação de *Nysten*, publicada na *gasetta de saude*, a 21 de maio de 1816 tem a maior semelhança com a primeira observação citada mais acima. (*Vid toxicologia de Orfila.*)

« *Quarta observação.* — N...., idade de 39 annos ; envenenou-se voluntariamente com cêrca de 50 a 100 grammos de ammoniaco.

« Face palida como cera ; vomitos ; sede muito viva ; ventre retrahido, sede de uma dôr urente ; respiração frequente mas desembaraçada ; pulso pequeno ; pelle glacial ; evacuações serosas no começo e depois sanguinolentas, involuntarias, quasi continuas ; morte em 6 horas.

« *Authopsia.* — As mesmas alterações no esophago que as relatadas na 1.^a observação; o mesmo para o estomago, offerecendo demais um ponto ulcerado; traços evidentes de phlegmasia em todo o intestino; vias aereas sans; pulmões crepitantes.

« M.^r Chappain, author desta observação, diz com razão não ter encontrado factos algum de envenenamento pelo alcali volatil, comparavel a este. Aos symptomas ordinarios da gastro-interites vem juntar-se caracteres especiaes tirados dos vomitos e das evacuações sanguinolentas.

« São estes os unicos factos de envenenamento pelo ammoniaco até hoje conhecidos: são os unicos elementos que possuímos para estudar a acção phisiologica desta substancia, ou, em outros termos sua acção pathogenetica.

« Quanto as axperiencias directas sobre os animaes, as de M.^r Orfila, são as unicas que existem (tratado de toxicologia, 5.^a ediç., tom. 1.^o, pag. 321) ellas reduzem-se ás tres seguintes:

« 1.^a *experiencia.* — Injecção de 8 grammos d'ammonia na veia jugular de um cão; rigeza tetanica; excreção involuntaria de urinas; pulmões crepitantes de uma côr vermelha livida; cuagulos na auricula esquerda; sangue não cuagulado no ventriculo do mesmo lado.

« 2.^a *experiencia.* — Dois grammos de ammonia liquido concentrado, introduzido no estomago; inspirações excessivamente profundas; morte no fim de 24 horas; pulmões sãos, crepitantes.

« 3.^a *experiencia.* — Oito grammos de ammonia dissolvidos em 300 grammos de leite, introduzidos no estomago. Nenhum symptoma se observou. A experiencia foi feita com o fim de verificar, depois da morte, a presença da ammonia nos liquidos e nos tecidos. »

Dos erros do espirito humano, magnetismo animal, mesas girantes, etc.

(NOTA LIDA Á SOCIEDADE DE MEDICINA DO PRIMEIRO DISTRICTO DE PARIS, POR M.^r CAFFE.)

« Quando se trata dos phenomenos da vida, o senso commum torna-se uma verdadeira antithese. Uma multidão de homens escolhidos mesmo entre os de lettras, cujo espirito orgulhoso aceita o septicismo voltariano, e se recusa a crer nos milagres de uma religião na qual a fé é o primeiro dogma, assim como é sua belleza, estes homens digo estão convencidos que debaixo da influencia do *magnetismo animal*, pôde-se conhecer a anatomia sem nunca se a ter estudado, e ler-se no corpo humano como em um jornal de modas, e tudo isto sem o auxilio dos olhos. Ahi não pára sua crença, pois que ainda fazem abstracção das distancias para interrogarem o magnetizado sobre o que se passa em Cantão, em S. Petesburgo ou no Rio de Janeiro, no momento mesmo em que o interrogão em Paris. Uma experiencia ou contra prova reduzem bem depressa a zero estas pretenções de uma ordem sobre natural; é bastante para isso interrogar a estes *divinos* não sobre o que se passa longe, porém sobre cousas que se possam verificar no mesmo instante. Pedi-lhe que leião não no corpo humano, onde ninguem consentiria a verificacção pela authopsia, porém que soletrem na pagina de um livro que esteja ao alcance de todos. O prestidigitador Rober Hudin deu exuberantemente a todo o Paris, mediante o preço de entrada para seu theatro a chave destas segundas vistas sem o auxilio dos olhos.

« Muitos milhares de francos depositados por M.^r Burdin em casa de um tabellião á muitos annos para serem dados

como premio á pessoa que poder ver *realmente* sem o concurso dos olhos, estão ainda intactos, sómente pela condição de ser isso praticado diante de pessoas competentes, isto é, tão inimigas do engano, como incapazes de serem enganadas.

« A' medida que as sciencias progridem (as verdadeiras são lentas, as gerações aniquilão-se procurando-as) o maravilhoso, o destino, a fatalidade, querem diminuir seu dominio; calcula-se hoje e annuncia-se muitos annos antes e sem erro, certo numero de revoluções celestes. Não pertence mais a um só homem aterrar populações inteiras prognosticando um eclipse, e o raio que ameaçava a propriedade e as vidas foi sorprendido e mandado parar por uma vara metálica que é o conductor ou pára-raios.

« Repassando-se as paginas da historia da humanidade lê-se em cada uma dellas a prova das crencas na *bruxaria*, no *olhado*, na *feiticaria*, e no *quebranto*, que são sem tirar nem por o nosso *magnetismo* moderno. As sybillas de Delphos e Cumas, os endemoninhados da idade media, provão de sobrejo as enfermidades do espirito humano. E' porque o elemento intellectual que nos compoem gosará de um privilegio excepcional? As molestias moraes como as phisicas formão o forçado cortejo de nossa existencia, com a differença bem clara de que, as perturbações em diversos graus, as indisposições da intelligencia, do bom senso, do juizo, &c., são cem vezes maiores do que as enfermidades phisicas, não só por seu numero, como por sua infinita variedade.

« A segunda metade do decimo nono seculo, estrêa dando ao mundo a mais solemne demonstração dos immensos prejuizos que podem atormentar o espirito humano; esta perturbação mostrou-se debaixo de fórmãs extranhas e inexplicaveis de mesas girantes, fallantes, de espiritos percursores, &c.

« Uma authoridade quasi geral, e mesmo muitos prelados decidirão que as mesas fallão e até predizem o futuro. O

bispo d'Orleans porém prohibio ás suas ovelhas de consultarem as mesas; teve imitadores, porque outros bispos se unirão a elle e publicarão pastoraes a este respeito.

» Si estes sabios prelados considerassem a cousa como um jogo de creanças, todo o echo produzido a favor destes pretendidos phenomenos, de que já ninguém se occupa, certamente não publicarião taes pastoraes contra semelhante erro. Por esta fôrma elles obrigarão a pensar-se que esses moveis antigamente innocentes, dão hoje asylo aos demonios. Si quizerão combater semelhante burla, escolherão o caminho mais curto para augmentar-lhe a voga; o engano para a maioria dos homens tem mais attractivos do que a verdade.

« O espirito humano, este fluido sem a menor duvida imponderavel, não tem limites marcados, e o trabalho do pensamento exaltado fortemente, póde abrir ao homem previsões sobre o futuro; é neste vasto campo do possivel, no qual em todas as epochas semeou-se e colheu-se com profusão, hypotheses, em que é talvez necessario hir procurar a origem de uma parte das theorias do *magnetismo animal*.

« Si eu quizesse estender o vasto quadro das molestias do *bom senso*, seria preciso incluir ahi a compacta multidão dos credulos, dos *espertalhões*, e daquelles que aliás mui numerosos, por preguiça ou negligencia, não se dão ao trabalho de verificar a realidade dos factos annunciados, e principalmente a moralidade e bom senso das pessoas que acreditão em taes factos.

« A feitiçaria, a *demoniomania* e os globulos infinetissimas, &c., &c., duraráo tanto como o mundo, porque estes filhos da mentira se nutrem da ignorancia e da fraqueza humana; a credulidade é a molestia da crença, assim como o fanatismo é a molestia da religião.

« *As luxações do bom senso* não serão portanto tão cedo *reduzidas* espontaneamente pela arte. Seria preciso para isso cicatrizar primeiro as úlceras profundas que desfigurão o genero humano taes como a velhacaria, a negligencia, a mizeria e a ignorancia. »

Proto-iodureto de ferro.

No numero passado desta *Revista* julguei a proposito fazer algumas observações ácerca dos preparados medicinaes de proto-iodureto de ferro, mostrando os inconvenientes de servir-mo-nos deste agente secco, e com antecedencia feito, que se vende no commercio. Por essa occasião pedi a attenção de meus illustrados collegas em abono do xarope de proto-iodureto de ferro preparado com a solução officinal de *Dupasquier*; hoje tratando ainda desse excellente ferruginoso, me occuparei com offerecer uma formula pilular de melhores effeitos tanto por sua preparação, como por sua maior conservação sem se alterarem.

Sendo as pilulas de *Piedagnel* as mais usadas, e sua formula sujeita aos inconvenientes já demonstrados por sua alterabilidade, e além disso insupportaveis ao estomage enfermo, que não póde geralmente tolerar as preparações que contém iode livre, a formula seguinte, sendo quasi uma imitação da do citado author, não é sujeita aos seus inconvenientes; eil-a:

Solução officinal de iodureto de ferro, 1 onça; extracto de genciana, 1 oitava; pó da mesma e mel,aná meia oitava. Evapore-se rapidamente o licor ferruginoso em uma capsula; misture-se-lhe o extracto, o pó de genciana e o mel, mechendo-se sempre e conservando calor brando até que a

mistura ganhe consistencia propria ; divida-se em 54 pilulas, das quaes cada uma conterà cêrca de 4 grãos de peso total, sendo dois grãos de proto-iodureto de ferro.

Estas pilulas assim preparadas e guardadas em vidro bem rollhado conservão-se por muito tempo sem alterabilidade, contendo todas as virtudes das pilulas de Piedanhel. Conhecido como esta a quantidade de proto-iodureto de ferro que produz uma onça, ou uma oitava da solução officinal, e facil ao medico augmentar ou diminuir a dóse deste agente quando quizer applica-lo, como é facil augmentar ou diminuir o numero das pilulas cuja formula fica transcripta.

E' igualmente com a solução officinal evaporada no acto da necessidade, que se deve preparar todas as pilulas ou quaesquer outros medicamentos que contenhão — *proto-iodureto de ferro*.

NOTICIA SCIENTIFICA.

No dia 4 de outubro do corrente anno alguns jovens doutores em medicina, e estudantes da mesma sciencia e de pharmacia da faculdade medica do rio de janeiro, instalarão em uma das salas do museu nacional e sob a protecção dos Srs. Drs. Paula Candido, Torres Homem, Bonifacio e Ferreira de Abreu numa sociedade denominada — *Phisico-chymica* —, para, como seu titulo indica, estudar essas sciencias principalmente em suas relações com a medicina.

Julgo cumprir um dever em acompanhar a imprensa periodica dando conta aos meus leitores desse acontecimento, como tornar saliente de quanta importancia é essa fundação para o futuro do paiz.

Todos conhecem hoje que a chymica e a phisica são duas alavancas poderosissimas que poem em jogo todas as molas da prosperidade de um paiz, porque são ellas que ensinão ao homem a tirar numerosos recursos de cada ser organico e inorganico que povôa a superficie da terra, suas entranhas, os lagos e rios que a banhão e até a athmosphera que a cobre.

A sociedade phisico-chymica acha-se dividida em tres secções, uma de phisica, e as duas outras de chymica organica e chymica inorganica dirigidas pelos distinctos professores acima citados.

Por esta disposição vê-se claramente que seus fundadores procurarão aproveitar o pendor de cada socio, para aquella parte das duas sciencias para que tiverem mais inclinação, e esta acertada e util medida concorrerá por certo para o progresso successivo della. Consta-me que, segundo uma disposição dos seus estatutos, a sociedade phisico-chymica no intuito de diffundir pela população suas descobertas publicará, logo que possa, um jornal seu. Em quanto o não fizer, offereço em nome da sociedade pharmaceutica brasileira as paginas desta *Revista* para os trabalhos da sua mui digna irman, ambos lucrarão; ella por ter desde já á sua disposição as paginas de um jornal, e a *Revista Pharmaceutica* incumensuravel importancia pela riqueza de materias de subido interesse que lhe transmittirão os illustrados membros que compoem a joven sociedade phisico-chymica.

Modo de privar os corpos gordos do cheiro de ranço.

« O Dr. Griselez fez accidentalmente a observação de que ajuntando-se aos oleos rançosos uma pequena quantidade de ether nitrico, se lhes tirava todo o cheiro desagradavel, e

que aquecendo depois o oleo para privar-o de todo o alcool, tornava-se elle claro e limpido como se achava antes de ser alterado. Segundo o doutor Griselez, algumas gotas d'ether nitrico misturadas a um oleo, impedem que elle se rancide. »

(Jornal de chym. med. toxocolog. e pharmacia de Paris.)

A sociedade pharmaceutica brasileira acaba de sofrer uma perda irreparavel com a morte do seu muito digno e illustrado consocio o pharmaceutico Luiz José Bardy. O illustre morto, natural da suissa, veio para o brasil a mais de 40 annos e se estabeleceu na rua de S. Christovão onde exerceu sua proffissão como verdadeiro e leal pharmaceutico. Tendo de escolher uma esposa para companheira, não foi procural-a entre os seus, foi a uma honesta brasileira a quem ligou sua existencia, a quem fez ditosa em todo o curso da sua vida. Não tendo filhos, tomou sob sua protecção tres sobrinhos de sua esposa, e cuidou delles com desvélo e carinho verdadeiramente paternal. Seu genio brando, seu caracter franco e leal, suas maneiras doces e affaveis lhe adquirirão as sympathias de seus visinhos, de todos que com elle tiverão tratos. Sua pericia de pharmaceutico foi conhecida de todos que se servirão da sua botica, e a sociedade pharmaceutica brasileira melhor que ninguem soube apreciar suas bellas qualidades. No fim de uma vida de mais de secenta annos, uma erysipela nos escrotos e um abseço cujos estragos, os mais apurados cuidados da medicina, dos seus amigos, e de sua desvelada familia não poderão vencer, o levarão a eternidade no dia 22 de dezembro de 1854. Ao seu enterramento assistio a sociedade pharmaceutica brasileira. Deos se compadeça de sua alma, e a terra que cobre seu corpo lhe seja leve !



DISCURSO

pronunciado por Ezequiel Corrêa dos Santos, presidente da sociedade pharmaceutica brasileira, no acto de dar-se sepultura ao cadaver de Luiz José Bardy, membro contribuinte da mesma sociedade.

IRMÃOS E COLLEGAS!

E' esta a segunda vez que no curto periodo da existencia da sociedade pharmaceutica brasileira, um doloroso e sagrado dever nos reúne á borda de um sepulchro, para ver-mos baixar a elle para toda a eternidade o cadaver de um collega, de um consocio illustre. E' esta a segunda vez, senhores, que a morte cortando com seu horrivel instrumento nivellador uma preciosa existencia nos cobre de negro crepe deixando um vacuo difficil de occupar-se. Um anno não havia ainda corrido na ampulheta do tempo que marca nossa vida social, quando o genio da destruição adejando sobre nós ceifou uma das mais bellas espigas da nossa ceára arrebatando-nos o nosso sempre lembrado companheiro João Corrêa Dutra; e hoje, sem que tempo bastante tenha passado para extinguir de todo a dôr e a saudade que essa perda tão sensi-

vel produzio sobre nós, novo e não menos terrivel golpe desfecha o destino sobre a sociedade pharmaceutica brasileira !

Ai de nós, caros collegas ! nossas bellas esperanças se esvaecerãõ se tão preciosas vidas se forem tão approximadamente extinguindo ! Eis, collegas, diante de nossos olhos ainda mal enchutos estendido sobre esse ferétro a nova victima, o corpo frio e inanimado do virtuoso e illustre pharmaceutico Luiz José Bardy ! Deos misericordioso ! Deos incomprehensivel aos olhos dos miseros mortaes ! si a sociedade pharmaceutica brasileira te ha offendido, perdôa-lhe, SENHOR, mas não a aniquileis levando-lhe as melhores columnas de seu ainda mal seguro edificio !

Luiz José Bardy pharmaceutico formado e nascido na suissa veio para o brasil a mais de 40 annos, e estabeleceu-se no bairro de S. Christovão onde se conservou sempre, dando em toda a sua vida proffissional mais que sobejas provas de possuir todas as qualidades que caracterisãm o verdadeiro pharmaceutico ; sciencia, probidade e philantropia.

Não me cançarei, caros consocios, em apresentar-vos as provas da sua sciencia porque vós o ouvisteis discorrer em nossas reuniões, e além disso sua fabrica de chlorureto de oxydo de sodium de Labarraque é disso mais uma prova. Tambem não dissertarei em prova de sua probidade, porque todo o bairro de S. Christovão e uma vida de mais de 60 annos bastão para demonstral-o, referirei sómente, que na epocha actual onde o ouro é o sonhar de quasi todos, a realidade para o maior numero, o illustre morto teve mais de uma occasião de ajuntar ouro, mas legou-a sua virtuosa viuva um nome honroso e mesquinha fortuna. Ácerca de sua philantropia, da bondade de seu coração, o testemunho de todos que o tratarão o attesta, e quando esta prova não baste ali estão tres sobrinhos de sua honrada viuva para mais o certi-

ficar. Perguntai a essas duas donzellas e a seu joven irmão quem é que lhes servio de pae, quem cuidou de sua educação, e elles vos responderão repassados de dolorosas saudades, com sentidas e ardentes lagrimas foi o nosso bom amigo, o nosso bom tio Luiz José Bardy cuja memoria nunca nos esquecerá; foi elle, por quem sempre rogaremos a Deos em nossas orações!

E' no centro da familia, Snrs., é debaixo do tecto que occulta nossas acções aos olhares investigadores; é nesse lugar onde o homem é soberano e absoluto e não no publico, nesse theatro onde a hypocrisia é a primeira protogonista, que se deve estudar e escolher os homens. Si entre a familia onde elle manda e é obedecido o homem é honesto; esposo e pae carinhoso; parente e amigo prestavel; amo e senhor affavel; si ahi elle não fôr ambicioso, se se horrorisar perante si mesmo de possuir o alheio, esse homem será ainda mais em publico honesto, e philantropo, que assim o praticou em toda sua peregrinação neste mundo de miserias o nosso illustre companheiro cujo cadaver ahi tendes estendido sobre esse ferétro. Snrs., meus labios não habituados á menteria, não ousarão faltar a verdade em vossa presença, em presença do cadaver de um morto, e no acto solemne, e respeitoso de dar-se lhe a sepultura!

Amigos e collegas, está finda a nossa missão! Acompanhámos até o ultimo marco do caminho da vida o digno companheiro que tanto nos honrou; despeçamo-nos d'elle, e invoquemos suas preces perante o Deos pae e creador de todos os homens.

Manes de Luiz José Bardy! alma pura que estás junto do Omnipotente gosando o premio do justo, roga a Deos que proteja o Brasil, esta terra que por tantos annos te servio de patria; implora a Deos que proteja a sociedade pharmaceutica brasileira, porque as preces das almas como a tua sempre são attendidas! Cadaver de Luiz José Bardy, em nome da sociedade pharmaceutica brasileira, Adeos! Adeos para sempre!

TOXICOLOGIA.

Acido sulfurico arsenical circulando no commercio.

(NOTA COMMUNICADA PELO DR. BLONDLOT, PROFESSOR DE
CHIMICA NA ESCOLA DE MEDICINA DE NANCY.) (1)

Ha já bastante tempo que o acido sulfurico geralmente empregado nos departamentos de leste, se tirava quasi exclusivamente da fabrica de Dieure, que, empregando no fabrico desta substancia unicamente enxofre da Sicilia, fornece productos inteiramente isemptos de arsenico, como tive muitas occasiões de me certificar. Por isso bastante surpreendido fiquei quando, ultimamente, fazendo aos estudantes que frequentão meu curso a demonstração do apparelho de Marsh, verifiquei que o acido de que me servia continha uma grande quantidade de arsenico. Contando isto ao droguista que me havia fornecido esse acido, soube que elle provinha de uma outra fabrica, estabellecida ha alguns annos no departamento dos Võsgos. Ora, si as informações que colhi deste estabellecimento são exactas, elle extrahia o enxofre dos pyritos ferruginosos que abundão nesses lugares, mas que encerrão todos maior ou menor quantidade de arsenico.

(1) Sabe-se desde muito tempo que o acido sulfurico fabricado em Lyon com pyritos contém arsenico.

Como quer que seja, tendo procurado em casa de outros negociantes acido sulfurico da mesma fabrica, pude da mesma fórma verificar que elle continha uma forte proporção de arsenico, o que prova que o facto assignalado não é accidental.

Para determinar em que proporção se acha o arsenico no acido sulfurico de que se trata, fiz a experiencia seguinte :

Pesei exactamente 30 grammas deste acido, e servi-me delle para alimentar um apparelho de Marsh, cujo tubo de desprendimento mergulhava em uma dissolução de azotato de prata, operação esta que durou muitos dias. Filtrei, e, depois de ter deluido com agua distillada, fiz passar atravez do liquido uma corrente de acido sulfhydrico, que deu lugar a um abundante precipitado de tri-sulfureto de arsenico. Aqueci para expellir o excesso de acido sulfhydrico, e tendo separado o precipitado do liquido por decantação, e depois lavado da mesma fórma com agua distillada, eu o introduzi em uma mui pequena capsula de porcelana previamente tarada ; e, depois de o haver completamente seccado, pesei-o, o seu peso foi de 0gr.,042. Tratado pela ammonia, elle se dissolveu, deixando comtudo 0gr.,003 de enxofre, que, deduzidos do peso precedente, deixão 0gr.,039 de sulfureto de arsenico. Ora, suppondo que o arsenico se ache no acido sulfurico em questão no estado de acido arsenioso, estes 0gr.,039 de sulfureto representão 0,gr.03 deste ultimo, salva uma pequena fracção. Donde resulta, definitivamente, que o acido sulfurico examinado encerra um millesimo de acido arsenioso.

Julgo que seria inutil insistir longamente sobre os inconvenientes que haveria em deixar circular no commercio um acido tão fortemnte arseniado. Com effeito, o emprego de tal acido poderia, em alguns casos, illudir osmedicos legis-

tas nas pesquisas toxicologicãs; (1) visto que o acido sulfurico é frequentemente empregado em muitos usos, taes como a limpeza de toneis, a sophisticação do vinagre, &c., em consequencia do que o arsenico poderia introduzir-se no organismo animal em quantidade appreciavel, comquanto, por assim dizer, infinitesimal.

O emprego de tal acido poderia mēsino ser directamente perigoso, por exemplo, entre as mãos de um pharmacoutico que, irreflectidamente, se servisse delle para preparar alguns dos saes neutros usados como purgativos.

Em summa, penso que convem chamar a attenção da authoridade administrativa sobre este facto, afim de que ella reflecta, se julgar conveniente, nos meios de remediar isto.

P. S. Esta nota, communicada ao conselho central de hygiene publica e de salubridade de Meurthe, foi depois transmittida pelo perfeito do departamento ao ministro do interior.

De uma memoria publicada entre nós em 1845 pelo illustre medico viajor o finado Dr. Domingos de Marinho Azevedo Americano, que por ordem e conta do governo foi mandado a europa estudar o estado das instituições medicas, extrahimos o que nella se acha ascripto ácerca do ensino da pharmacia em frança, nessa época, e dahi verá o leitor quão dif-

(1) Além de não ser novo na sciencia o facto da existencia do arsenico no acido sulfurico, como este artigo poderia á primeira vista fazer suppôr, accresce que este inconveniente apresentado pelo illustre professor da escola de Nancy perde toda a importancia, por quanto é preceito de rigorosa observação em medicina legal que o medico legista deve estar a priori intimamente convencido da puresa chimica de todos os reactivos por elle empregados em suas experiencias. Accresce mais que para nos convenceremos de que o arsenico provinha do acido era necessario ter analysado antes o zinco empregado no aparelho de Marsh, e ter demonstrado por esta fórma que elle não continha arsenico, como não poucas vezes se observa no zinco do commercio.

ferentemente do que se passa aqui hoje, era elle feito; e saiba que na actualidade tanto nesse como n'outros paizes europeos tem continuado em progressivo melhoramento esse ensino, ao passo que no rio de janeiro, na capital do imperio, em 1855, depois da nova reforma da escola de medicina onde á muito custo, vencendo-se grandes difficuldades e opposições dos homens da sciencia, pôde apenas conseguir-se a creação de uma cadeira de pharmacia pratica, que ainda não foi comprehendida, e que nenhum melhoramento trará ao ensino pharmaceutico pratico de que tanto depende o bom ou mau successo da sorte do cidadão enfermo. Eis o que diz o author a quem me refiro:

ESCOLAS DE PHARMACIA.

« E' facil conhecer quã intimas são as relações que *ligão* a pharmacia á medicina. Si esta sciencia nos faz conhecer as molestias, suas causas, desenvolvimentô, e decadencia, bem como os symptomas que caracterisão seus differentes periodos, *aquella* nos ensina conjunctamente com a materia medica, de que é uma dependencia, a natureza, qualidades, e propriedades das substancias medicinaes, como tambem as doses em que ellas devão ser empregadas, graduando-as segundo as idades e sexos, e instruindo-nos ao mesmo tempo do melhor meio de as preparar e conservar.

« Embora conheça o medico a natureza real de uma enfermidade e prescreva acertadamente o medicamento que a uva destruir, se este não *for bem preparado* e não estiver em perfeito estado, não só a cura *não será obtida*, como tambem a molestia se agravará, tomando uma direcção muitas vezes fatal; assim pois o ensino da pharmacia *deve merecer muita attenção* em todo o estado em que a instrucção medica fôr bem organizada.

« A salvação ou a perdição de um doente, depende não

poucas vezes da dóse mais ou menos forte de uma substancia energica, ou do emprego de materias medicinaes detirioradas, tendo por conseguinte adquirido propriedades, differentes, e perdido aquellas que o medico tinha em vista quando formulou a prescripção. Estas reflexões fazem sentir o quanto é necessario regularisar *de uma maneira solida* a instrucção dos pharmaceuticos, e a necessidade de *uma revisão*, ou visita feita de tempo em tempo por *homens entendidos nas boticas*, afim de examinar se as substancias e preparações ahi conservadas estão em perfeito estado.

« Nas épocas remotas da nação franceza, a arte pharmaceutica foi ensinada sem ligação ou sobordinação alguma ás escolas medicas e sem que mesmo houvessem instrucções dadas pelo governo. Quem tivesse exercido esta arte por algum tempo sob a direcção de um boticario, tinha faculdade de abrir depois uma botica, e continuar assim sua industria. A primeira lei que appareceu dando uma fórma regular aos que se dedicassem a essa carreira, foi de 25 de abril de 1777; porém de uma maneira muito parcial; sendo destinada sómente a regularisar o ensino da pharmacia na escola de paris, ficando os outros departamentos no antigo estado. Ella creava um collegio de pharmacia, composto de *mestres boticarios*, e outros que, sob o titulo de privilegiados exercião a arte em paris, e seus suburbios. Este collegio, cujos estatutos forão definitivamente approvados em 10 de fevereiro de 1780, tinha obrigação de dar lições sobre os differentes ramos de pharmacia, e materia medica aos que se dedicassem a esta carreira. Este estado imperfeito do ensino pharmaceutico permaneceu até a época da revolução de 1792, que o destruiu, bem como todas as outras corporações ensinantes. Quando a revolução foi perdendo seu character destruidor, e que se tratou de reorganisar a instrucção publica, a pharmacia não podia deixar de ser contemplada, e

appareceu a lei de 21 *Gernimal*, anno 11 da Republica (11 de abril de 1803), que creou e organisou novas escolas de pharmacia em todas as partes do territorio francez, em que existissem faculdades de medicina. Grande parte das disposições desta lei ainda estão hoje em vigor; porém ultimamente grandes modificações forão feitas nas escolas deste genero pela ordenação real de 27 de setembro de 1840, determinando que estas escolas, que antes existião separadamente, e formavão corporações distinctas, passassem dahi por diante a fazer parte da universidade, e fossem sujeitas á sua inspecção e regulamento.

« Ha em frança tres escolas de pharmacia existentes em paris, moutpellier, e strasburg. Limitando-nos somente a de paris, seu pessoal compoem-se de seis *professores* titulares, *quatro* adjuntos, e *cinco* substitutos, escolhidos, quando ha vagas, sob uma lista dupla apresentada uma pela escola de pharmacia, e outra pela faculdade de medicina. Um director e um secretario gerem os negocios do estabelecimento, e são igualmente escolhidos pelo ministro, d'entre os professores da escola. Cumpre todavia notar que os substitutos são escolhidos em concurso, e só durão cinco annos, sendo no fim deste tempo substituidos por outros. As condições de illegibilidade são para os titulares, apresentação de diploma de formatura em sciencias phisicas, e idade de trinta annos; para os adjuntos, o diploma de licenciado nas mesmas sciencias; e para substituto, o diploma de pharmaceutico, e o de bacharel em sciencias.

« O curso pharmaceutico compoem-se de tres annos, divididos em semestres de inverno, e verão. O anno escolar começa no 1.º de novembro e acaba em fins de julho. As materias ensinadas são distribuidas da maneira seguinte :

1.º ANNO } Physica e chymica.
 } Historia natural medica.

- 2.º ANNO } Historia natural medica.
 } Materia medica.
 } *Pharmacia propriamente dita.*
- 3.º ANNO } Toxicologia.
 } *Manipulações chymicas e pharmaceutica.*

As manipulações chymicas e pharmaceuticas são feitas em amphitheatro para isso preparados com o nome de *escola practica*, na qual os alumnos são admittidos a fim de se *exercitarem na arte*. Todas as quintas feiras ha *herborizações* e a escola *possue um bom jardim* com todas as plantas medicinaes para servirem de instrucção aos alumnos.

« Não é de rigor para obter o titulo de pharmaceutico que se estude somente nas escolas. *Oito annos de practica* em uma botica sob a inspecção de um pharmaceutico reconhecido, e approved, qualificação o candidato a ser admittido a exame. Aquelles que fazem seus estudos nas escolas, são depois obrigados a praticarem tres annos em uma pharmacia antes de tirarem o diploma.

« A assiduidade dos alumnos é verificada, nas escolas, por inscripções, e, nas pharmacias particulares, onde praticação por registros onde elles inscrevem seu nome, pronome, idade e domicilio, no principio e fins de cada anno. Estes registros são conservados *nas escolas*, no escriptorio da administração, e, nos departamentos pelas authoridades policiaes do logar. Mas seja qual fôr o logar em que o alumno tenha feito seus estudos, elle não póde passar a exame sem apresentar diploma de bacharel em letras, attestado de bons costumes, idade de 25 annos, certificado de escola, ou pharmacia particular em que tiver estudado. Ha dois jurys differentes para a recepção dos pharmaceuticos, um nas escolas, e outro nos departamentos. O das escolas compoem-se de dois proffessores da faculdade de medicina, do director, e de tres membros mais da escola de pharmacia; e os dos depar-

tamentos é o mesmo que serve para a recepção dos officiaes de saude, só com a addição *de quatro pharmaceuticos mais eleitos pelo Perfeito do departamento.*

« Os exames são quatro : os dois primeiros versão sobre a theoria, e os principios da arte pharmaceutica, botanica, e historia natural das drogas simples ; e os dois ultimos sobre a pratica da arte, em que os alumnos devem fazer ao menos *nove operações, ou manipulações chymicas e pharmaceuticas, descrevendo ao mesmo tempo os materiaes, os processos, e resultado.* Estas duas ultimas provas durão quatro dias. A despeza total que o alumno faz, segundo a escola de paris, monta a 1,200 francos proveniente de inscrições, direitos de exames, e gastos nas operações exigidas pelas duas ultimas provas, que são á cargo do candidato. Os pharmaceuticos recebidos por uma das tres escolas, podem-se estabelecer em qualquer parte do reino ; porém os que forem recebidos pelos jurys dos departamentos, *só podem-se estabelecer nos respectivos departamentos : tanto uns como outros são obrigados antes de se fixassem de apresentar seus diplomas ás autoridades policiaes do logar ; afim de verificar seu direito e legalidade.* » (1)

(Continúa.)

(1) Todos os nomes que se achão em *grifho* não estão assim escriptos na memoria, e se assim os estampel foi para bem notar-se como era cuidadosamente ensinada a pharmacia em frança n'essa época ; como se attendera a todas as circumstancias para que a lei não fosse illudida, &c., e poder-se assim comparar com o que se praticou e ainda se pratica entre nós a respeito do ensino e pratica pharmaceutica. Em 1840 foi o ensino da pharmacia estabelecido em frança como se vê na memoria do illustre medico mineiro, tão precocemente arrebatado pela morte ; entretanto no brasil, em 1853 creou-se apenas uma cadeira de pharmacia pratica, dirigida por um medico, fora de um amphitheatro, e sem que suas funções se achem bem definidas. Em 1854 ainda se fizerão na nossa escola de medicina, exames de pharmacia pela forma antiga, talvez com certificados falsos tanto de idade como de haver praticado essa sciencia, e esses mesmos exames versando somente sobre theorias perguntadas por quem nunca vio senão exteriormente as boticas.

Preparações pharmaceuticas.

UNGUENTO DESOBSTRUENTE DO DR. SILVA.

Variando a fôrma por que se prepara nas nossas boticas o unguento desobstruente de sumos, e muito especialmente o da formula do nosso incansavel e digno patricio o Sr. Dr. Joaquim José da Silva, que tão importantes serviços ha prestado a pharmacia e medicina brasileira tornando conhecidos innumeros e importantes productos da nossa materia medica, julgo não ser destituído de proveito para os meus honrados collegas a publicação da formula do unguento desobstruente do Dr. Silva; eil-a :

Folhas frescas de urgevão	} 12 onças.
» » de picão preto	
» » de pariparoba	
» » de agriões	
Cebolas branca.	8 onças.
Cebo de carneiro.	24 »
Unto de porco	48 »
Azeite d'oliveira	5 »

Contundem-se bem as plantas frescas com a cebolla branca, e em vaso de terra vidrado, ou cobre estanhado, leva-se ao fogo com as substancias gordurosas para evaporar toda a humidade, havendo cuidado de mecher-se continuamente para não carbonisar-se. Evaporada a humidade, coa-se por um pano ralo, e guarda-se em vaso proprio.

A quantidade prescripta de azeite pôde ser augmentada ou diminuida, segundo que a estação for calmosa ou fria, porque do estado da temperatura athmosferica depende a maior ou menor consistencia do unguento.

OPIATA CONTRA A BLENORRHAGIA, FORMULA DO DR. BEYRAND.

Oleo de copaiba, 420 grammos; magnesia calcinada, 30 grammos; alumen, 40 grammos; cubebas, 360 grammos; catto, 60 grammos; canfora, 40 grammos; opio, 3 grammos; essencia de rosas ou de hortelã pimenta, 20 gottas.

O Dr. J. Beyrand diz que uma longa experiencia, e a pratica em dois hospitaes como chefe do serviço medico, lhe demonstrarão a grande efficacia desta opiata no tratamento da hypersecreção das membranas mucosas, e muito especialmente nas blenorrhagias sub-agudas, ou chronicas.

A dóse deste ellectuario é de uma a duas colheres pequenas, envolvido em pão humidecido, duas horas antes, e tres pelo menos depois da refeição.

Na maior parte dos casos, diz o author que tem empregado este remedio logo no principio da blenorrhagia, quer se ache no estado inflammatorio, quer não, e sem medicação previa pelos antiphlogisticos; o resultado foi sempre coroado de bons effeitos.

Nos primeiros dias de medicação o corrimento conserva-se o mesmo; diminue depois, e finalmente desaparece entre tres a sete dias, chegando algumas vezes a quinze. Seis casos porém, diz o Sr. *Beyrand*, durou o curativo de 15 a 20 e 32 dias, sem que houvesse o emprego de injecções adstringentes. E' pela mesma fôrma, e com os mesmos bons resultados, que o author certifica ter curado as erecções dolorosas, as vermelhidões do meato urinario, e a secreção mucosa tão commum depois que cessa a blenorrhagia.



DISCURSO

Lido na sessão solemne anniversaria da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 24 de julho de 1854, pelo seu presidente José Tedeschi, professor de pharmacia e toxicologia na escola medico-cirurgica de Lisboa, etc.

SENHORES!

Ainda outra vez, Senhores, a Providencia permittio que eu fosse de novo chamado pelos vossos suffragios para erguer minha debil voz na vossa presença, e como interprete de vossos sentimentos, saudar este dia de gloria, este dia 24 de julho, que de seu seio entornou o orvalho animador, e santo, da liberdade, no solo da patria, escrava então, desalentada, e abatida! Dia de grandes recordações! Dia fertil em resultados, não só para o aperfeiçoamento moral da sociedade portugueza, mas tambem para o melhoramento da industria, das artes bellas, e das sciencias, que tanto concorrem para a felicidade da especie humana, e formão, por assim dizer, o viver das nações.

Grato é pois ao homem, que sente aqui no peito, palpitar coração portuguez, que ama a moral e a sciencia, erguer um brado de reconhecimento que, como suave incenso, suba pelas regiões do espaço e dos mundos até ao Throno do Ser dos Seres, e mostre lá no porvir os generosos sentimentos, de que se achava animada a Sociedade Pharmaceutica Lusitana, n'este dia, em que ella celebra a memoria da sua inauguração.

Decorrido havia já longo tempo, Senhores, depois que por toda essa Europa, a sciencia, levantando, a sua magestosa frente, coroada de louros, os mais bem merecidos, e emancipando a intelligencia do homem, ensinara a substi-

tuir, em todos os ramos do saber humano, pelas theorias e methodos illustrados, a practica absurda e rutina cega; e ainda Portugal arrastava uma existencia rachitica, e de mesquinha instrucção.

Em Inglaterra, na Alemanha, na Italia, e na França, terras classicas do saber humano, estudava-se o homem no pensamento, no coração, e nos seus órgãos phisicos; e innumeraveis sciencias psychologicas, moraes, sociaes, e phisicas, dimanarão, como por encanto, d'aquella augusta trindade de observação.

O mundo phisico, tal qual sahira das mãos de Deos, nos dias da criação, fôra tambem estudado pelo genio investigador do homem; do homem, que sedento de saber, reconhece que a sciencia é o facho, que Deos accendera, e lhe collocára nas mãos, para o illuminar por entre as trevas da vida; d'esta arte os phenomenos inorganicos, accessiveis aos sentidos, assim como as leis, que presidem á sua formação, tudo foi reduzido a systema, e a phisica explicou as propriedades geraes da materia, as leis da acustica, da optica, a theoria da luz, os effeitos do calorico, os phenomenos da electricidade, as leis do movimento, as theorias das forças; em uma palavra, a intelligencia contára um a um os elementos, de que se compõe a natureza, conhecera os corpos relativamente á sua composição, as leis, que presidem á acção, que uns exercem sobre os outros, e d'este modo houverão conhecimentos dos phenomenos intimamente ligados com a constituição dos corpos, principalmente d'aquelles, em que essa constituição é alterada sempre uniformemente, para dar logar a novos productos.

A chymica pois, radiante de gloria pelas suas descobertas, e ainda mais pelo poder de seus methodos, appareceu como soberana, estendendo o seu sceptro sobre os tres vastos reinos da criação: e o mundo organico, bem como o mundo

inorganico receberão de suas mãos larga e mui dilatada esphera de relações.

As artes technologicas vierão tambem submetter-se ao seu imperio ; e ricas em seus processos e segredos ostentarão-se formosas e uteis por toda a parte, onde a civilisação mostra, como sua divisa, trabalho, progresso, e liberdade.

Se a sciencia pois, Senhores, augmentou com intensidade a vida, dilatando as raias ás regiões do gozo, a sciencia para ser consequente consigo e com seu nobre fim, devêra tambem arredar a dôr, e vencer a doença, não só creando a hygiene, para conservar a saúde, mas tambem com tantos meios a seu alcance, dando existencia a uma nova therapeutica, e a uma nova clinica, que poderosa, como o genio da vida, arrancasse d'entre o sudario, e d'entre as sombras do sepulchro, as victimas da morte.

A medicina pois, docil e obediente a este tão imperioso mandamento, despresa a philosophia escolastica ; emancipa-se das formulas peripatheticas, e desdenhando o cego empyrismo, devassa as regiões dos tumulos, interroga os cadaveres, não com os sortilegios de antigos Magos, não com as surperstições dos sacerdotes ao examinar as entranhas das victimas ; mas com o escalpelo na mão, confirma ou desmente as theorias e os systemas ; e rica com todas as descobertas do homem, com todas as experiencias da observação, com todos os phenomenos e productos da natureza, eleva-se em todos os seus tres ramos até á altura das outras sciencias ; e a Pharmacia, Senhores, essa arte de conhecer, recolher, escolher e conservar os medicamentos simples, e de manipular os compostos ; a Pharmacia, essa nobre sciencia que professamos, vio em torno de si, como suas irmãs gemeas, a Medicina e Cirurgia ; em summa toda a sciencia relativas ao vasto campo da natureza.

Corramos um veu sobre os quadros d'esse viver mesquinho

da Pharmacia em antigas eras, para exultarmos com o seu actual esplendor; esqueçamos tambem a nenhuma protecção, que ella tinha em nossa terra, e a quasi nulla instrucção que davão a nossos irmãos! Por cujo motivo um nosso distincto escriptor, fazendo um resumido quadro da historia da Pharmacia, não duvidou dizer: « que só nos estatutos da universidade de Coimbra achou indicado um tal ou qual curso pharmaceutico, ao qual poucos erão os alumnos que concorrião. »

? E quem duvida que para se exercer a Pharmacia é mister não vulgar instrucção?

O termo *Apo Texe* não significa hoje em dia o vaso ou caixa, que continha os medicamentos, ou o individuo destinado a guardal-os; tem mais largas dimensões, segundo o sentido de Monelot.

A Pharmacia já não é unia arte mecanica, mas sim um conhecimento certo e evidente dos phenomenos naturaes funda-se na demonstração e no exercicio manual dos seus processos; obedece a regras constantes e invariaveis; e se por acaso o pratico d'ellas se affasta, é notorio que não alcançará o fim, a que se propoz, e terá inteiramente mudada a natureza do producto, que tenta manipular.

Devemos pois, Senhores, como Pharmaceuticos, iguallarmo-nos com o alto destino da arte, ou antes, da sciencia que professamos.

Familiarisemo-nos pois com os phenomenos geraes da physica, com as propriedades geraes dos corpos, com as leis do movimento, com os effeitos do calorico, da hydrostatica, da hygrometria, com os que produz o vehiculo da atmosphaera, e o poderoso agente da electricidade, do galvanismo, do magnetismo, bem como com os que nascem da theoria da luz.

? Quem ha, que ignore, que nos é mister conhecer os

elementos da Meteorologia, e que até carecemos das Mathematicas, mesmo as transcendentas, para os calculos necessarios nas experiencias areometricas, e eudiometricas ?

¿ E que diremos nós da Historia Natural? D'esse vasto e dilatado campo da sciencia, tão bello, tão rico em phenomenos e em productos ! ¿ Nos seus tres reinos que abundante colheita não offerece ella ao Pharmaceutico do seculo 19.º? Sirvão de exemplos as cantharidas, as tartarugas, as rãs, os caracoos, o coral, a siba, as gorduras, a cera, e o mel, que nos fornece o reino animal : a quina, a valeriana, a belladona, o opio, a myrrha, e o vinho, que vamos colher ás embalsamadas regiões da gentil Flora.

Bem conhecido é de todos o uso que faze mos em nossas preparações, do mercurio, do potassio, do magnésio, do sodio, do iodo, do bromio, do cobre, do chumbo, do ferro, e da prata, que a mão da industria, acompanhada pela das sciencia, vae proeurar ao reino mineral, e extrahir das entranhas do nosso globo, d'esse agregado immenso e informe de seres, a que chamamos Terra.

Ah ! Senhores ! Vastos e mui vastos são os estudos, e as habilitações, de que carece o Pharmaceutico, em nossos dias ; a Medicina e a Cirurgia não campeião, não respirão em atmosphera de sciencia mais elevada : serve-se a Pharmacia, como ellas, de toda a natureza, considerada como materia medica ; e quantas vezes precisa ella devassar os vedados terminos, o sanctuario da therapeutica, para dar execução intelligente, e scientifica aos mandados ou requisições, escriptas sobre o travesseiro do infeliz doente, quasi moribundo ? A propria sociedade, os proprios governos tem intendido que os Pharmaceuticos não só devem possuir, mas que possuem effectivamente vastos conhecimentos em todos os ramos da hygiene publica e da medicina legal.

Se tudo quanto levo exposto é assim: se a Pharmacia, livre e desafrontada, póde hoje despir a esclavina, e trajar a toga viril, tomar nobre assento na communhão das outras sciencias; formemos nós, Pharmaceuticos profissionaes um pedido bem razoavel para que se organizem condignamente os nossos estudos para um dia podermos aspirar ás honrosas habilitações academicas.

Só quando se prehencher este *desideratum* da sciencia, é que será completa a nossa regeneração, e que colheremos todos os frutos d'aquelle tão memoravel dia 24 de julho.

Finalmente, Senhores, é do meu dever, n'este logar e occasião, lembrar-vos o mais sancto dos preceitos de nossos Estatutos: o Monte-Pio Pharmaceutico, essa esperança de nossos irmãos, infelizes, olhada como taboa de salvação para suas desgraçadas viuvvas e desditosos orfãos!

Não consintaes que as aguas do Lethes arrebatem este pensamento generoso, e que em suas ondas rolem tantas esperanças, para as ir sumir no abysmo do nada! Não!... Diviso em vossas feições, leio em vossos olhos o cuidado e attenção, que vos merece o nosso Monte-Pio.

Podemos pois affirmar com afouteza, com a mão sobre a consciencia, que dos tumulos não se erguerá voz de pungente censura para nos reprehender de não termos dado a este pio estabelecimento toda a attenção que nos deveria merecer.

Durmão em paz seu ultimo somno os manes de nossos socios; suas viuvvas, e seus orfãos, não deixarãõ de colher os *possiveis* fructos d'esta Associação, que a philantropia fez estabelecer.

REVISTA PHARMACEUTICA.

4.º ANNO. N.º 8. — FEVEREIRO DE 1855. VOL. IV.

SOCIEDADE PHARMACEUTICA BRASILEIRA.

SESSÃO LITTERARIA EM 22 DE DEZEMBRO DE 1854.

Presidencia do Sr. E. Corrêa dos Santos.

Às 6 horas e meia da tarde achando-se reunidos em casa do Sr. presidente 10 socios contribuintes abriu-se a sessão, leu-se e approvou-se a acta da sessão antecedente.

O Sr. Pires Ferrão, 1.º secretario, comparece pela primeira vez depois que fôra eleito para este cargo, cuja eleição agradece, e justifica sua falta de comparecimento. Faltando o 2.º secretario, o socio Silva Leite continúa a occupar esse logar que tem servido, por occupar o 2.º secretario o logar de primeiro, na ausencia do seu proprietario.

O Sr. presidente declara á sociedade que tendo, como redactor da *Revista Pharmaceutica*, de publicar a acta da sessão em que a sociedade eliminou um socio, o fizera sem publicar o nome do eliminado, do que pedia approvação da sociedade, e ella o fez.

O Sr. Fernandes da Costa commissionado para examinar as contas do Sr. thesoureiro e do depositario das drogas, apresentou seu parecer ácerca do primeiro elogiando-o zelo e boa gerencia de tão digno socio, parecer que foi unanimemente approvado. Quanto á outra parte foi o Sr. Fernandes da Costa dispensado, por ora, de continuar nesses trabalhos que devem ser reservados para o fim do anno social.

ORDEM DO DIA.

Reforma de estatutos. — O Sr. presidente diz que julgando conveniente crear-se uma nova classe de socios, não contribuintes com a joia de cem mil réis, concorrendo somente com as mensalidades, e sem terem direito aos soccorros do monte pio, isto por haverem alguns jovens e instruidos pharmaceuticos e outros individuos, que muito poderão a brilhantear a sociedade, mas que não quererão ou não poderão satisfazer aquelle onus; propuha a criação dessa classe de socios. Declarou que achava tambem conveniente que fossem eliminados de socios todos aquelles que faltassem seguidamente a um certo numero de sessões sem causa justificada e participada á sociedade; pelo que propunha igualmente esta reforma nos estatutos.

Depois de longa discussão sobre a materia, na qual tomaram parte contra os Srs. Dr. Araujo e Fragoso, e a favor os Srs. presidente e Pires Ferrão, foi a reforma indicada approvada contra o voto dos dois socios que fallarão contra, e decidio-se que se nomeasse uma commissão para redigir estes dois novos artigos para os estatutos. O Sr. presidente nomeou os Srs. Pires Ferrão, Fragoso, e Dr. Araujo.

O Sr. presidente não havendo outra materia de que tratar-se, consultou a sociedade si ella devia soccorrer com meios pecuniarios a algum pharmaceutico necessitado que não fosse membro da sociedade.

Depois de longos e brilhantes discursos dos Srs. Dr. Araujo e Pires Ferrão sobre a materia, o Sr. presidente sendo o author della a retirou com consentimento da sociedade. Não havendo nada mais de que tratar-se levantou-se a sessão às 9 horas e meia da noite, dando-se para ordem do dia da sessão seguinte, discussão do parecer da commissão encarregada de redigir a reforma dos estatutos.

Pharmacia practica.

Illm.º Sr. — Tendo sido a officina pharmaceutica de V. S. designada pela Congregação dos Lentes d'esta Faculdade, em sessão do 1.º do corrente, para nella ter lugar a practica dos alumnos de Pharmacia, na fórma do Art. 7.º dos Estatutos; assim lho communico para sua intelligencia, devendo V. S. propor o quanto lhe convem por cada alumno, afim de que a Congregação marque-lhe uma gratificação mensal, que tem de ser approvada pelo Governo.

Deos guarde, &c. Secretaria da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 5 de Março de 1855.

Illm.º Sr. Ezequiel Corrêa dos Santos.

José Martins da Cruz Jobim, DIRECTOR.

RESPOSTA.

Illm. e Exm.º Sr. — Tendo recebido um officio de V. Ex. em que me participa que a Illustre Congregação dos Lentes da Faculdade de Medicina designára meu laboratorio pharmaceutico, para nelle ter lugar a practica dos alumnos de pharmacia, na fórma do art. 7 dos estatutos da mesma Faculdade, e que eu propozesse o quanto me convem receber por cada alumno, afim de marcar-se-me uma gratificação mensal que tem de ser approvada pelo Governo; tenho a honra de responder a V. Ex., para dignar-se communicar á Faculdade de medicina o seguinte :

Foi-me muito lisongeira a subida honra que me fez a Illustre Faculdade da qual V. Ex. é digno director, de julgar-me capaz de satisfazer tão importantes funcções, o que foi para mim um pagamento valioso e adiantado de qualquer serviço que eu possa prestar á Faculdade, á sciencia e ao meu Paiz. Acresce porém que os meus bons desejos não bastão para

desempenhar o que de mim se exige, porque, não tendo o meu laboratorio, nem nenhum outro dos que eu conheço, espaço sufficiente onde possam praticar diariamente todos os estudantes de pharmacia propriamente ditos, conjunctamente com os do 6.º anno do curso medico, que todos excederão a 30, independente do serviço constante para o publico, que deve ser feito muito regular e sem confusão, me impossibilita, como bem conhece a Faculdade, de aceitar no meu laboratorio essa honrosa missão, que proponho-me porém a desempenhar sem estabelecer condições de lucro, em uma casa propria que o Governo pôde, e deve crear com muito pequena despeza, prestando-me eu de muito boa vontade a dirigir esse, ou qualquer outro trabalho.

Deos guarde a V. Ex. Rio, 9 de de Março de 1855.

Illm.º e Exm.º Sr. Dr. José Martins da Cruz Jobim, Director da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Ezequiel Corrêa dos Santos.

O verdadeiro e falso pharmaceutico.

O individuo que se dedica seriamente ao exercicio da pharmacia, que comprehende os importantes deveres que lhe impoem sua proffissão, que aceita religiosamente todas as consequencias que della dimanão e desempenha com escrupulo e consciencia os preceitos da sciencia, fazendo verdadeira abnegação de si, para dedicar-se aos outros; faz da pharmacia um sacerdocio, da sciencia uma divindade, e a humanidade saffredora torna-se para elle o paraiso de suas esperanças, a principal recompensa de suas verdadeiras fadigas.

O individuo que escolhe a vida de pharmaceutico mirando somente nessa nobre proffissão o lucro material, que sacrifica os deveres e a consciencia ao ganho, que olha para a humanidade com os olhos da ambição, esperando como recompensa somente a riqueza; faz da pharmacia uma potestade infernal e do pharmaceutico um apostata, um satellite do mal.

Aquelle procura instruir-se para que sua ignorancia não prejudique a humanidade; satisfaz com escrupulosa attenção as prescripções do medico tanto nas quantidades como na qualidade das substancias prescriptas; e não ousa substituir por outras as que lhe faltão, porque a consciencia lhe brada contra tal proceder embora a recompensa pecuniaria seja superior; o trabalho do corpo não o fatiga ou soffre-o sem sentir porque a humanidade o chama; seu repouso, seus gosos de homem são interrompidos, são quasi nulos, são sacrificados a cada instante, como são sacrificados os gosos e o repouso do medico e os do verdadeiro sacerdote de Christo.

Este, pelo contrario, com a mascara de pharmaceutico só cura de lucros, sem cuidar da sciencia; compra drogas deterioradas por serem mais baratas e produzem mais lucros, vendendo-as como de boa qualidade; sofistica suas preparações, diminue o peso das substancias caras e energicas, para ganhar mais, ou atrahir freguezia sem ser prejudicado, fingindo vender mais barato do que os pharmaceuticos dignos de tal nome, e a quem procura desconceituar por todos os modos, embora reprovados, sacrificando assim o credito de uma proffissão que merece ser conceituada; o credito do medico e a vida do enfermo. Sacrifica o credito de uma proffissão que deve ser encarada como um sacerdocio muito importante e não como uma mercancia, porque o povo julgará della pelo proceder desregrado e ambicioso dos falsos pharmaceuticos, confundindo com elles os bons; desacre-

dita o medico, porque o doente ou sua familia vendo que o mal progride em vez de minorar, descrerá da pericia do professor, que por sua vez descrerá tambem da medicina por ver falhar os salutaes effeitos da medicação em que confiava, e que lhe fora aconselhada pelas regras da sciencia, o que não aconteceria se a medicação fosse preparada S. A. e presidida pela moralidade; prejudica a vida do enfermo por quanto um remedio energico, que devia abortar uma enfermidade, cortar um accesso mortal dado na dóse prescripta e sendo de boa qualidade, faltando-lhe estas condições essenciaes, não evita o accesso, não faz abortar o mal e a molestia progride e chega muitas vezes a produzir a morte, sem que ninguem, nem o proprio medico que não desconfia da probidade do falso pharmaceutico, conheção a causa desse assassinato.

Ainda mais; o pharmaceutico digno de tal nome, limitando sua ambição mais ao serviço da humanidade do que ao lucro material que do exercicio de sua arte lhe possa provir, dotado de consciencia e escrupulo, não inventa especificos para todos os achaques a que se acha sujeita a humanidade, mentindo á mesma, promettendo-lhe cura infallivel de seus padecimentos, afastando-a deste modo de procurar habil-pratico que a curaria se no principio do mal fosse consultado, como faz o falso pharmaceutico cujo deos é o ouro, e a quem o misero enfermo illudido por charlaticas promessas vai entregar a bolsa e muitas vezes a vida. O verdadeiro pharmaceutico, pelas mesmas razões, não ousa prescrever remedios aos que diariamente o consultão em seus padecimentos, não só porque as leis da sociedade lhe prohibem de assim proceder, como principalmente porque elle conhece que não se tendo applicado a esse ramo da arte de curar delle não póde fazer uso sem grave risco da vida dos que por ignoraucia ou mal entendida economia os vão consultar. O

outro, o falso pharmaceutico, o apreciador do seculo, o adorador da riqueza, sem consciencia e sem remorsos como sem conhecimentos medicos, atreve-se ousado a tomar o pulso, apalpar o ventre, auscultar o peito, a tentear as feridas dos credulos que lhe cahem nas unhas, com tanto que lhes deixem boa paga, embora sejam victimas de sua estúpida credulidade. E qual a vantagem que tira o pharmaceutico consciencioso do seu escrupuloso e honesto procedimento? Nem ao menos conta com o reconhecimento daquelles que não sacrificam, porque esses não sabendo aquilatar as qualidades moraes, a abnegação dos lucros que deixão de receber taes pharmaceuticos para não sacrificarem a vida do proximo, atribuem a ignorancia dos meios de curar, ou, por muito favor, a *esquisitice*, a escusa que a consciencia e o dever lhes dicta; entretanto que o outro, o especulador, fallando a aparentes interesses, agradando aos sentidos, fingindo valer á humanidade tira della partido, ganha, ou melhor, uzurpa muito dinheiro e quem o tem, quem está de posse delle embora por meios reprovados, é sempre e em toda a parte o *bem vindo* da epocha! oh! cedo ou tarde a sociedade os conhecerá, e quando assim não seja, quando a sociedade fique ignorante, ha um juiz inexoravel em cada homem que pune e premeia segundo o merito de cada um; ha a *consciencia!*

TOXICOLOGIA.

Envenenamento pelas cantharidas, tratado e curado completamente pela canfora.

Extrahido do jornal de pharmacia e sciencias accessorias de Lisboa.

« No dia 15 de junho passado, foi chamado a toda pressa o Dr. Husbsch, para acudir a um doente que residia na aldêa denominada Busjucderée, situada sobre o Bosphoro. Este

doente era autoridade da serra Mehemet-Effandy. que estava acommettido de dores atroses. e sua familia em alaridos medonhos; elle se torcia e rolava pelo chão, agitado por espasmos e convulções, dava gritos horriveis, invocando a morte, com um desespero inaudito, com o fim de pôr termo a seus insupportaveis padecimentos; o desgraçado, a muito custo, confessou que para supprimir de repente uma blenorragia, que pretendia occultar a sua mulher, tinha tomado uma colher de sopa de um pó composto de cantharidas e pimenta em partes iguaes; remedio aconselhado por um charlatão como infallivel; (1) uma hora, pouco mais ou menos, depois de tomar, principiou a sentir-se doente, nauseas, vomitos, um suor frio que lhe transudava de todo o corpo, um estado de turpor particular, uma prostração completa de todos os membros forão os primeiros prodromenos. A estes symptomas succederão as collias renaes violentas, seguidas de abundante hematuria.

O sangue sahia por ambas as vias, a principio mais brando, depois mais frequente, mas com interrupções; algumas vezes parava inteiramente, mas logo o sentia de novo. Este sangue era ardentissimo, e causava dores terriveis na passagem pelos rins e ureteres. O desgraçado examinado nove horas depois da ingestão do pó, apresentava a face encarniçada, os olhos brilhantes, mas como enfurecidos; pupilas contrahidas, conjunctivas injectadas, pelle ardente, pulso de 140, avides de bocca e isophago; sede insupportavel, grande sentimento de calor no estomago e intestinos; cephalgia intensa, crispatura de dedos, dores violentas na região renal e

(1) Eis a consequencia da ignorancia daquelles que em vez de consultarem o medico, para suas enfermidades, entregão-se a charlatães, e aos boticarios, &c., que sem sciencia do que fazem, e só com vistas no ganho não duvidão sacrificar a humanidade, como eu disse no artigo—*verdadeiros e falsos pharmaceuticos.*

bexiga ; erecção intensa ; penis inflamado e doloroso. Neste estado o infeliz gritava para o medico : mate-me ou livre-me deste horrivel padecimento, que ha nove horas me atormenta.

O Dr. procurando todos os meios a seu alcance para o persuadir, que ainda tinha cura o seu padecimento, prescreveu-lhe o tratamento seguinte :

Canfora pulverisada, um grammo.

Licor anodino de Hoffman, oito grammos.

Solução arabica, meio killogrammo.

Xarope de diacodio, trinta grammos.

Para tomar de quarto em quarto d' hora um copo de 3 ao quartilho (*4 onças por dóse.*) Fricções a todo o corpo com agua ardente canforada amiudadas vezes. Poucas horas depois deste tratamento as dores cessarão como por encanto ; uma copiosa evacuação de urina sedimentosa teve logar immediatamente, acompanhada de abundantes suores ; um somno restaurador e bemfazejo veio fazer-lhe esquecer seus desgraçados soffrimentos. No dia seguinte cabio n'um abatimento formal, mas livre de dores, não accusando mais do que um sentimento de displacencia e peso na região renal, e e bexiga, e, caso raro, a blenorragia tinha desaparecido completamente. Oito dias depois já o paciente passeava na rua, livre de todos os incommodos que tanto o affligirão. »

(*Diário Medico do Hospital de Gulhané, em Constantinopla.*)

Meus leitores não levarão a mal que eu transcreva alguns periodos de uma carta que recebi de Paris, de um filho que ali tenho completando seus estudos chymicos, e ao mesmo tempo aperfeiçoando-se em pharmacia nessa grande capital do mundo illustrado : essa publicação me parece

não ser destituida de todo interesse, além d'isso é de um membro da sociedade pharmaceutica, e como tal me será relevado occupar com ella as paginas desta *Revista*.

Paris, 3 de fevereiro de 1855.

Meu prezado pai. — Continuo ainda meus estudos practicos no laboratorio de Mr. Pelouse, a quem pago 1,000 francos por anno, e tenho o prazer de communicar-lhe que elle está contente comigo e com o meu trabalho. Tambem me matriculei na escola de pharmacia, e em abril proximo começo a trabalhar na pharmacia central, onde o Dr. Chatin me arranjou um logar com o illustre Soubeiran, director della. Muitos obsequios devo aos Drs. Chatins e Caffé, que se tem prestado com a melhor boa vontade a favorecer todas as minhas pretensões estudiosas. E' dessa pharmacia que pretendo tirar conhecimentos para estabelecermos uma igual na nossa querida patria, apezar que conheço que só com nossos recursos e sem alguma protecção do governo havemos lutar com grandes despesas; porém com fé em Deos e coragem no trabalho tudo se ha de conseguir. Pela minha parte, hei de fazer aqui toda a diligencia para honrar o meu paiz e a Vm.; não pretendo ir sómente *passador dos boulevards*.

.....

Desejo muito que me mande com brevidade uma descripção botanica e o nome do genero de todas as plantas que me mandou, para eu analysar, bem como o nome das provincias em que de preferencia crescem.

.....

Remetto-lhe copia de um artigo publicado no jornal de pharmacia de Anvers, e transcripto no jornal de chymica e

pharmacia de Paris, do mez de agosto de 1854, onde se trata do estado da pharmacia na America do Norte. Parece-me que os autores desse artigo cahem em grande contradicção, censurando nos pharmaceuticos dessa grande nação nova, o que praticão muitos pharmaceuticos da França, mesmo da capital, nação de seculos e *escola central* de toda a civilisação do genero humano. Juntei a esse artigo que traduzi algumas reflexões minhas, as quaes Vm. fará publicar na nossa *Revista Pharmaceutica* se as achar bem cabidas (*). Breve lhe remetterei uma noticia exacta do estado da pharmacia e seu ensino em França, parece-me que não será destituido de interesse para o Brasil e para a sociedade pharmaceutica de quem me prezo fazer parte.

Seu filho muito obediente e amigo do coração

ERNESTO.

Continuação da memoria do finado Dr. Marinho.

« O exercicio da pharmacia, e o commercio de drogas simples são sujeitos em frança a regras que julgamos utii mencionar. Nenhum pharmaceutico pôde vender preparações medicinaes sem a prescripção de um medico, ou homem da arte, ficando sujeito a penas no caso de infracção. Da mesma maneira os droguistas, e especieiros, só podem vender as substancias medicinaes, e de maneira alguma em preparações, e ao peso medicinal, incorrendo nas mesmas penas por infracção deste preceito. As substancias venenosas são

(*) No proximo numero farei publicar este artigo e as reflexões a elle feitas

então *rigorosamente* prohibidas, a menos que não sejam prescriptas por um medico, ou pedidas pelo *individuo cujo emprego, e genero de trabalho*, exijão taes substancias; porém neste caso o individuo que faz taes compras deve inscrever em um registro rubricado *pela authoridade* policial (*Maire ou commissario de policia*), seu nome, residencia, natureza e qualidades das drogas, o uso que dellas pretende fazer, e a data exacta do dia em que faz a compra. Si o comprador não souber ler e escrever, o pharmaceutico ou especieiro fará, sob sua responsabilidade, as ditas declarações.

* Os herboristas *estão sujeitos* aos mesmos preceitos, e penas, e ninguem póde entregar-se a este genero de commercio *sem ser examinado*, ou nas escolas de pharmacia, ou nos jurys medicos, onde deve provar não só que sabe *distinguir* as plantas medicinaes umas das outras, suas qualidades, e propriedades innocentes, ou venenosas, como tambem *o melhor meio de as preparar, e conservar*. E' somente depois que o individuo tem passado por estas provas *que obtem o diploma de herborista*, o qual deve ser registado na municipalidade do logar em que se estabelecer, afim de que possa *legalmente* exercer sua proffissão.

* Como as substancias medicinaes com o tempo se derrancão, e as preparações se detiriorão, todos os annos se faz *ao menos* uma visita nos armazens dos pharmaceuticos, droguistas, especieiros, e herboristas, afim de verificar o bom ou mau estado das drogas ahi contidas. A commissão visitante se compoem, nos logares onde estão estabelecidas as escolas de pharmacia, de dois professores da faculdade de medicina, dos membros da ESCOLA DE PHARMACIA, e de um commissario de policia; e, nos departamentos, do jury medico, acompanhado de QUATRO *pharmaceuticos* escolhidos pelo perfeito do departamento.

* Os pharmaceuticos, droguistas, &c., são obrigados a

apresentar e deixar examinar todas as substancias e preparações contidas em seus armazens, e laboratorios, e se algumas se acharem damnificadas, ellas serão immediatamente tomadas, e o pharmaceutico, droguista, &c., sujeito á pena se houver para isso motivo plausivel.

« Os pharmaceuticos em suas preparações officinaes são obrigados a cingirem-se ás formulas do — Codex — ou formularios approvados pela faculdade de medicina, não lhes sendo permittido apartarem-se deste preceito, e prepararem segundo formulas quaesquer, e que bem quizerem.

« Cumpre notar que os officiaes de saude podem ter, e conservar em seu poder substancias e preparações medicamentosas para dellas usarem na sua pratica, porém sem o poder de as vender e fazer disso um commercio, Esse poder lhes é concedido somente naquelles logares de sua residencia, onde não houver *pharmacia estabelecida*.

« E' prohibido a todo o medico o accumular as duas profissões de medico e pharmaceutico, visto que daqui podião resultar muitos abusos; e com effeito o medico que tivesse uma botica por sua conta, e que não possuísse principios de rectidão e moralidade seria tentado a prescrever sempre a seus clientes quantidades consideraveis de medicamentos, dirigindo-os para sua botica como a melhor, e assim abrir a porta a grandes prevaricações.

« As escolas de pharmacia unidas as outras que já acima deixamos descriptas formão o que se chama em frança o ensino das sciencias medicas.

« Aqui terminamos quanto tínhamos a dizer a este respeito, agora passaremos a tratar de outro objecto não menos importante, que tem relações essenciaes com a pratica medica, como são os hospitaes. »

Julgo desnecessario fazer reflexões ácerca do ensino, e exercicio da pharmacia em França, e na epocha em que lá se achou o finado e illustre medico author desta memoria, e do que se passa ainda hoje no Brasil respeito ao mesmo objecto, por que basta o mais rapido exame, a mais descuidosa indagação para notar-se quão pouca attenção tem merecido ainda dos altos poderes do estado o ensino e o exercicio de uma sciencia tão importante e tão estreitamente ligada a saude publica. Nós temos é verdade uma Junta central de saude publica á cargo de quem estão algumas das attribuições relativas ao exercicio da medicina de quem a pharmacia é parte integrante, porém esse tribunal por um lado não se acha revestido da necessaria força para produzir os salutaes effeitos que delle esperavão seus creadores; e por outro o paiz soffre de um mal tão chronico que não ha remedio que o possa curar, e vem a ser a bonhomia de uns, o deleixo de outros e o patronato de muitos.

(DO REDACTOR.)

Julgo de algum interesse para os leitores desta *Revista* a publicação do seguinte artigo extrahido do *Diario*, de 17 de fevereiro do corrente anno:

« *Para a sciencia.* Os jornaes da Martinica publicarão o seguinte ácerca de uma nova substancia susceptivel de substituir a quina no tratamento da febre:

« O doutor Amic, medico em chefe da colonia, informado que existia em St. Martin uma arvore cuja casca amarga tinha virtudes identicas ás da quina, fez procurar pedaços della e de accordo com seu genro, M^r Chapuis, segundo medico do hospital maritimo de S. Pedro, se entregou a experiencias que forão coroadas do mais feliz successo. Adminis-

trada em tisana ou como chá, a doentes cuja febre era das mais tenases e que se havia mostrado rebelde a todos os medicamentos, a casca da arvore febrifuga de St. Martin, produziu prompta cura. Preparada como alcali vegetal pelos cuidados de um dos pharmaceuticos do hospital maritimo, deu uma substancia que tinha todas as virtudes do sulphato de quinina.

« Estes resultados, levados ao conhecimento do governador, chamarão a sua attenção, e elle acaba de enviar a St. Martin o Dr. Chapuis e M^r Girardias, pharmaceutico da marinha, para estudar a arvore tão preciosa que póde estabelecer concurrencia á quina.

« Crear uma concurrencia á quina, á quina collocada na escala dos deoses pelos poetas, decorada com titulos pomposos do admiravel e incomparavel, pelos que se entregão á arte de curar, tal é a questão em litigio neste momento, tal é o problema de cuja solução se encarregarão de dar MM. Chapuis e Gerardias. Nós nada podemos avançar, o porque, se comprehenderá facilmente; mas se o facto se verificar, se as esperanças do Dr. Amic não forem enganadas, a arvore de St. Martin será espalhada pela nossa colonia, e esta tomará uma nova importancia. O medicamento soberano e a doença tão frequente e terrivel de nossos climas serão collocados providencialmente um ao lado da outra. Nós ganharemos duplamente, garantindo-nos melhor e mais do que nunca contra a febre e tornando nossos tributarios aquelles mesmos que nos fornecião a quina e a quinina tantas vezes desnaturada!

« Não nos illudamos; a quina dos Andes, de Paz, de Chiquisaca, S.^{ta} Martha, e de Merida, tem perdido muito de seu valor em alcaloides. As especies que crescem nestes diversos paizes são tão numerosas, que é preciso absolutamente, recorrer a analyse chymica para obviar os inconvenientes re-

sultantes da confusão dellas. E demais, a falta de quina que se começa a sentir tem augmentado o seu preço de uma maneira sensivel.

« Esperamos, pois, com impaciencia a volta dos Srs. Chapuis e Girardias, e o resultado de sua missão. »

Formação espontanea do acido cyanhidrico em um medicamento, por M.^r Plumber.

« Um facto muito importante de assignalar-se, acaba de ter logar n'america. Um joven doutor, sujeito a dyspepsia usava, desde muito tempo, de uma mistura composta de tinctura de meimendo e de sub-carbonato de potassa. Suspendendo alguns dias este tratamento, a mistura ficou exposta á acção do ar, e soffreu um começo de fermentação; recomeçando o doente o uso della, experimentou immediatamente symptomas assustadores. Perdeu os sentidos por mais de meia hora, depois ficou atordoado e privado de suas faculdades por muito tempo.

« O Dr. Plumber, de Richeмонт, author desta observação sendo chamado para ver o doente, suppoz um caso de envenenamento, e passando a examinar a mistura foi surpreendido pelo cheiro de amendoa amarga que se desenvolvia, e a analyse chymica o assegurou de que a mistura continha acido cyanhidrico em proporção mais que sufficiente para explicar os accidentes graves a que fôra exposto o doente.

« M.^r Plumber attribue a presença do acido á reacção do alcali sobre a materia organica em fermentação. Vê-se com effeito, frequentes exemplos em chymica, e com quanto casos como o citado sejam novos na pratica medica e reclamem confirmação da experiencia, é util assignalal-as, e mostrar o perigo que pôde haver prescrevendo os alcalis conjunctamente com as materias organicas. »

(American journ. of pharmacie, et Rep. de pharmacie.)

Do estado da pharmacia em New-York.

« O estrangeiro que desembarca na metropole dos Estados-Unidos descobre facilmente entre as immensas lojas que bordão as ruas, vidraças cheias de magnificos vidros com liquidos diversamente coloridos e illuminados a gaz. N'estas vidraças estão tambem expostos para tentar os passeadores toda a casta de perfumarias, objectos de toucador, como escovas, pentes, esponjas, sabonetes, pomadas e uma infinidade de remedios privilegiados, contidos em caixas ou frascos, occultando mysteriosamente sua nullidade debaixo de pomposas capas. Taboletas e rotulos em que se lêem em brilhantes caracteres : — *Drugs and Medicines-Apothecari and Druggist.* — *Pharmaceutist.* — *Pharmacie Française, &c.*; annunciação a não deixar duvidas, que ahi existe um filho de Esculapio. Façamos uma visita á casa de algum destes collegas; principiemos por uma das esplendidas officinas do Brodway.

« Ficaremos atordidos com o luxo que existe nestes estabelecimentos. Pelos mostradores abundão as esculturas, vidraças, contendo objectos de perfumaria e remedios privilegiados como notámos no começo deste artigo, além disso são guarnecidos de bellas balanças, e vasos com ricos rotulos; as paredes são forradas de espelhos; cadeiras e sofás estão á disposição dos compradores fatigados; leques de folha de palmeira fornecem durante o calor alguma fresquidão ás senhoras, e finalmente jornaes estão á disposição dos clientes avidos de noticias. O chefe da officina

enfeitado com o titulo de doutor, está sempre vestido de preto, e de chapéo na cabeça, mesmo na officina ou no escriptorio que lhe fica contiguo. Os caixeiros estão atrás dos mostradores de cabeça á fresca, e bem vestidos; estão em geral occupados a preparar aguas distilladas, a colorir misturas, e dobrar e atar embrulhos, e n'isso se limitão geralmente seus conhecimentos: com poucos mezes de practica estes aprendizes, apezar da levesa de seus conhecimentos scientificos, estabelecem-se por sua conta e risco, por isso que a lei não exige para o exercicio das profissões medicas garantia alguma de aptidão. Tal é o estado da maior parte dos pharmaceuticos da America do Norte.

« As officinas dirigidas por allemães têm um carácter mais serio, nellas não existe como nas outras, recursos charlatanicos para enganar a multidão, entretanto para chamar a attenção do publico, são obrigados a collocarem nas janellas vasos contendo flores e sementes.

« Nos bairros pobres as pharmacias são mal amanhadas: nesses bairros o pharmaceutico é ao mesmo tempo especieiro, e como os rendeiros pagão sempre em generos, elles acrescẽm á *botica* a especiaria, o commercio de grãos e outros comestiveis: as mais das vezes a pharmacia e a medicina são exercidas pelo mesmo individuo.

« Nos Estados-Unidos a pharmacia de laboratorio é insignificante, limitando-se por assim dizer á preparação de medicamentos chamados Galenicos. Os droguistas fornecem os productos chymicos por preços de tal sorte baixos, que o pharmaceutico não encontraria vantagens em preparal-os! A distribuição dos medicamentos se faz pouco mais ou menos como em França e na Allemanha.

« Os pharmaceuticos Norte-Americanos não fazem caso da transcripção das receitas que preparão, contentando-se apenas em numeral-as, e guardal-as em grandes livros! A

maior parte dos generos, e mesmo venenos, são vendidos por simples pedidos e são acompanhados de rotulos impressos indicando sua natureza, e como não ha taxa legal é portanto arbitrario o preço dos medicamentos.

« Os remedios privilegiados gozão de grande reputação nos Estados Unidos, o povo lhes consagra uma confiança cega : existe uma infinidade destes arcanos ; cada medico crê que deve crear um nome, uma fortuna, com a invenção de qualquer panacéa. Descobre-se um novo especifico, e logo o possuidor do precioso talesman manda imprimir gigantescos cartazes em que são gabadas as incomparaveis virtudes do mesmo, as curas maravilhosas que tem feito, e isto acompanhado de attestados falsos ou verdadeiros em seu abono (1) ; tambem pagão a homens para conduzirem alguns destes cartazes pregados em longas varas pelas ruas e praças publicas, afim de excitar a curiosidade e lograrem melhor os credulos e estupidos.

« Com quanto não tenha a pharmacia nos Estados-Unidos organização official, o governo fez publicar uma pharmacopéa destinada a uniformisar de alguma maneira a preparação dos medicamentos. Os venenos podem ser vendidos em qualquer quantidade, e a qualquer individuo com tanto que levem rotulo com o nome do vendedor e a palavra — veneno —. Não estando o pharmaceutico ligado a dever algum particular para com o Estado, este tambem não lhe concede privilegio algum ou direito especial.

« Os hospitaes possuem alguns medicos e pharmaceuticos instruidos. Bem que, como já disseimos, o estabelecimento

(1) Temos d'isto exemplo no nosso Rio de Janeiro com as produções americanas das ruas do Hospicio e d'Alfandega, ou o celebre xarope do bosque e *miraculosa* salsa de Sands, que a nossa *Junta de hygiene publica* sancionou a venda, e alguns de nossos medicos cantarão as virtudes.

de uma pharmacia não seja sujeito a formalidades, comtudo a necessidade de uma boa educação scientifica começa já a fazer-se sentir nos Estados-Unidos, principalmente depois que *pharmaceuticos europêos* ali se estabelecêrão: assim já se encontrão nas principaes cidades da União, escolas onde os moços que se destinão a qualquer das profissões medicas recebem uma instrucção bastante completa. E' de esperar que o governo americano *sahindo de sua longa apathia*, segundará a tendencia que tem a pharmacia para sahir da anarchia e ignorancia em que a tem feito jazer a lei do *laisser aller et fuire*, e que uma boa organização medica bem cedo irá ligar os interesses da profissão com os da humanidade. »

(Do *Jornal de Pharmacia de Anvers*).

REFLEXÕES.

Achamos injustos os pharmaceuticos francezes quando accusão os Norte-americanos, por praticarem em suas pharmacias o mesmo que ainda agora se pratica em muitas pharmacias francezas, mesmo da capital que tomamos por ponto de partida, por ser o foco de todo o progresso e civilisação. Notão como defeito nos pharmaceuticos dos Estados-Unidos, nação nova, o terem nas portas de suas pharmacias *grandes frascos com liquidos diversamente coloridos*, bonitos frasquinhos envolvidos em pomposas capas, que encobrem a nullidade do que elles contém, &c., sem se lembrarem que, ou os pharmaceuticos da União forão inventores, ou os imitadores desses attractivos que ainda conservão muitas boticas de Paris. Pelo que diz respeito

a remedios privilegiados (1), e a *pharmaco-doutores*, diremos com sinceridade o que se nota na capital de França, sem que a verdade de nossas observações tenha contra si nem sequer o cunho da inveja *que tantas vezes marêa a opinião dos homens*, sobretudo quando fallão dos *do seu mesmo officio*; não nos serviremos de nossas palavras, mas sim das palavras da *Prêsse*, jornal muito conhecido, para provarmos a multidão de remedios secretos e privilegiados que se annuncião em Paris.

No numero de 12 de setembro de 1854, annuncia esse jornal além de immensos *elixires, vinagres e sabões*, que os mais severos poderião chamar medicamentos, ou melhor ainda conservadores da saude, fresquidão e mocidade, *infalliveis todos para tirar botões, espinhus, sardas, amaciar a pelle, desmanchar as rugas da idade, fazer crescer o cabello aos calvos, tanto nas cabeças esquentadas, como nas frescas, &c.*; depara-se igualmente com os seguintes remedios de patente: — Licor anti-nause *infallivel contra o cholera e enjôo do mar*, sendo tambem *infallivel contra as vertigens, nevralgias*, e até *contra a phtisica*: as pilulas de Borel, que *curão o cholera, cholerina, diarrhêa e constipações de ventre*: tambem contra o cholera (na occasião em que o *maldito judeu errante* se demorou em Paris), o *alcooleo de hortelã de Ricolis*, *breveté por 15 annos*; e a *Aya-pana (The d'amerique)*.

Apezar porém de tantos *especificos* contra o terrivel contagio da peste cholericã; apezar dos immensos *infalliveis* que acabamos de referir, morrião diariamente em Paris

(1) Nos Estados-Unidos o governo não dá privilegio nem garantia alguma aos pharmaceuticos autores de taes remedios, como se collige do proprio artigo que traduzimos.

victimas dessa enfermidade de 30 a 40 pessoas durante os mezes passados.

E' verdade, e felizmente, que hoje *já não morre mais ninguém*, o que naturalmente *depende dos immensos infalliveis e preservativos* tomados por todos os habitantes desta grande capital, ou então porque *o maldito judeu* em sua constante peregrinação deixou Paris e foi visitar successivamente o meio dia da França, passar a Londres, e ir fixar sua residencia na Italia, paiz que lhe agradecerá nesta estação por ser mais agasalhado.

Temos porém divagado do nosso ponto principal, que são os remedios *secretos, mysteriosos e privilegiados* que se annunciação na *Prèsse*. Voltando pois a ella, encontramos os *confeitos refrigerantes de Duvignan*, infalliveis contra as constipações e catarrhos, sem *clysteres nem medicamentos*, sendo comtudo um composto que faz voltar ao estado normal *as funcções do apparelho humano*. Um outro annuncia *cuidados e tratamento gratis*, se não curar *certas molestias de peito*. Tambem ahi se encontra a *pedra divina* curando em tres dias as molestias rebeldes á pedra sua contraria, e a *copafba*; o xarope de protoxydo de ferro de *Dussourd*, que cura as suppressões, pedras, chlorose, rachites, &c.; o xarope de citrato de ferro de *Choble*, evidente contra as leucorrhéas; e o *coração francez*, licor especifico *para combater as influencias epidemicas* (foi annunciado na invasão do cholera), por sua acção *directa* sobre o estomago e intestinos, &c. A *cupahina* de *Mège*, curando em seis dias as molestias siphiliticas, sem *nauseas, vomitos ou colicas*; e os *biscoitos depurativos* de *Olivier*, contra as molestias contagiosas por mais rebeldes, graves ou antigas que sejam. Tambem lá se acha a *gua de Lechelle* para curar as do *coração, da voz, do peito, as hemorrhagias, pedras, erupções, molestias da*

idade critica, &c.; o que é certamente um famoso pano de amostra dos remedios secretos e privilegiados que existem e se annuncião presentemente entre aquelles que censurão que se faça o mesmo nos Estados-Unidos. E' porém verdade, é dever nosso confessar, que em Paris não andão pelas ruas individuos com *cartazes* apregoando taes *especificos* como praticão alguns nos Estados-Unidos, porém sua publicação na *Prèsse*, que tira 40.000 exemplares por dia, torna taes composições muito mais conhecidas do que se fossem publicadas por *cartazes*. A respeito das *caixinhas com rotulos dourados, frascos de bellos feitios, quadros, bustos, &c.*, tão censurados no artigo supracitado, quando trata desses objectos nas boticas dos Estados-Unidos; diremos que em Paris as *pharmacias* mais distinctas, aquellas cujos proprietarios estão melhor aquinhoados da fortuna, são exactamente as que contém maior numero desses attractivos, mais vidrinhos dourados, mais caixinhas enfeitadas, contendo todas especificos para certas e determinadas enfermidades. Somos comtudo forçados pela nossa posição de imparcial narrador dos factos, a declararmos que não se encontrão nas *pharmacias* parisienses nem pentes, nem escovas, nem todos esses objectos insignificantes, só proprios das casas de *perfumarias*.

Tambem não ha em Paris *pharmaco-medicos*, isto é, homens que exerção simultaneamente as duas profissões, porisso que as leis que regulão o exercicio desses dois ramos da medicina o prohibe expressamente, havendo comtudo algum abuso, sempre punido quando é denunciado aos tribunaes respectivos.

A sociedade *pharmaceutica* de Paris, vigilante sentinella ácerca dos abusos commettidos no exercicio da *pharmacia*, constantemente representa contra as infracções dos regulamentos e leis respectivas, e apezar da severidade dos julga-

dores que *não são compadres* dos infractores, como ahi na nossa patria, os abusos vão continuando, porque os lucros que delles resultão são talvez muito superiores ao valor das multas que pagão os especuladores.

Para provarmos que os executores dos regulamentos e leis sobre saude publica não são *tão accessiveis* como os d'ahi, vamos narrar o seguinte facto : — O jury medico *des Bouches du Rhone*, apprehendeu nas pharmacias homœopathicas os globulos e diluições que achou, baseando-se nos seguintes motivos : 1.º Que taes officinas não são conforme as leis que regulão o exercicio da pharmacia. 2.º Ha fraude na quantidade do objecto vendido, porquanto o medicamento designado não existe nos globulos ou diluições. Em vão objectavão os homœopathas, que os medicamentos existião em estado *dynamico*, os tribunaes não comprehenderão esta *subtilidade*. 3.º Que as officinas abertas ao publico devem possuir todos os medicamentos que no *Codex* achão-se marcados com um signal, e as pharmacias homœopathicas escarnecem desta disposição da lei. Compare-se agora este procedimento com o que ahi se passa no Rio de Janeiro entre o governo, a junta de hygiene e os *honrados homœopathas*.

Os pharmaceuticos de Paris são geralmente scientificos, o que depende do rigor que existe nos estudos, e da importancia que se dá a taes individuos. Sobre este ponto muito breve faremos uma exposição exacta descrevendo o estado exterior da pharmacia em França ; trataremos das escolas, cursos, professores existentes desta sciencia ; das matriculas em pharmacias particulares, despezas dos cursos, e pharmacia pratica nas escolas, &c., para bem mostrarmos o verdadeiro progresso scientifico desta sciencia tão importante á humanidade.

Paris, 31 de dezembro de 1854.

E. F. DOS SANTOS.

**Iodureto de potassio considerado como agente
illiminado.**

Em um jornal de medicina estrangeiro, deparámos com o seguinte artigo, que nos pareceu digno de ser publicado :

Nos doentes acommettidos da cholera-morbus, e de febres escarlatinas, temos feito alguns ensaios, que nos tem dado os mais lisongeiros resultados, com a applicação do iodureto de potassio, em diminutas doses, mas em curtos intervallos (princiando por 5 centigrammas para um anno de idade, por exemplo, até umá gramma, segundo a maior ou menor idade), dissolvido em agua de groselhas, de duas em duas horas. Com esta applicação, temos conse guido atalhar o andamento rapido destas terrives enfermidades, e até mesmo curas, que nunca podemos conseguir pelos outros agentes therapeuticos.

Certos de que uma das propriedades caracteristicas do iodureto de potassio, é occasionar certas modificações nas fórmas e numero dos globulos do sangue, concluimos que mudando-lhe as propriedades até deveria illiminar os elementos pathogenicos, bem como, que sendo como é promptamente absorvido, e levado á torrente da circulação, deveria obrar, não sómente sobre o estomago; fazendo cessar os vomitos pathognomonicos, como tambem sobre o coração, diminuindo a plasticidade do sangue; sobre o figado, restabelecendo a digestão duodenal; e sobre o tubo intestinal, retendo a diarrhéa chronica.

Seguros como estamos da propriedade illiminatriz, que elle possui em grau supremo, como se deprehende da theoria da sua applicação, e plausiveis effeitos nos accidentes secundarios ou consecutivos dos envenenamentos pelos alcaloides, e pelos saes metallicos, como os de chumbo e de mercurio, facilmente nos convencemos da prompta acção

que elle deveria exercer sobre os rins e órgãos accessorios ; e que desta possibilidade, e da influencia das funcções vitaes, poderia resultar uma prompta combinação com o agente morbido, e d'aqui a facilidade de expulsar do organismo, pelos meios ordinarios.

Ora como não ha effeito sem causa, é indispensavel admit-tirmos, que a causa morbida pôde residir n'um corpo qualquer, e que é na importante descoberta dessa causa invisivel e imponderavel, que com motivos mais ou menos plausiveis, chamamos epidemia, endemica, diathese, virus ou contagio, que temos bem fundadas esperanças que os homens a quem a sciencia é familiar, dirijão suas experien-cias chymicas e microscopicas, ajudados da propriedade illimiatriz do iodureto de potassio, convenientemente appli-cado, analysando o sangue, urina, e suores dos colericos, e por este meio chegaremos um dia ao feliz descobrimento da causa desta destruidora molestia, e á possibilidade de podermos oppor-lhe os meios prophylaticos, apropriados e certos ; e resta-nos ainda a lisongeira esperança de que a descoberta da telegraphia electrica, não ha de ser o ultimo triumpho da sciencia ; e que um dia chegaremos não só ao conhecimento intimo da causa efficiente d'aquelle flagello mortifero, que ameaça um dia tragar a especie humana inteira, mas mesmo julgamos possivel a descoberta de um reagente chymico, ou mesmo de um instrumento que nos predigão e annunciem a invasão de semelhante enfermi-dade, da mesma fôrma que uma pendula annuncia as horas, e um barometro as alturas, &c.

(Do *Jornal de Pharmacia e sciencias accessorias de Lisboa*).

Solução chloroformico-iodica, ou tintura de iodo-chloroformica, pelo Sr. Titon, interno dos hospitaes.

« Esta nova preparação, não é mais do que uma solução de iode no chloroformio, o qual dissolve com effeito este metalloide até a completa saturação, na proporção de 20 por cento. Esta dissolução que contém portanto a quinta parte do seu peso de iode puro, tem uma densidade tal, que permite conserval-a sem addição d'agua : sua côr é difficil de caracterisar por palavras : ella apresenta uma côr violeta muito pronunciada, com um bonito reflexo purpurneo. Sua riqueza em iode, e sua fórma liquida diffusivel, constituem as condições as mais favoraveis ao maximo da acção do iodo.

Por outro lado, observa-se que, se a dissolução é bem feita, as moleculas do metalloide ficão por assim dizer, presas ao vehiculo. Se desta dissolução deitarmos algumas gottas em um copo de experiencias, cheio de ourina, agua, ou saliva, veremos que ellas vão immediatamente ao fundo, conservando a fórma espheroidal ; e ou seja por que o liquido contenha já em si o reactivo apropriado, ou seja juntando-se-lhe ao depois, nunca apparecem vestigios de iodureto de amido. Se ao contrario se collou em cima do gargalo de um frasco contendo a solução chloroformico-iodica, um papel amidonado, contendo uma gotta de acido asotico, immediatamente se manifesta sobre a parte do papel embebida pelo reactivo, uma côr azul bem pronunciada ; e esta apparece mais ou menos promptamente, segundo o frasco está mais ou menos aquecido pela mão do operador ; offerecendo-se-nos assim uma prova de que os vapores do chloroformio vem carregados de iodo.

Esta perfeita solubilidade, e esta volatilidade que pertencem aos dois corpos isoladamente, nos assegurão, diz o Sr. Titon, uma absorpção rapida e completa; e a prova directa desta absorpção, acha-se na illiminação do iodo pelas secreções. Dez minutos depois de uma inalação, que havia durado cinco minutos, o Sr. Titon observou a presença do iodo na saliva; no fim de um quarto de hore observou tambem que já era secretado pelas ourinas. Elle aconselha este novo preparado, como melhor para as inalações de toda e qualquer especie; e para isto diz ter-se servido de preferencia de um pequeno frasco que applica ao nariz, por dois, quatro, seis até dez minutos o mais, tendo o frasco fechado na mão para o aquecer; e por este meio facilitar a evaporação.

As primeiras inspirações produzem um certo sentimento de calor e de bem estar, sem determinar os phenomenos da suffocação, que muitas vezes se observão quando se emprega o chloroformio só.

Os movimentos respiratorios fazem-se melhor e mais promptamente. Passados quatro até seis minutos, sente-se nas fossas nasaes, e parte anterior da garganta, uma sensação acre extremamente fugaz, que desaparece rapidamente, em se suspendendo as inalações, e que póde prevenir-se empregando o vapor menos concentrado, ou fazendo de tempo em tempo uma inspiração de ar puro.

O Sr. Titon, assevera tambem ter experimentado um ligeiro sentimento de pressão nas temporas, depois de muitas inspirações, mas que se dissipa rapidamente. A' acção sedativa que se manifesta, succede logo um augmento de energia: as forças augmentadas, a vivacidade de intelligencia e de sensações, annuncião que o iodo absorvido tem levado sua excitação até aos centros nervosos; e que d'aquí resulta um sentimento salutar sobre todo o organismo.

Administrado desta maneira, o iodo offerece as maiores vantagens, tanto mais, quando se pôde fraccionar as doses á vontade; e sendo o contacto como pôde ser, intermitente nas inspirações, augmenta gradualmente a susceptibilidade dos órgãos, porque a superficie da absorpção, é assim mais vasta e segura do que pela mucosa gastro intestinal.

Um facto mais ha a notar nesta preparação, e é a desigualdade na tensão do vapor dos dois corpos que a compõe, de sorte que fica sendo difficil saber ao certo, a quantidade de iodo que se absorve em um dado espaço; e se a acção mais rapida do chloroformio, põe algum obstaculo á penetração do iodo em vapores, a experiencia o decidirá, bem como do partido que deste preparado pôde tirar a therapeutica no tratamento das molestias dos órgãos respiratorios, especialmente na phthisica. » (*Bulletin de Therap.*)

(Do *Jornal de Pharmacia e sciencias accessorias de Lisboa*).

**Nota sobre a preparação do algodão-polvora,
por E. Robiquet.**

De todas as formulas propostas para a preparação do algodão-polvora, as melhores são as que têm por base o emprego do nitrato de potassa e acido sulphurico em proporções convenientes. Mr. Maun (*Jornal de Pharmacia, tomo 24, pag. 371*), melhorou ultimamente este modo de preparação, e fez ver que era preciso para obter-se um bom producto, conservar-se constantemente entre os estreitos limites de uma temperatura de 25 a 30°, operar fóra do contacto do ar, e lavar o producto com agua fervendo. Este processo é excellente quando se opéra sobre pequenas porções, porém é impraticavel em grande. Desde que se opéra sobre 200 ou 300 grammas de algodão, a reacção não pôde

mais ser moderada á nossa vontade, e muitas vezes os frascos que contém a mistura rebentão com violencia, algumas porções do algodão são atacadas de mais, e outras não o são bastante, nunca obtem-se um producto que pelo menos iguale ao peso do algodão empregado. Eu procurei evitar a necessidade de operar em vasos fechados mantidos por muito tempo em uma temperatura constante ; procurei augmentar a quantidade da mistura sém mudar as proporções do acido sulphurico e nitro consagradas pela experiencia.

Eis as manipulações que segui :

Algodão cardado. . . . 250 grammas.

Acido sulphurico. . . . 65° B. 3,200 grammas.

Nitrato de potassa secco. 2 killogramas.

Pulveriza se o nitrato de potassa e faz-se dissolver em brando calor no acido sulphurico, tendo o cuidado de evitar o mais possivel o desprendimento de vapores nitrosos. Logo que a liquefação é completa lança-se a mistura em um pote de barro vidrado que se cobre com um vidro. No dia seguinte tudo está reduzido a uma massa crystallina composta de bi-sulphato de potassa e acido nitrico monohydratado. Aquece-se a mistura no pote em banho maria para liquefazer e abandona-se depois até que sua temperatura tenha descido a 30° ou 40° ; n'este momento ajunta-se o algodão por pequenas porções, e mistura-se este o mais possivel, com uma espatula de ferro, a mistura acida que por sua fluidez permite que se introduza um peso tres vezes maior do que nos outros processos.

Não se deve temer o emprego de espatulas de ferro porque desde que este metal está bem polido, torna-se *passivo* e não é atacado pelo acido nitrico concentrado. Parece que a afinidade do oxygenio para o ferro não é bastante para perturbar o equilibrio molecular do acido nitrico

monohidratado, e que existem ahí em presença uma da outra duas forças iguaes e contrarias, dando como resultante uma acção chymica nulla. Desde que todo o algodão está em contacto com a mistura nitrificadora, cobre-se o pote com o vidro, e deixa-se a reacção operar espontaneamente por espaço de uma hora. Se se produzir um desenvolvimento consideravel de vapores nitrosos, faz-se parar, lançando na mistura algumas grammas de acido sulphurico agitando-se fortemente. Depois do contacto por espaço de uma hora a nitrificação é completa, então lava-se o algodão primeiramente com agua fria depois com agua fervendo, espreme-se e secca-se em um brando calor.

Por este processo 4 partes de algodão cardado dão pouco mais ou menos 5 partes de algodão polvora inteiramente solúvel no ether alcoolizado, com o qual fórma um calódio transparente e resistente o que não deve ser desdenhado pelo cirurgião nem pelo photografo.

Paris, 1.º de Março de 1855.

(Do *Jornal dos Conhecimentos Medicos*).

**Processo para preparação do citrato de magnesia . solúvel .
por E. Robiquet.**

Acido citrico. 1 killogrammo.
Carb. de magnesia. . . 0,630 grammas.
Agua fervendo. 0,350 »

Reduz-se o acido citrico a pó grosso e faz-se dissolver em agua fervendo. Quando a solução estiver fria e antes que crystallize, lança-se em uma grande bacia e faz-se cahir rapidamente sobre a superficie por meio de um tamiz todo

o carbonato de magnesia, tendo o cuidado de não agitar. A reacção se opéra pouco a pouco: quando ella parece acabada, o que é facil perceber-se, agita-se fortemente e com a maior velocidade possível, emquanto a massa está molle e malleavel. E' preciso evitar-se a todo o custo que a massa se esquite, porque se a temperatura se eleva bruscamente é uma prova certa de que o citrato de magnesia soffre^o uma mudança mollecular que faz passar a variedade insolavel, e o producto está perdido. Tambem para maior segurança não é inutil collocar-se a bacia em um vaso com agua fria e espalhar o citrato pelas margens em camadas finas. Tendo-se terminado esta manipulação deixa-se de parte por espaço de 24 horas, no fim das quaes divide-se o citrato em pedaços e secca-se em nma estufa, cuja temperatura não deve exceder de 15 a 20°.

Vê-se, que todo o segredo consiste em empregar a menor quantidade de agua possível, e evitar que a temperatura se eleve no momento da combinação, porque este desenvolvimento de calor será o resultado, não da acção chimica do acido citrico sobre o carbonato de magnesia, mas da mudança de estado que soffre o citrato para passar da modificação solavel á insolavel.

Paris, 5 de Março de 1855.

(Do Jornal dos Conhecimentos Medicos).

O nome do Sr. Robiquet parece impor segurança aos leitores d'este artigo, porém peço aos meus illustres collegas que experimentem a formula que traduzi.

ERNESTO.

REVISTA PHARMACEUTICA.

4.º ANNO.

N.º 10. — ABRIL DE 1855.

VOL. IV.

SOCIEDADE PHARMACEUTICA BRASILEIRA.

SESSÃO DE ELEIÇÕES A 19 DE ABRIL DE 1855.

Às 6 horas da tarde, achando-se reunidos os socios em numero sufficiente para proceder-se á eleição, faltando com causa participada os Srs. Balthazar e Fragozo, correu o es-crutinio e obtiverão maioria de votos os seguintes Srs. :

Presidente — Ezequiel Corrêa dos Santos, reeleito.

Vice-Presidente — Dr. António Pereira Leitão, *idem*.

1.º Secretario — Dr. Francisco Lopes de Oliveira Araujo.

2.º Dito — Diogó Rodrigues de Vasconcellos, *idem*.

Thezoureiro — Balthazar de Andrade Monteiro, *idem*.

Archivista — Antonio Fernandes da Silva Leite, *idem*.

Agente da drogaria — José Marques de Gouvêa.

Redactor — Ezequiel Corrêa dos Santos Junior.

Officio do 1.º Secretario da Sociedade Physico-chymica, dirigido ao Presidente da Sociedade Pharmaceutica Brasileira.

Illm. Sr. — Recebi a *Revista Pharmaceutica* que V. S. offereceu á sociedade Physico-chymica, e fui por ella encãr-regado de agradecer-lhe este obsequio.

A sociedade não pôde ser indifferente ás demonstrações amigaveis da sociedade Pharmaceutica, com a qual se sente estreitamente unida, não só pela identidade de seus fins,

como pelas sympathicas tendencias que sõem ligar os corações verdadeiramente brasileiros ; e pois creia V. S. que ella se esforçará por corresponder dignamente á estima da sociedade Pharmaceutica, e por justificar as expressões benignas de que a *Revista* se servio a seu respeito. E a sociedade se aproveitará com muito boa vontade das columnas da *Revista*, que V. S. se dignou pôr á sua disposição, dando assim uma grande e apreciada prova do quanto deseja o progresso das sciencias phisicas em nossa patria.

A' sociedade tambem não escapárão o prazer e enthusiasmo com que a sociedade Pharmaceutica vê nascer os nucleos de especulações scientificas e procura ser-lhes util. Por certo que é esse um nobre e patriotico procedimento que ella jámais cessará de louvar.

Peço encarecidamente a V. S., que se digne apresentar á sociedade Pharmaceutica a expressão dos sentimentos de gratidão que lhe consagra a sociedade Physico-chymica.

Prevaleço-me da occasião para reiterar a V. S. os protestos de minha maior estima e verdadeira consideração.

Deos guarde a V. S. Rio de Janeiro, 22 de abril de 1855.

Illm. Sr. Ezequiel Corrêa dos Santos, presidente da sociedade Pharmaceutica Brasileira.

Francisco Portella, 1.º secretario.

Illm.º Sr. Dr. Manoel Maria de Moraes e Valle.

Animado pela confiança que em mim e na minha botica depositou a Illustre Faculdade de Medicina, escolhendo-me entre tantos honrados e sabios collegas, para dirigir o ensino pratico de pharmacia aos alumnos da mesma Faculdade como consta da participação de seu digno Director, e não podendo

eu aceitar tão subida honra pelas razões allegadas em minha resposta; mandei eu depois por meu filho o Dr. Ezequiel Corrêa dos Santos offerecer á Escola de Medicina da qual elle tem a honra de ser professor substituto uma proposta, que julguei vantajosa ao ensino, aos cofres publicos, e a mim. Ora, como essa proposta fosse apresentada verbalmente, tenho a honra de offerecer a agora por escripto a V. S., para que, como juiz competente na sua qualidade de professor da cadeira de pharmacia, se digne, quando se tratar deste objecto na Faculdade, advogal-a, ou regeital-a, segundo o valor que lhe achar, com seu voto consciencioso. Sou de V. S. com toda a consideração e respeito

Muito attento vr.º e obr.º cr.º

EXEQUIEL CORRÊA DOS SANTOS.

S. G., 24 de maio de 1855.

PROPOSTA.

1.º — O Pharmaceutico Ezequiel Corrêa dos Santos estabelecerá á sua custa em uma espaçosa casa com todas as condições exigidas pela sciencia, um completo laboratorio chymico-pharmaceutico, convenientemente sortido de todos os instrumentos, apparelhos e utensis, á semilhança da pharmacia central de Paris, dirigida pelo illustre professor M. Soubuian, onde fará preparar annualmente, para instrucção dos alumnos de pharmacia, todos os productos chymicos e pharmaceuticos usados em medicina, e outros muitos applicados nas differentes industrias uteis.

2.º — Nesta pharmacia central poderá a Faculdade de Medicina fazer seu gabinete de ensaios de medicina legal, e outros exames chymicos que queira praticar, sem outra despesa mais do que o pagamento dos reactivos e dos instru-

mentos e utensis que se quebrarem, isto sómente pelo valor do seu custo, e nunca com ganho para o estabelecimento.

3.º — A Faculdade de Medicina formulará um regulamento marcando os dias, horas e methodo do ensino pratico, fórma de exames, e o mais que entender conveniente, relativo sómente á instrucção dos seus alumnos, ao que se sujeitará o proprietario da pharmacia central, que se obriga por si, ou por pessoas competentemente habilitadas a dirigir a instrucção pratica dos discipulos da Escola de Medicina.

4.º — Uma commissão de proffissionaes nomeados pela Faculdade de Medicina, ou pelo Governo, terá o direito de examinar se o ensino é feito com aproveitamento dos alumnos, representando contra o que achar prejudicial.

5.º — Desde que se poder provar que a pharmacia central não é dirigida com proveito da instrucção pharmaceutica, o governo fica desobrigado de qualquer contrato que tenha feito com seu proprietario.

6.º — O Governo concede ao proprietario da pharmacia central, como indemnisação das grandes despesas que tem a fazer para o estabelecimento della, seu costeo de pessoal e material, o fornecimento de todas as drogas, simples, medicamentos compostos officinaes e magistraes que é de uso comprar-se para os hospitaes militares de mar e terra, ambulancias para o exercito, enfermarias de estabelecimentos publicos, &c., que serão sempre fornecidos pelos preços ordinarios do mercado, na epocha em que forem pedidos.

Demonstrar as vantagens desta proposta a favor dos cofres publicos, é desnecessaria, porque ella se torna reconhecivel por qualquer que a ler; o Governo vai poupar toda a despesa que deve fazer no valor de mais de 20 contos de réis com o seu estabelecimento; vai poupar a despesa annual com o seu costeo, com o seu pessoal que não póde ser pequeno, com

ordenados a um director e subdirector que o substitua. E o que vai gastar? Nada, porque os favores que conceder ao estabelecimento, são já concedidos a quem só desfructa o governo sem prestar um serviço á sciencia, aos cofres publicos e ao paiz.

Rio de Janeiro, 24 de maio de 1855.

EZEQUIEL CORRÊA DOS SANTOS.

Analyses de alguns mineraes da provincia do Ceará dados pelo Exm.^o Sr. Dr. Almeida Rego de volta de sua presidencia nessa provincia, por Ernesto Frederico dos Santos.

As analyses dos mineraes que possuímos em tão grande quantidade, é sem contestação, um dos objectos que mais deve interessar aos brasileiros que quizerem beneficiar seu paiz. Foi certamente fundado neste principio que o Ex.^{mo} Sr. Dr. Almeida Rego exforçou-se durante sua presidencia na provincia do Ceará, em reunir algumas amostras de mineraes e de substancias vegetaes de usos medicamentosos que mandou á sociedade pharmaceutica da qual é digno membro; foi ainda fundado neste principio que elle deu a meu presado pae algumas amostras desses mineraes, para me serem remettidas com o fim de eu analysal-as aqui. Devo agradecer a ambos esta prova de confiança que depozerão em mim, o que muito prazer me deu; e com quanto eu não possa satisfazer cabalmente seus desejos attenta a mesquinhez de minhas forças para um trabalho pela primeira vez por mim emprehendido; comtudo esforcei-me em cumprir o melhor que pude seus desejos, e se meus trabalhos não os satisfizerem fiquem ao menos certos que presidirão a elles meus

bons desejos e melhor vontade, finalmente — « *Nisi utile quod feci, stulta gloria sit.* »

Como os mineraes de que trato não vierão numerados, ignorando eu se ficarão no Rio de Janeiro, amostras delles, tive o cuidado de reservar um pedaço de cada um, para que possa ter alguma utilidade o trabalho a que me propuz, tendo-os numerado convenientemente.

Amostra n.º 1. — *Caracteres physicos.* — Côr de rosa sujo exteriormente, amorpho, interiormente branco de leite, extremamente duro, fractura lusidia, difficil de reduzir-se a pó, raiando o vidro ligeiramente.

Propriedades chymicas. — Em pó impalpavel não é attacado pelos acidos chlorhydrico, azotico e sulphurico tanto a frio como em ebullição; estes acidos apenas dissolverão o peroxydo de ferro e carbonato de cal que ahi existem em tão pequena proporção, que eu attribuo sua presença antes como impureza, do que corpos constituindo o mineral ou entrando em sua combinação intima. O resultado que obtive tratando o mineral pelo acido chloro-azotico foi o mesmo obtido por estes acidos separadamente.

Por esta sequencia de factos fui naturalmente levado a operar a fusão do mineral com alcali caustico, ou um carbonato alcalino; não tive mesmo necessidade de operar a fusão, pois tendo misturado o mineral em pó finissimo com uma solução concentrada de potassa caustica, obtive perfeita solução, turva apenas pelo carbonato de cal e peroxydo de ferro que sendo separados por meio do fitro, e lavados convenientemente, sendo tratados pelo acido chlorhydrico se dissolverão perfeitamente, dando pelos reactivos provas não equivocas de sua existencia.

Uma pequena porção da solução potassica tratada pelo acido chlorhydrico precipitou abundantemente em fórmula de geléa e o precipitado redissolveu-se no mesmo reactivo:

uma outra porção precipitada pelo mesmo acido sendo lavada, e calcinada depois, não se redissolveu em um excesso do mesmo reactivo ; dando assim de uma maneira indubitavel a certeza da existencia do acido silicico (silica), e a potassa caustica, o hydrogeneo sulphuretado, a coloração azul celes-te com o nitrato de cobalto obtida no massarico, provarão que a base deste silicato era a alumina, podendo pois afirmar-se que o mineral da amostra n.º 1 — é um silicato *puro* de alumina, tendo um pouco de ferro peroxydado e carbonato de calcio como impureza e não entrando em sua composição ; prova-se mais que é um silicato neutro e anhydrico por isso que são os unicos que sendo tratados pelo acido chlorhydrico não são por elle decompostos.

Será um verdadeiro *kaolin* (terra a porcelana) este silicato ? E' uma questão que a mim proprio proponho, e a qual não posso responder por isso que não ha uma verdadeira e unica formula adoptada para o representar, sendo elles mais ou menos puros, com mais ou menos base, o que depende da decomposição mais ou menos avançada da *rocha felds pathica* de que provém ; de mais é uma questão que mais pratica que theoreticamente se poderia resolver. Eu resolveria a questão praticamente se tivesse em meu poder quantidade sufficiente deste *silicato*, pois me seria facil obter concessão de M. *Reignault* distincto chymico e director da imperial manufactura de porcelanas de Sèvres, para que me mandasse preparar qualquer objecto com elle afim de verificar suas qualidades ceramicas ; não o tendo porém fico-me com os meus bons desejos.

Amostra n. 2. — *Caracteres physicos*. — Cór acinzentada suja, exteriormente apresentando pontos brilhantes metallicos em placas, facilmente reduzivel a pó, mostrando este, os caracteres da plumbagina pulverisada.

Caracteres chymicos. — Uma porção reduzida a pó e cal-

cinada, desprende grande quantidade de vapores de acido sulphuroso, o que me deu a conhecer a existencia de um sulphureto metalico. O pó tratado pelo acido azotico concentrado dissolve-se completamente, precipitando quantidade notavel de enxofre, e mais um precipitado branco de que adiante tratarei.

A solução azotica tratada em parte pelo sulphurato de ammonia deu um precipitado abundante quasi preto, insolúvel em um excesso do reactivo. Outra parte da solução azotica tratada pelo acido chlorhydrico, forneceu um precipitado que sendo fervido no mesmo reactivo converteu-se em laminas brancas e brilhantes. Ora, dos tres metaes que precipitam pelo acido chlorhydrico (prata, mercurio e chumbo), o unico que precipita com estes caracteres é o chumbo, além disso o precipitado não se dissolveu na ammonia (chlorureto de prata), e o mineral não apresentava os caracteres physicos do sulphureto nativo de mercurio, que é róxo violeta cristalizavel em palhetas; portanto ainda que não recorresse ao iodureto de potassio poderia afirmar que o mineral em questão, é a *galène* dos mineralogistas francezes que é o mineral de chumbo unico *exploravel* d'onde se extrahe todo o chumbo do commercio.

Esquecia-me dizer duas palavras ácerca do precipitado branco obtido tratando o mineral pelo acido azotico medianamente concentrado. O enxofre em presença do acido azotico, decompõem este ultimo, oxyda-se á custa delle e converte-se em acido sulphurico que por sua vez apodera-se da base do nitrato, e fórma sulphato de chumbo, que sendo insolúvel se precipita. Os vapores de acido hypoazotico observados por mim, durante a operação, provierão da decomposição do acido azotico, e da oxydação do enxofre e do metal. Os reactivos convenientemente empregados manifestarão-me

ainda a presença do ferro e manganez em diminutissimas proporções.

Para avaliar a importancia commercial deste sulphureto tratei de ver que quantidade de chumbo metalico elle forneceria; para isso tomei 15 grammos do mineral reduzido a pó fino, e 30 grammos de um fundente composto de carbonato de potassa e carvão, misturei-os intimamente, e fiz calcinar a mistura em um cadinho por 2 horas, e obtive um botão de chumbo metalico que pesou 8 grammos, concluindo daqui que este sulphureto contém 53,3 de chumbo metalico, sendo por esta proporção, de grande interesse para a industria metalifera do brasil, se o mineral existir em grande quantidade, e os trabalhos da mineração e despeza de transportes não absorverem, como acontece quasi sempre, todos os interesses que dahi se possam tirar, succedendo como com as nossas riquissimas *montanhas* do optimo ferro de Ipanema, preferindo-se comprar o ferro em barra ao estrangeiro, cujos mineraes dão talvez 50 por cento menos de ferro metalico do que o extrahido das ricas minas de Ipanema.

Como os mineraes de chumbo contém quasi sempre prata, em maior ou menor proporção, submetti o botão metalico a uma cupellação, para me certificar se acharia prata, e no caso affirmativo, se valeria a pena, pelo lado do interesse commercial, tratar de sua extracção. Emfim pela cupellação, obtive 3 milligrammos de prata metalica, quantidade tão insignificante que nem ao menos cubrirá a despeza da sua extracção do chumbo metalico contido no mineral de que tratei.

Concluirei certificando que, se este mineral existe em grande quantidade na provincia do Ceará, e em lugar de facil condução, poderá ser, no futuro, um grande ramo de riqueza para ella, se seus filhos protegidos por sabios e patrioticos governos, sahirem da apathia quasi geral dos Brasileiros, e

se entregarem aos trabalhos de mineração e exploração do metal que com quanto não seja *fulvo*, é reduzível a esse estado pela **PRESERVERANÇA E TRABALHO**.

Paris, 25 de março de 1855.

E. F. DOS SANTOS.

Nova formula da limonada de citrato de magnesia, por M. Wislin.

« Ha poucos medicamentos para os quaes se tenham apresentado tantas formulas como para este, e, conveni confessal-o, bem poucos tem dado bons resultados; isto provém sobre tudo de se tratar sempre de produzir um citrato neutro, que tem pouca estabilidade em seus elementos, entretanto que o citrato acido se conserva por muito tempo sem alteração, não tem acção irritante, e purga optimamente.

Eis aqui a formula que eu proponho para seis garrafas com 60 grammos de citrato, que é a dóse mais commum :

Sub-carbonato de magnesia .	120 grammos.
Acido citrico	270 »
Xarope de assucar aromatisado com limão ou laranja . . .	600 »
Bi-carbonato de soda.	15 »
Agua fria	1,250 »

— Dissolve-se o acido na agua fria; ajunta-se por porções a magnesia, deixa-se repousar durante algumas horas; filtra-se, e divide-se em seis garrafas, em cada uma das quaes se poem 100 grammos de xarope aromatisado; acaba-se de encher as garrafas com agua, ajuntando-se a cada uma 2

grammôs e meio de bi-carbonato de soda ; poem-se as rolhas e atão-se rapidamente com um fio.

Não é indifferente pôr o acido primeiro, agitando em sentido inverso, porque se exporia a obter um citrato neutro que se deporia no fundo das garrafas.

Esta limonada deitada em um logar fresco, se conserva por mais de seis mezes, sem soffrer alteração. »

(*Jornal de chymica pharmacia e toxicologia.*)

O Sr. Wislin parece, como alguns outros authores, fazer consistir a conservação da limonada de citrato de magnesia na sua não neutralidade, no excesso de acido que esta, e todas as formulas conhecidas contém ; entretanto que a experiencia diaria mostra que apesar do excesso de acido, passados poucos dias depois da formação do citrato de magnesia liquido, vai se depositando no fundo do vaso que o contém, uma camada de sal insolúvel que vai gradativamente aumentando, Succede na formula presente, que seu author manda ajuntar a cada botelha de limonada com excesso de acido, 2 grammos e meio de bi-carbonato de soda, o que torna esta limonada muito gasosa, tanto que o Sr. Wislin manda rolar e atar com fio rapidamente as rolhas. Ora, temos aqui que, o bi-carbonato de soda vai roubar á limonada todo o seu acido em excesso e não saturado de magnesia, para formar uma porção de citrato de soda, tornando-se livre o acido carbonico gasoso, e ficando conseguintemente *neutro* o citrato de magnesia. Logo, si a limonada por esta fórma preparada, se conserva por tanto tempo sem soffrer alteração, é decerto devido á presença do gaz acido carbonico que evita igualmente a decomposição muito prompta das materias vegetaes do acido citrico e do xarope. Para verificar esta hypothese convem deixar-se perder todo o acido carbonico que se desenvolver pela addição do bi-carbonato de

soda; rolar então as garrafas, collocal-as em lugar fresco e observar. E' isto que vou fazer, é o que rogo a meus collegas que pratiquem.

O REDACTOR.

Processo para o exame do chloroforme.

A este respeito lê-se no *Jornal de chymica medica, pharmacica e toxicologia* do mez de fevereiro do corrente anno, a seguinte carta dirigida ao redactor.

« Monsieur — Por algumas formulas que tive a honra de enviar-vos, e que vós tivesteis a bondade de publicar no *Jornal de chymica medica*, já podeis conhecer que os meus esforços tendem a simplificar as operações. E' ainda uma modificação a um processo d'analyse que vos remetto hoje.

« Li no numero de dezembro ultimo, um processo dado por um dos nossos collegas para reconhecer a pureza do *chloroforme*; longe de mim o pensamento de criticar as experiencias do nosso honrado confrade, nós lhe devemos ao contrario agradecimentos pela importancia que tem dado aos conhecimentos adquiridos. Como elle, tambem procurei o meio mais certo de reconhecer a pureza do chloroforme, logo que tive a idéa de applicar á analyse desta substancia o processo que emprego com successo para reconhecer a pureza das essencias, processo que vi praticar pela primeira vez, por meu honrado patrão, M. Dubail, e que é o seguinte.

« Um tubo de 1 1/2 a 2 centimetros de diametro e 20 centimetros pouco mais ou menos de comprimento, eu o divido em 20 partes iguaes, collando sobre todo o seu comprimento uma tira de papel gommado e sobre a qual, depois

de bem secca, traço com tinta as divisões, dando depois sobre cada traço de penna feito sobre o papel um corte com uma lima que marca o proprio tubo, tirando depois a tira de papel obtenho sobre o tubo indicações perfeitamente exactas. Isto feito, encho as duas primeiras divisões com o chloroforme que quero ensaiar, encho as outras divisões com agua distillada, fecho o tubo, agito-o fortemente por alguns minutos; se o chloroforme contiver alcool (unica fraude que até hoje se tem verificado, porque as outras substancias volateis que se lhe poderião ajuntar desnaturarião seu cheiro, denunciando a fraude), as divisões de agua distillada augmentão em razão da quantidade de alcool absoluto misturado; assim 10 por cento de alcool darão 11 divisões d'agua, e 9 de chloroforme.

« Acontece o mesmo com as essenciaes, com a differença sómente de que os liquidos occupão lugares diversos; o chloroforme misturado á agua occupa a parte inferior do tubo, as essenciaes pelo contrario ficão na parte superior.

« Todos os nossos collegas podem repetir esta simples experiencia e verão que ella é exactissima.

« Este processo é baseado, como vêdes, na maior affinidade do alcool para a agua do que para o chloroforme e para as essenciaes. »

E. BLANQUINQUE.

Aguas mineraes.

Lê-se no jornal de chymica medica toxicologia e pharmacia de Paris, do mez de março do corrente anno, a seguinte carta, sobre aguas mineraes, que julgo conveniente a sua publicação.

Snr. — Os trabalhos emprehendidos a alguns annos por chymicos eminentes tanto da França como estrangeiros, parece de mostrar que as aguas mineraes as mais efficazes e as mais usadas, são aquellas que contém um principio activo medicamentoso, o arsenico.

Não se poderá por certo pôr em duvida que é á presença deste corpo que se deve attribuir u ma parte da acção poderosa das aguas mineraes sobre a nossa economia, e os effeitos salutaes que ellas produzem.

A existencia do arsenico tendo sido já verificada, em França em 48 especies de aguas mineraes, entre as quaes contão-se as de Vichy, Bussang, Plombieres, Mont-Dore, Bourbones-le-bains, &c., &c.; é provavel, que seja elle encontrado tambem em muitas outras, que ainda não soffrerão as investigações necessarias.

Nós julgamos muito importante, fazer indagações em todas as outras aguas nas quaes a existencia do arsenico não foi ainda demonstrada; é por isso que vos pedimos, se julgardes conveniente, de enviar-nos, logo que isso seja possivel; 1.º os residuos ou depositos das aguas perto das quaes vos achardes; 2.º o producto da evaporação de 20 litros desses liquidos, que, ordinariamente contém os saes soluveis.

Aproveitando a occasião para vos fazermos este pedido por semelhante fórma, declaramos que tivemos em vista diminuir as despezas de transporte, que, em razão do grande numero de aguas mineraes, que restão por examinar, se tornarião consideraveis.

Esperando a remessa dos productos que vos pedimos, somos

Vosso muito dedicado

GOBLEY.

Propriedades antiputridas dos vapores do café.

« Um medico alle mão certifica, que o café é o mais poderoso para aniquilar e mesmo destruir inteiramente as emanações putridas, tanto animaes como vegetaes. Em apoio de sua opinião, enumera elle um grande numero de factos, entre outros, os seguintes: — Uma sala na qual se deixou por espaço de alguns dias carne em decomposição, foi promptamente desinfectada logo que ahi se collocou por alguns instantes um torrador contendo 500 grammos de café recentemente torrado.

« Em outro logar que continha hydrogeneo sulphurado e ammoniaco em grande quantidade, todo o mau cheiro desapareceu meio minuto depois que se empregou 90 grammos de café acabado de torrar.

« Segundo o mesmo doutor, o café destroe o cheiro do almiscar e mesmo da assafetida: a prova de que os vapores empyreumaticos do café não obrão disfarçando sómente as outras substancias, mas sim decompondo-as, é que os primeiros vapores são completamente absorvidos, e não dão logar a nenhum cheiro, ao passo que, quando a saturação está completa, o cheiro destruido reaparece. E' o inverso dos outros vapores aromaticos, mesmo para o acido acetico e chloro.

« O processo empregado consiste em pisar em um almofariz uma dada quantidade de café, collocal-o sobre uma chapa de ferro moderadamente aquecida, de maneira a dar ao café uma côr trigueira. Assegura-se assim que o acido do café e seu oleo essencial empyreumatico obrão com mais rapidez e com um menor volume.

« O café possui ainda outra propriedade, mais modesta sim, mas que tem sua utilidade: impede que o leite talhe e

asede. Com effeito misturando-se o café ao leite, este pôde ser conservado por muitos dias, ser depois aquecido e mesmo fervido, sem soffrer outra modificação, senão a resultante de sua associação ao licor aromatico. Na estação calmosa, e particularmente em tempos tempestuosos, esta propriedade é muito proveitosa, em Paris principalmente, onde acontece commumente o leite coalhar logo que recebe a impressão do calorico. »

o (Jornal de chimica, pharmacia e toxicologia.)

Processo de M. Antoine Seput, pharmaceutico em Constantinopla, para preparar unguento mercurial em 15 minutos,

Mercurio. 300 grammas.
Banha fresca. 12 »

Começa-se a trituração com o terço da banha indicada, ajuntando-se o segundo terço 5 minutos depois; continua-se a triturar por mais 5 minutos, no fim dos quaes, ajunta-se o resto da banha. Continuando-se a trituração sem a interromper, no fim de 15 minutos não se percebem mais globulos metallicos; então ajunta-se a quantidade necessaria de banha para formar unguento napolitano. O unguento napolitano é formado de partes iguaes de banha e de mercurio.

(Jornal de chymica medica, pharmacia e toxicologia).

Errata ao n.º 9 do mez de março do corrente anno. — A pag. 117, 1.ª linha, onde diz—iodureto de potassa considerado como agente *illiminado*, lêa-se: Iodureto de potassa considerado como agente *illiminador*.

REVISTA PHARMACEUTICA.

4.º ANNO.

N.º 11. — MAIO DE 1855.

VOL. IV.

SOCIEDADE PHARMACEUTICA BRASILEIRA.

SESSÃO LITTERARIA EM 22 DE MAIO DE 1855.

Presidencia do Sr. E. Corrêa dos Santos.

ORDEM DO DIA, 1.ª parte. — Póde sustentar-se, sem provar ignorancia da sciencia, que o xarope de diacodio preparado com as cabeças de papoulas, deve ser preferido ao que se faz com extracto de opio ou seus alcaloides?

O Sr. Presidente disse que, havendo quem proclame, até da cadeira do ensino, que os pharmaceuticos do Rio de Janeiro são *todos ignorantes*, dando como prova disso o prepararem xarope de diacodio com extracto de opio, seus saes ou tinctura, em vez de preparal-o com *as cabeças de dormideiras*; e como tal doutrina é erronea, prova ignorancia da parte de seu author, e é sustentada com o fim de achar-se um pretexto de insultar-se os pharmaceuticos brasileiros, elle entendeu que devia dar este ponto para a discussão, afim de que a sociedade a aceite si a julgar verdadeira, e seus membros se corrijão do erro que teem praticado, ou protestem contra ella si a julgarem falsa.

O Sr. Gouvêa:—Sr. Presidente, acho escusado que V. S. traga para discussão entre nós esta materia, por que poderá isso provar que nós ainda estamos em duvida sobre qual das fórmulas devemos adoptar para a preparação do xarope de diacodio, si com as cabeças de dormideiras velhas que nos

vem de fóra ou si com o extracto de bom opio. Hoje ninguém ignora que é em certos saes que existem no opio e seu extracto, que residem as propriedades medicamentosas desse precioso remedio, e a sociedade pharmaceutica já pronunciou seu voto sobre este objecto quando escolheu uma formula de xarope de diacodio, que não foi, nem podia ser a das cabeças de papoulas, para ser adoptada em todas as nossas boticas. Quanto ás injurias que nos dirige aquelle que por honra propria, devia acreditar-nos, não fazemos caso dellas, porque cada um dá o que tem.

O Sr. Dr. Leitão:— Sr. Presidente, eu não sei se esta ordem do dia foi escripta por V. S. ou pelo Sr. Secretario, sei que tenho de protestar contra a maneira porque está escripta, porque, na minha opinião, póde sustentar-se que o xarope de diacodio deve ser feito com as cabeças de dormideiras sem concluir-se dahi que ha ignorancia da sciencia nos que sustentão esta opinião, muito mais quando o codex francez que a nossa Junta de hygiene manda adoptar para formulario de nossas boticas prescreve o xarope de diacodio feito com cabeças de papoulas e não com o extracto de opio ou seus alcaloides; que na redacção do Codex figurão nomes muito importantes como o de Andral e outros que decerto não ignorão a sciencia; que, além disso, acha superflua esta discussão porque se lembra que o nosso illustrado collega o Sr. José Caetano da Silva Costa offereceu á tempos á sociedade pharmaceutica uma formula de xarope de diacodio baseado nos conhecimentos modernos, formula que a sociedade adoptou. Pelo que conclue votando contra a maneira porque está formulada a ordem do dia, e pela desnecessidade desta discussão.

O Sr. Dr. Oliveira Araujo:— Sr. Presidente, eu tambem não adopto a maneira porque está formulada a ordem do dia, porém concordo que não se deve preferir nunca, quando

quizermos conseguir os salutaes effeitos do xarope chamado de diacodio, o preparado com as cabeças de dormideiras, producto exotico, e que varia em sua acção por diversas razões, tanto que, na minha clinica, eu prefiro o xarope de acetato de morphina a qualquer outro.

O Sr. Fernandes da Costa fallando sobre o objecto sustenta a ordem do dia, e prova que sem desconhecer-se o que se tem escripto sobre o opio, sua analyse, &c., não se pôde, principalmente no Brasil, dar preferencia ao xarope de diacodio feito com as cabeças de papoulas.

O Sr. Presidente : — Eu já expliquei os motivos porque offereci ao illustrado criterio dos meus collegas a discussão deste objecto, por isso respondendo agora ao protesto do Sr. Dr. Leitão, lhe direi que em minha fraca opinião quem sustenta hoje, e n'um paiz onde não são cultivadas as dormideiras, que nos vem de 3,000 leguas de distancia, colhida em todos os terrenos, de todos os lugares e em todos os estados e estações, prova de sobejo que ignora completamente os trabalhos da sciencia sobre o opio desde a sementeira das papoulas, extracção de seus succos, e separação até dos ultimos principios immediatos do opio ; por isso sustento a formula da ordem do dia. O meu illustrado collega quer provar que não ha ignorancia de sciencia da parte dos que sustentão que o xarope de diacodio deve ser feito com as cabeças de dormideiras e não com o opio e seus saes, citando a formula do Codex, citando o nome de Andral e de outros sabios que o redigirão ; quiz tambem provar a desnecessidade desta discussão mostrando que ácerca do objecto já a sociedade havia pronunciado o seu juizo adoptando a formula do xarope de diacodio que nos apresentou o illustre pharmaceutico nosso collega o Sr. Silva Costa ; pois bem, é com a approvação por todos nós dada a essa formula, é com a formula do Codex, citada agora, que eu sustento a ordem do dia com o fim de

fazemos um protesto contra a pécha de ignorancia lançada sobre nós por um ignorante em pharmacia e de tudo quanto se ha feito e escripto sobre as dormideiras e sobre o opio por sabios muito eminentes. Si a sociedade pharmaceutica adoptou já uma formula de xarope de diacodio com extracto de opio e não com *cabeças de papoulas*, é porque reconheceu com a sciencia ser esta a melhor, o que reconhece tambem o Codex que manda fazer o seu xarope com *extracto alcooleo de dormideiras* na dóse de um grão por onça, e não com cozimento de cabeças de papoulas deterioradas, sem acção medicamentosas talvez como aqui chegão do estrangeiro, e bem conhece o meu illustrado collega a grande differença medicamentosa que ha em um xarope preparado com *extracto alcooleo* de papoulas recentemente colhidas sob todas as condições favoraveis, ou com a decocção dellas colhidas sob todos os estados, logares e estações para commercio estrangeiro. A não ser o respeito a nomes, porque a palavra *diacodio* compoem-se de duas palavras gregas, que eu não sei pronunciar, mas que querem dizer *cabeças de papoulas*, não ha outra razão para dar-se preferencia a uma formula já conhecida por *Galeno e Mesué* sinão a ignorancia completa dos trabalhos feitos sobre as dormideirrs desde a sua sementeira até a extracção dos seus succos por incisão, e que fórma o opio, e sobre este até a separação, analyse e estudo do seu ultimo principio constitutivo feitos por chymicos como *Sertuerner, Desrone, Vanquillin, Caventou, Seguin, Gregoire, Robertson, Pelletier, Orfila, Magendie, Aubergier, Robiquet, Conerb* e muitos outros; é preciso ignorar que o opio de *Smyrne, de Constantinopla e de Alexandria* varião consideravelmente entre si em proporções muito differentes de *morphina*; que o opio extrahido das papoulas cultivadas hoje em França é mais rico deste alcaloide do que o opio exotico, e que as mesmas dormideiras cultivadas ao meio dia abundão

mais delle do que as do norte ; que no opio extrahido das papoulas de Landes não se encontrou narcotina. Srs., para sustentar-se que o xarope de diacodio deve fazer-se, sobretudo entre nós, com cabeças de papoulas é preciso desconhecer que essa formula é anterior á descoberta da *morphina* em 1816 por Sertuerner; da *codeina* por *Robiquet* em 1833; da *narcotina* por *Desrone*; da *narceine* por *Pelletier*; da *meconina* por *Dublanc*; é preciso ignorar que além destes principios ainda existe no opio ou succo espesso das papoulas, a papaverina, opina, thebaina, acido meconico, oleo fixo, gomma, risina, extractivo, &c. e que, como já demonstrei, nem em todas as papoulas se encontrão nas mesmas proporções todos estes principios do opio, tanto que muitos authores respeitaveis preferem o xarope de *morphina* ou de *codeina* ao do opio, porque naquelles existe sempre o principio medicamentoso e na mesma proporção desejada, não sendo portanto falliveis os seus effeitos medicamentosos. Em face das observações que acabo de fazer, espero que desapareça a censura feita a ordem do dia, e que os meus collegas concordaráõ comigo que só por ignorancia e ignorancia imperdoavel naquelle que nos accusa, se póde preferir o xarope de cabeças de papoulas ao de *morphina*, ou *codeina*.

Nota sobre o opio indigena, por M. Decharmes.

Sabe-se desde muito tempo que a efficacia de um opio depende da proporção de *morphina* que elle contém. Os melhores opios que o commercio nos traz de Smyrna e Constantinopla por alto preço, não contém mais do que 5 a 9 por cento deste alcaloide. O opio produzido pelas papoulas cultivadas em nossas provincias do norte, contém 13, e

mesmo 18 por cento de morphina. Mas o valor commercial desta substancia pôde cobrir as despesas do processo? Tudo está nisto. M. Decharmes sustenta que pôde, e apresenta os seguintes calculos e experiencias com as quaes fundamenta sua opinião.

M. Bernard, pharmaceutico em Amiens, trabalhando duas a tres horas por dia, incisou em 14 horas, assevera M. Decharmes, 2,752 capsulas de papoulas, e obteve 129 grammos de succo opiaceo. Durante 5 dias (de 12 horas), um trabalhador o substituiu e incisou 12 mil cabeças das quaes extrahio 322 grammos de succo. Assim em 74 horas (ou 6 dias e meio) 14,752 capsulas forão abertas e fornecirão 431 grammos de succo leitoso que, depois de completamente secco, forneceu 205 grammos de opio. A analyse deste opio deu 14,75 por cento de morphina, no entanto que os do commercio não dão mais do que 8 a 9. Apesar desta grande differença, calculando-se o opio indigena pelo mesmo preço do opio exotico, isto é, a 50 francos o klogrammo (este preço sobe diariamente), o valor dos 205 grammos será de 10 francos 25 cent. Os 6 dias e meio do trabalhador calculados a 1 fr. 25 c. por dia fazem 7 fr., 75 c.; logo ha um saldo total a favor do trabalhador de 2 fr. e 50 cent. ou perto de 40 centimos por dia. Pôde-se mesmo obter maior quantidade de succo em um dia.

(Jornal de chymica medica, toxicologia e pharmacia.)

Do mesmo jornal:

ENSAIO DE EXTRACÇÃO DO OPIO DO PAPAVER SOMNIFERUM.

Querendo verificar a possibilidade de obter opio entre nós semei em tempo conveniente, e segundo os processos empregados em Benarès a semente do papaver somniferum, em

terreno composto de arêa e terra vegetal adubada com esterco de cavallo, cujo ammonia havia sido fixado pelo gesso, segundo o methodo de M. Schattemann.

A vegetação se apresentou boa e sobretudo soffrivelmente igual; depois que as cabeças se formarão e adquirirão no seu apice uma côr violacea, pratiquei ahi, com um instrumento composto de quatro laminas arranjadas de modo que abraçasse uma parte da capsula, incisões correspondentes á separação dos lóbos. Em cada incisão appareceu uma gottinha de succo branco que foi absorvido quasi immediatamente. Cortei então algumas cabeças acima do nó e achei no dia seguinte um botão de 2 a 3 centigrammos de bom opio sobre cada córte da capsula. Repeti muitas vezes estas secções, e depois de algumas horas, ellas produzirão nova quantidade da mesma substancia. Emfim, praticando o mesmo sobre toda a plantação obtive uma quantidade notavel de succo possuindo todas as qualidades do bom opio e dando pela analyse comparada o seguinte resultado :

Opio obtido de uma boa casa de drogas, 11 por cento de morphina.

Opio da minha produção, 9 por cento de morphina.

Este resultado pareceu-me muito importante para fazel-o conhecido.

Eu vou continuar meus ensaios de cultura, afim de estudar a escolha dos terrenos, os estrumes e a maneira de plantar as papoulas com o intuito de tirar dellas os melhores resultados.

ORTTIEB, *pharmaceutico.*



Pharmaceuticos viajores.

E' imperdoavel o abandono em que até hoje os poderes nacionaes tem deixado correr a pharmacia entre nós, não repartindo com ella uma parte dos favores concedidos a todas as classes da sociedade, como se este ramo da sciencia medica, valesse menos, tivesse menor importancia do que os outros para o bem estar dos Brasileiros.

O orgulho nacional não se offenderá por certo ao confessar-se que sendo o Brasil paiz ainda novo, falto de muitos meios para a illustração de seus filhos, carece, e carecerá ainda por algum tempo beber do estrangeiro uma instrucção mais solida em todas as sciencias, artes e industria.

E tanto isto é exacto, tão reconhecivel tem sido esta verdade, que repetidas vezes se tem mandado a Europa jovens militares de terra e mar instruirem-se na arte de fazer a guerra, formar planos de defesa, construir pontos e calçadas; filhos da escola de bellas artes para estudarem architectura, desenhar paysagens, emitir physionomias, &c.; medicos já formados para se aperfeiçoarem nos processos, estudarem os hospitaes, observarem as epidemias; sem que até hoje alguém se lembrasse de mandar a Europa jovens pharmaceuticos para verem praticamente nos grandes laboratorios chymicos de Paris e da Alemanha, como se extrahe dos diversos seres inorganicos e organisados, os immensos e variados productos que servem para a conservação da vida, alivio da dôr, e para o engrandecimento e prosperidade do nosso paiz, porque é do perfeito conhecimento da chymica, de sua applicação a todos os ramos da industria que o Brasil ha de um dia apresentar-se igual ás nações cultas do globo. Ora este desprezo pela pharmacia, este deleixo do poder ácerca della, não pôde ser considerado filho do propozito nem da má von-

tade, mas sim effeito da falta de quem tome a peito o progresso dessa sciencia ; quem peça e reclame para ella o que se tem concedido a favor de outras classes, porque não é crível que os poderes do estado julguem mais proveitoso ao paiz haverem bons militares, optim os pintores, célebres estatuarios do que pe rfeitos pharmaceuticos. As nossas escolas de medicina pertencia indubitavelmente o dever de reclamar do governo que collocasse na relação dos jovens que por conta do estado é de costume hirem a Europa instruir-se os nomes de seus discipulos em pharmacia, abrindo-se para isso nas mesmas escolas um concurso, para serem escolhidos os viajores entre os mais habilitados.

E' á propria escola do Rio de Janeiro, é o seu illustrado professor de materia medica e que o foi por mais de 20 annos de pharmacia quem me authorisa a reclamar della sua cooperação perante o governo a favor das viagens de instrucção para os pharmaceuticos. Dizia, e diz ainda o ex-professor de pharmacia da nossa escola, *que não ha no Rio de Janeiro um boticario que saiba pharmacia, que não ha uma botica que mereça confiança.* Ora, quando asserções desta ordem partem da boca de um sabio doutor de capello, encanecido no ensino da pharmacia cuja cadeira regeu por mais de 20 annos ; quando este abalisado juiz julga deste modo, levando o seu amor pela verdade ao ponto de confessar-se elle mesmo ignorante de pharmacia, confissão verdadeira e ingenua, deve ser acreditado, e o redactor do jornal da sociedade pharmaceutica a quem cabe igual parte da verdade proclamada por aquelle *digno e velho mestre* ergue hoje sua voz em nome dos pharmaceuticos brasileiros, em nome da pharmacia, em nome do paiz, em beneficio da saude publica e por honra do *velho lente* para pedir ao governo que mande tambem instruirem-se nas grandes boticas, nos grandes laboratorios de chymica, e nos cursos de pharmacia europeos

alguns jovens pharmaceuticos, e essa despesa que se fizer com elles será compensada pelos beneficios que nos trouxerem, com sua pericia, com o nome que darão o paiz, e pelos serviços que fizerem á saude publica.

Disse acima que o illustre ex-professor de pharmacia se confessára ignorante nesse ramo da sciencia, e esta asserção deve ser explicada. Quando um professor de qualquer materia scientifica, depois de a haver ensinado por espaço de mais de vinte annos, e a mais de 600 discipulos, confessa que não ha um só individuo que a saiba, é logico concluir-se que, ou todos os discipulos que ouvirão suas lições forão inhabeis para as comprehender, ou o professor incapaz de as ensinar, e como ninguem acreditará que de tantos jovens talentosos nenhum fosse bastante habil para aprender pharmacia, a conclusão mais logica a tirar-se é de certo a da ignorancia do professor, e esta ignorancia confessada por elle mesmo, e reconhecida por quem reformou ultimamente as escolas medicas, creando cadeiras especiaes de pharmacia, e nomeando para dirigi-las novos professores, serve á reclamação que faço á bem da saude publica, de se estabelecerem concursos para viagens de instrucção em favor de pharmaceuticos.

Dois jovens existem hoje na Europa aperfeiçoando-se em pharmacia á sua custa, estes querem dever só a si, só a seus sacrificios a illustração que adquirirem; para estes não se pede a protecção do governo, pede-se para todos como medida geral, como justiça distributiva, como protecção a muitos outros que ahi estão cheios de desejos, ambiciosos de saber, mas falhos dos recursos para poderem viajar. E' necessario fallar a verdade, quando se trata de materia de sciencia, e sciencia de tanta importancia como a pharmacia, do aperfeiçoamento da qual depende muito essencialmente a vida dos Brasileiros; é necessario confessar-se que os pharmaceuticos nacionaes estão ainda muito longe de serem o que devem ser,

mas a culpa recae toda inteira sobre os governos, que de tudo tem curado bem ou mal, mas nada tem feito em prol da pharmacia. Organizou-se a escola de medicina em 1833, creou-se uma cadeira de pharmacia, mas nomeou-se para regê-la um medico que comquanto seja muito illustrado nunca praticou pharmacia, e então quem não tem não póde dar. Não sirva esta declaração de offensa ao nobre professor de materia medica, nem me sirva a franqueza desta linguagem em favor de uma profissão da qual vivo á 39 annos, para que algum *pequenino calumniador* mentindo a Deos e aos homens tenha a vil coragem de *chamar-me de assassino*; mas tambem não estão esses pharmaceuticos tão atrasados que não mereção a confiança dos seus proprios detractores, que confião delles a preparação dos remedios para suas esposas e filhos. Da propria escola de medicina habeis moços sahirão pharmaceuticos; ahí estão os illustrados Srs. José Caetano da Silva Costa, Manoel Hillario Pires Ferrão que bebendo na escola idéas geraes de sciencias accessorias, noções de materia medica e a conhecer a pharmacia pelo nome, forão para seus laboratorios, para os mostradores de suas boticas praticar, e com o conselho dos livros, com os conhecimentos adquiridos pela theoria na escola de que forão discipulos, estão hoje honrando essa escola, a sciencia e o paiz: estes ao menos devem ser exceptuados do principio proclamado de ignorancia dos pharmaceuticos brasileiros.

Para que pois tal accusação não seja cabida, para que possão haver no Brasil habeis pharmaceuticos nacionaes, é que estas reflexões são apresentadas com o fim de levar ao conhecimento do governo a palpitante necessidade de despende-se tambem com os pharmaceuticos discipulos das nossas escolas de medicina o mesmo favor sempre concedido a seus filhos medicos, aos filhos das escolas militar, e da marinha, e aos da escola de bellas artes.

E' de crer que o governo attendendo a estas observações filhas do zelo por uma sciencia de tanta importancia para a saude publica, e da qual até hoje, nada ou quasi nada se tem curado, não veja em minhas observações mais do que o desejo muito louvavel de ver engrandecida na minha patria a minha profissão, a profissão de meus filhos. E' de crer, e eu assim espero em Deos, que estas observações não acarretem sobre mim, boticario da phisicatura, algumas *ferroadas* injustas, immerecidas, por ter dado a entender que o ensino da pharmacia tem lido mal na nossa escola porque, antes de mim essa idéa já fôra apresentada na *Revista Pharmaceutica* quando redigida pelo nosso illustrado collega o Sr. Pires Ferrão; eis as suas palavras, respondendo a um discurso do nobre deputado o Sr. Dr. Luiz Carlos, ao fallar contra a criação de uma cadeira de pharmacia:

« Começando, pois, lhe diremos antes de tudo, que para admittirmos como verdadeira essa sua opinião, fôra necessario que de antemão nos convencessemos tambem de que — *de mais* — é a pharmacia, e por consequencia o seu estudo, visto que nada vemos por ora no que até aqui se tem leccionado nas nossas Escolas, relativamente a esse ramo das sciencias medicas, que *baste* ao muito que a esse respeito se torna preciso. E nem se julgue que exageramos: não. O que temos nós de *pharmacia propriamente dita* na Escola de Medicina desta côrte, por exemplo (que é a de que com mais exacto conhecimento podemos fallar, por ser a que havemos cursado)? Serão por ventura essas *noções aphoritiças*, que com tanta brevidade quanto lhe é possivel, *theoricamente* apresenta em suas primeiras lições o illustre professor de materia medica dessa Escola, e que constão apenas de uma *meia duzia* de paginas accomodadas em cada um dos diversos tratados de materia medica que se tem escripto até hoje?»

PHARMACIA.

Novo xarope de saude ou depurativo de Ezequiel.

Um *novo* especifico e *miraculoso* remedio acaba de ser annuciado em *grandes cartazes* e protegido pelo nosso governo e junta de hygiene publica, que de mãos dadas teem-se tornado *incançaveis* em *perseguir* charlatães e *zelar* os interesses da pharmacia e dos pharmaceuticos honestos, e o povo sempre amigo de novidade, vai por novidade comprando por 4\$000 rs. seis a 7 onças de um xarope depurativo como o de Rejord, Larrey ou de Devergie com um pouco de protoiodureto de ferro, quando em qualquer das nossas boticas compra 16 onças de qualquer preparação semelhante a essa por 3\$000 e menos ainda. E' tal o *interesse* do governo e da junta de hygiene publica pela saude dos Brasileiros, que conhecendo o quanto convem para uma boa cura que o doente tenha fé no remedio, fé que se perde desde que o mysterio desaparece teem consentido que o xarope de SAUDE de Arrault, pois é delle que fallo, se annuncie e venda sem a condição com que lhe foi concedida a licença, de publicar-se a sua formula, para que todos os pharmaceuticos podessem preparal-o, unico favor que para elles pôde conseguir da junta como me consta, seu muito distincto e honrado membro o Sr. Dr. José Pereira Rego.

Ora, pois havia entregar-se nas mãos dos *inhabeis* boticarios do Brasil a *panacéa* de M. Arrault que nos é apresentado como um *habilissimo chymico parisiense*, que não ha muito tempo ainda vagou entre nós e pelas nossas boticas offerecendo-se para remetter-nos de França por muito *commodas condições*, drogas e productos chymicos? Seria nessa occasião, que elle vendeu em proveito do Brasil o seu segredo, a

sua *panacéa*? Em favor pois do publico, e julgando que não será para mim olhado com má fé o inventar tambem um xarope depurativo para substituir o de Arrault, e que não é por certo inferior áquelle no tratamento das molestias de pelle e na syphilis, e que se pôde vender muito mais barato e com ganho honesto, aqui apresento a formula do meu — novo xarope de saude composto pela maior parte de substancias da nossa materia medica brasileira. Eis a sua formula :

Xarope muito concentrado de salsa parrilha, guaiaco, japecanga, caroba panacéa, cinco folhas, saponaria, bardana, fumaria e doccamarga, 8 libras; rob de sabugueiro, duas libras, misturem-se bem e ajunte-se a cada onça um grão de proto-iodureto de ferro recentemente preparado.

Processo para preparar o ferro em pó, por M. Arthur Morgand.

O processo geralmente seguido para preparar o ferro dividido, consiste em reduzir o seu oxydo por uma corrente de hydrogeneo. Este processo offerece difficuldades na execução, porque se é pouco aquecido, o ferro torna-se pyrophorico, se se aquece de mais, sua massa é agglutinada.

Para evitar estes inconvenientes, *M. Morgand* propõe o seguinte processo :

Aquece-se em uma capsula 8 onças de prussiato amarello de potassa, até que se ache perfeitamente secco, pulverisa-se muito fino, e se mistura com 4 onças de oxydo vermelho de ferro, e 3 onças de carbonato de potassa puro e secco.

A mistura bem pulverisada é lançada ás pequenas porções em um cadinho previamente aquecido até vermelho sombrio. Deixa-se depois esfriar, pulverisa-se a massa,

lança-se esta em um frasco grande onde é bem lavada por agitação e decantação, até que as aguas de lavagem não dêem nenhum precipitado pelo nitrato de prata. Quando o pó de ferro estiver bem lavado, secca-se rapidamente ao abrigo do ar. Por este processo, e nas proporções indicadas, obtem-se 3 onças e meia de metal.

O ferro reduzido, preparado por este modo, é um pó fino de côr parda carregada, não tendo ao tocar o aspecto aspero ou agglutinado; dissolve-se inteiramente no acido chlorhydico; precipita em verde claro pelo ammoniaco, como todos os proto-saes de ferro.

(Pharmaceutical Journal, septembre 1854, pag. 136.)

Preparação da potassa caustica pura.

O Sr. Wœhler acaba de publicar um processo mui commo para a preparação da potassa caustica pura.

Aquecendo-se até a temperatura rubra nitrato de potassa com cobre metallico, o acido nitrico é completamente decomposto, e fica uma mistura de oxido de cobre e de potassa caustica.

Misturão-se duas ou tres partes de limalhas de cobre com uma parte de nitrato. Póde-se fazer a fusão em um cadinho de ferro, porém é melhor empregar um cadinho de cobre; por este ultimo processo, a potassa é chimicamente pura.

Collocão-se as limalhas e o nitrato no cadinho em camadas superpostas, cobre-se o cadinho e aquece-se por espaço de meia hora até a temperatura vermelha escura. A massa depois de fria é tratada pela agua, lançada em um vaso cylindrico estreito, e fechado por um vidro gasto em uma pedra de amollar; quando o liquido fica claro, decanta-se por

meio de um siphão. A solução não contém traço algum de cobre.

Esta reacção além das suas vantagens para a preparação da potassa pura, forneceria provavelmente um meio facil e exacto para avaliar o valor commercial dos nitratos; bastaria calcinar, na presença do cobre, uma quantidade pesada, e determinar depois a quantidade de alcali, por meio de uma solução normal de acido sulfurico.

(*Pharmaceutical journal*, maio de 1854.)

GIRARD.

Conservação do centeio esporado por M. Zanon.

O Dr. Zanon recommenda o processo seguinte para a conservação do centeio espigado. Toma-se uma porção de arêa de rio, secca-se, passa-se por um tamiz, para aproveitar a parte mais fina; lança-se sobre ella muita agua, agita-se e decanta-se para desembaraçar a arêa de uma parte de terra argilo-calcaria que a acompanha; faz-se depois obrar sobre o sedimento selicioso, e, durante algum tempo, quantidade conveniente de acido, chlorhydico, e isto até a dissolução completa das terras que ahí se achão ainda unidas; o residuo lava-se depois cuidadosamente, e com muita agua quente, até que esta não contenha mais traços de acidez, o que deve ser verificado pelos reactivos; a arêa assim lavada secca-se perfeitamente por meio do calor. A arêa assim preparada é a silica pura; põe-se della no fundo de um vidro de boca larga, uma camada de quatro centímetros de espessura, e por cima uma camada igual de centeio, depois outra camada de arêa e alternativamente camadas de centeio e de arêa até encher o vidro que deve ser hermeticamente tampado e envolvido em papel de côr preta. Por este modo se tem conservado o centeio sem alteração por muitos annos.

(*Covren scientifica et Ann. et Bull. de la société de Med. de Gand*. 1854).

Do esporão do trigo.

(EXTRACTO DE UMA THESE DO DR. GRANDCLÉMENT.)

Ha muito tempo que se considera o esporão do centeio como um medicamento precioso não só como hemostatico, como tambem proprio a excitar as contrações do utero; o esporão do trigo se apresenta hoje como seu rival, e talvez venha a ser prefferido na therapeutica, em consequencia de se conservar mais facilmente.

Um homem de merecimento já conhecido pelos seus estudos em historia natural, o Dr. Grandclément, em sua these inaugural chama a attenção dos praticos sobre o esporão do trigo. Resumamos a parte pharmaceutica deste excellente trabalho, que o author pretende continuar. A colheita do esporão do trigo não se faz como a do esporão do centeio; é o producto perdido de uma grande industria. Prepara-se em Clermont-Férrant uma grande quantidade de massa de farinha fina que é apresentada no commercio tal qual, ou que serve para o fabrico das pastas conhecidas com o nome das pastas d'Italia, ou melhor pastas d'Auvergne.

O trigo que serve para o fabrico desta massa é um trigo duro, vermelho, lustroso, apresentando nma fractura luzidia, que, antes de ser trabalhado, é escolhido á mão. As mulheres encarregadas desta separação põe á parte o esporão, e o vendem aos pharmaceuticos; por isso se encontra o esporão do trigo em muitas pharmacias de Clermont Férrant, e os medicos parteiros e parteiras o empregão da mesma fôrma que o esporão do centeio. Entre as mãos habéis e exercidas

de M. Pourcher, professor da Escola de medicina de Clermont, este medicamento produziu sempre bons resultados.

Quaes são as propriedades phisicas do esporão do trigo?

Si se considerar em grande porção o esporão de centeio e o esporão de trigo á differença é imperceptivel; porém se compararmos grão a grão, elles se distinguem facilmente.

Fôrma. — O esporão de centeio é allongado, fusiforme, um pouco arcado, sulcado de muitos regos longitudinaes, tendo todos approximadamente a mesma profundidade.

O esporão de trigo se aproxima mais da fôrma do grão normal; além disto os sulcos longitudinaes não tem a mesma igualdade, um é mais profundo que os outros.

Comprimento. — O esporão de centeio offerece (termo medio) 20 a 25 millimetros; as porções as mais curtas tem 10 a 12 millimetros, as mais longas tem 60 a 70 millimetros.

Pelo contrario, o esporão de trigo não passa de 10 millimetros; os mais curtos tem 4 a 5 millimetros, e os mais longos 12 a 15 millimetros.

Grossura. — O esporão de trigo sendo mais curto que o de centeio parece ter um diametro maior; mas no entanto elle é menor.

Côr. — A mesma côr externa e internamente; entretanto nos côrtes feitos em um ou outro esporão a côr do esporão de trigo é mais escura do que a do esporão de centeio.

Sabor. — Nenhuma differença.

Cheiro. — O esporão de trigo é menos nauseabundo que o de centeio. Nenhum delles goza da propriedade de germinar.

Das observações microscopicas feitas por M. Grandclément resulta :

1.º Que os sporulos do esporão de trigo são maiores que os do esporão de centeio;

2.º Que a massa do primeiro é exclusivamente formada de sporulos, em quanto que na do segundo ha pontos em que se não encontra um só, e que, mesmo quando existem, a massa nunca é inteiramente formada por elles;

3.º Que no esporão de trigo nada existe que possa fazer admittir a existencia da substancia amylacea, não só pela fôrma como pela reacção do iodo, no entanto que no esporão de centeio encontrão-se corpusculos que tem a fôrma dos grãos de amido, e que são corados de azul pelo iodo.

A *ergotina de trigo* foi preparada por um processo analogo ao de que se servio M. Boujean para a ergotina de centeio. Os dous productos não são inteiramente identicos quanto aos seus caracteres physicos.

Porém que vantagem offerece o esporão de trigo? A de uma facil conservação. Com effeito sabe-se que exposto ao ar, o esporão de centeio altera-se facilmente, e que o seu pó, preparado pouco antes de ser empregado, deve ser guardado em vidros perfeitamente seccos e hermeticamente fechados: o esporão de trigo, pelo contrario, resiste muito mais á acção do tempo e não exige precaução especial para sua conservação.

O pó se conserva durante muito tempo sem perder suas propriedades; esta resistencia á destruição se pôde talvez explicar pela natureza do trigo que produz o esporão.

O esporão de trigo gozando das mesmas propriedades que o de centeio, pôde ser empregado em todas as circumstancias em que este ultimo medicamento aproveita, e pela sua facil conservação, promette aos praticos os mais felizes resultados.

E. GONOD.

(*Journal de chimie, medicale, &c.* Mai 1855.)

PHARMACIA.

Novo xarope de saude ou depurativo de Ezequiel.

Extracto de salsa parrilha (sem fecula)	4 onças.
— de japecanga	4 »
— de guaiaco	2 »
— de caroba.	4 »
— de panacéa	2 »
— de cinco folhas	2 »
— de saponaria	2 »
— de doce amargo.	2 »
— de fumaria	2 »

Dissolvem-se estes extractos em oito libras de infusão de sassafrás quente, coa-se por baeta bem tecida e ajunta-se-lhe depois:

Assucar mascavinho refinado . .	20 libras.
Mel	10 »

Cosa-se até adquirir ponto um pouco alto, passe-se o xarope por baeta, ajunte-se-lhe depois de frio, um grão de iodureto de ferro recentemente preparado, para cada onça de xarope, dissolvido em pequena porção de agua de flôr de lorangeira.

A primeira formula que publiquei continha bardana e rob de sabugueiro, e era feito com as decoções das differentes substancias vegetaes. Supprimi depois a bardana por me persuadir que o xarope não ficava por isso menos energico, e o rob de sabugueiro porque, além de dar um sabor e cheiro algum tanto desagradavel, por causa do mau estado em que esse rob se encontra sempre no commercio, succede ainda

não se encontrar á venda como aconteceu da segunda vez que preparei este xarope. A modificação do processo, lançando mão dos extractos em vez dos cozimentos, tem por fim facilitar a preparação do medicamento, e mesmo tornal-o mais efficaz e uniforme. Succede muitas vezes não se encontrar nos nossos campos alguns dos diversos productos da nossa materia medica brasileira em estado de perfeita vegetação, ou ser-se obrigado a colhel-os fóra das estações apropriadas; assim em vez de fazer-se grandes depositos das substancias seccas, que por mais de una razão bem conhecida, se arruinão guardadas por muito tempo, reduzo-as a extractos bem preparados e que se conservão por largo tempo. Estes extractos porém não forão preparados sem calculo, porque depois de pesar cada uma das plantas de que os extrahi, e pesar o extracto depois de feito, sei hoje que uma libra de salsa parrilha produz duas onças de bom extracto; que oito libras de rasuras de guaiáco dão tres onças de extracto; que duas libras de caroba produzem cinco onças de extracto, &c.

**Novas fórmulas de medicamentos anti-syphiliticos
empregados no serviço de M. Bicorné no «Hotel du
Midi» em Paris,**

1.º LINIMENTO SEDATIVO.

Oleo de meimendro	200 grammos.
Canfora	} aná 4
Laudano de Rosseau	
Extracto de belladona.	
Chloroforme	

Misture-se.

2.ª POMMADA FUNDENTE.

Extracto de belladona . . .	} aná 4 grammos.	
Canfora		
Laudano de Rosseau . . .		
Unguento napolitano . . .	30	,

Misture-se.

3.ª PILULAS CALMANTES.

Manteiga de cacau . . .	} aná 3 grammos.	
Balsamo de tolu		
Ruiz de belladona em pó	} aná 1	,
Mel		
Pó d'alcaçus		
Extracto de meimendo . . .	15	centigrammos.
Chlorhydrato de morphina.	10	,

Para 30 pilulas das quaes se tomão 3 por dia.

Estas fórmulas forão publicadas pela primeira vez pelo Dr. Calov no *Monitor dos Hospitaes*, ellas forão quasi sempre seguidas de bons resultados, e é por este mesmo motivo que nos apressamos a fazêl-as conhecidas dos nossos leitores.

O linimento (n.º 1) emprega-se em fricções, muitas vezes por dia, sempre que em uma affecção syphilitica domina a dôr.

A pommada fundente (n.º 2) é destinada a combater os engorgitamentos chronicos sobretudo os da epiderme : se ha engorgitamento extrumoso, M. Ricord modifica a pommada pelo modo seguinte :

Extracto de belladona . . .	} aná 4 grammos.	
Canfora		
Laudano de Rosseau . . .	5	,
Iodureto de chumbo . . .	4	,
Banha	30	,

Misture-se.

As pilulas (n.º 3) são utilísimas nas affecções de peito onde domina a tosse e também aproveitão muitas vezes nas bronchites agudas e chronicas, catharros simples ou bronchorrea.

Emfim nos casos de gôtta ou rheumatismo, e sobretudo nos engorgitamentos tão rebeldes que succedem ás arthropatrias blenorrahgicas M. Ricord prescreve o xarope seguinte:

Xarope das cinco raizes	500 grammos.
Iodureto de potassio.	} aná 15 »
Tintura de bulbos de colchico	

Applica-se 3 a 6 colheres por dia em infusão de borragens.

(*Extrahido do jornal dos conhecimentos medicos de 20 de maio de 1855. Paris.*)

Pastilhas de sub-nitrato de bismutho.

Assucar branco em pó	435 grammos.
Sub-nitrato de bismutho em pó.	8 »
Gomma adraganto	2 »
Agua commum.	30 »

F. S. A. pastilhas de 8 decigrammas. Cada pastilha contém 1 decigramma de sub-nitrato de bismutho.

Querendo-se aromatisadas, substitue-se a agua commum, por uma mistura d'agua de flores de laranjeira, de louro cerejo, e de rosas.

Estas pastilhas devem ser seccas á sombra, porque expostas aos raios solares tornão-se negras como carvão.

¿ A que phenomeno physico ou chymico se deve attribuir esta coloração? Para obter uma explicação deste phenomeno

o Sr. Stan Martin fez com 10 grammas d'assucar em pó, 5 grammas d'oxydo de bismutho e agua, uma pasta molle, que estendeu em um prato, e expoz á acção dos raios solares. Esta mistura em poucas horas tomou uma côr negra carregada, e sendo tratada pela agua reconheceu-se que uma porção de assucar, se tinha perdido, e que o bismutho não podia reassumir a sua primitiva côr branca.

Deve-se pois suppôr n'este caso, que, ou uma porção do oxygenio do sal de bismutho se combinou com o hydrogenio, e poz a nú o carbonio do assucar, ou então que os raios solares reagem, como muitas vezes acontece, sobre os moleculos dos corpos, mudando suas disposições, e produzindo esta coloração. Como quer que seja, o assucar poderá em certas circumstancias denunciar a presença do bismutho, e este phenomeno é assás curioso para fixar a attenção dos chymicos.

F. J. DA SILVA.

Tizana contra a ascite consecutiva ás febres intermittentes.

Sementes de mostarda negra contusas 50 gram.

Fervão-se durante um minuto em

Sôro de leite 1 litro.

Côe.

Para tomar aos copos durante o dia.

Segundo o Sr. Var Rbyn, a mostarda administrada da maneira e dôses indicadas, não produz a menor perturbação nas funcções digestivas.

Não provoca vomitos, nem diarrhêa, sómente opera com grande energia sobre a secrecção urinaria, de tal sorte, que

muitas vezes dissipa em poucos dias as collecções, e infiltrações sorosas as mais pronunciadas.

O Sr. Var Rhyu não dirige este tratamento contra a febre, isto é, contra os accessos que a constituem, mas exclusivamente contra o edema, ascite, ou anasarca que são suas consequencias. Convém, pois, se os accessos persistem, recorrer sempre previamente ao uso dos febrifugos convenientes.

Deve-se tambem ter muito em vista, para obter da mostarda resultados vantajosos, que o doente não apresente symptomas algum inflammatorio. O author afirma ter tratado desta maneira mais de 200 doentes com feliz exito.

F. J. DA SILVA.

(Do *Jornal de Pharmacia e sciencias accessorias de Lisboa.*)

O Sr. Dr. Joaquim José da Silva.

Todo o Brasileiro que tiver no peito um coração que palpita pela patria deve tributar gratidão a esse respeitavel Brasileiro a quem tantos titulos enobrecem, e se os Brasileiros que possuirem dentro d'alma sentimentos de verdadeiro patriotismo, não desse patriotismo que sóe apparecer nas lutas eleitoraes para sustentar o poder *que dá* ou os que *promettem se subirem*, mas aquelle sentimento elevado que nos faz olhar sempre para tudo quanto póde engrandecer o torrão onde vimos os primeiros raios luminosos do sol vivificador forem medicos, ou pharmaceuticos, dobrada se torna a obrigação de enchergarem no illustre decano da nossa Escola de Medicina o primeiro, senão o unico medico, que tem feito um assiduo e acurado estudo das substancias do reino organico que a therapeutica póde apresentar formando grande parte da nossa materia medica brasileira. O Brasil, tão

vasto, tão rico de vegetaes preciosos em cada um dos quaes o certanejo acha um remedio certo para seus padecimentos morbidos, entrega annualmente ao estrangeiro milhões de crusados em troca de hervas *intituladas remedio!* E só o Sr. Dr. Silva, ao menos que me conste, de ha muitos annos, furtando-se ao descanso no pouco tempo que lhe resta depois do ensino, e de sua muito desinteressada clinica, estuda as plantas brasileiras, e encontra em cada uma dellas outros tantos recursos contra a dôr e a morte de seus patricios! E que gloria tem cabido até hoje ao illustre e mais antigo professor da nossa Escola Medica pelos serviços desinteressados que ha prestado á sciencia e ao paiz dando recursos novos a primeira, e renome ao segundo? o ser chamado por mais de uma vez de *charlatão* por aquelles que, prèguiçosos não se querem dar ao trabalho de estudar o que a natureza viva lhes poem sobre os olhos, e se contentã o de aproveitar o que os estrangeiros fizerão, e nos remettem, tantas vezes sem préstimo! Não importa; prosiga o incansavel Sr. Dr. Joaquim José da Silva em seu estudo de observação sobre os seres que Deos poz junto de nós para nos servir-mos delles quando a enfermidade nos attacar, porque sua gloria está na applicação que fazem de suas interessantes descobertas, os mesmos que dellas zombavão antes de lhes conhecerem as virtudes; publique o illustre medico brasileiro seus importantes trabalhos de materia uedica com o que muito ganhará a sciencia, o paiz e a humanidade, e deixe que os zoilos ou os zangões vão saborear depois os frutos que S. S.^a tiver feito sazonar com seus disvellos e cuidados, porque trabalhando S. S.^a sómente pelo paiz e pela humanidade, um dia, mais cedo ou mais tarde ambos reconhecerão seus bellos serviços, como o confessa hoje, no ultimo numero da sua redacção o

REDACTOR da *Revista Pharmaceutica.*

AO DEIXAR A REDACÇÃO.

Com este numero termina a *Revista Pharmaceutica* o quarto anno de sua existencia, e com elle termina igualmente a missão de que me encarregarão. Si aceitei a onerosa e ardua tarefa de ser pela imprensa o orgão de uma associação illustrada e de tanta utilidade para o futuro do paiz, foi esperançado na coadjuvação dos meus illustres collegas, e porque não podia deixar de o fazer sem faltar a um dos meus primeiros deveres o da obdiencia as determinações de uma associação que tanto me tem honrado, e não porque acreditasse nas minhas forças, nem porque esperasse gloria da redacção de um jornal de pharmacia: o indifferentismo geral votado aos trabalhos da intelligencia por aquelles mesmos que se dizem homens de letras é a maior recompensa que póde alcançar quem com devotada dedicação se propoem advogar os interesses da sciencia, os interesses não materializados do paiz!

Foi portanto para servir a Sociedade Pharmaceutica Brasileira, foi o amor a uma profissão cuja honra e dignidade tenho procurado sustentar até hoje, mesmo com sacrificio proprio, que me resolvi a entrar com meu contingente para a redacção deste jornal.

E conseguiria eu alguma cousa de meus esforços? Lucrou gloria a Sociedade Pharmaceutica? Ganhou renome a classe a que eu me vanglorio de pertencer? Para a actualidade talvez que não; para o futuro talvez que sim, mórmente se meus illustrados successores não affrouxarem na grande luta da emancipação da pharmacia e da classe pharmaceutica; e tudo se conseguirá quando todos tiverem uma só vontade.

Merecerei elogios ou censuras pela maneira porque redigi este jornal? Conscienciosamente respondo que não mereço

um só elogio, porém tranquillamente também assevero que á vista da minha boa vontade, da pureza das minhas intenções, será mal cabida e mesmo injusta a censura que me fizerem aquelles que me deixarão só no meio dos escolhos.

Si mal, e bem mal preenchi o meu dever naquella parte que dependia de talento e habilidade, não deve por isso caber-me critica, porque taes dotes dá-os Deos a quem Lhe apraz, e nesse caso a censura cabe toda aquelles que, sem attenderem á minha insufficiencia se lembrarão de encarregar-me de uma missão, para cujo bom exito não bastava sómente a minha robusta vontade.

Felizmente porém o que este jornal perdeu em um anno, vai recuperar breve, pelas forças do valente campeão que vai substituir-me.

Felicito em nome da pharmacia, em nome do paiz os meus illustres collegas da Sociedade Pharmaceutica pela acertada escolha que fizerão do muito honesto e muito illustrado Sr. Dr. Almeida Rego, para redactor desta *Revista*. O nome prestigioso de S. Ex.^a, seu character sizudo e nobre a par de sua reconhecida illustração e amor pela Sociedade Pharmaceutica, são as maiores garantias dos resultados prosperos que a *Revista* vai colher. E' com nomeações desta ordem que a *Revista Pharmaceutica* virá a occupar o logar distincto que lhe compete como orgão da Sociedade Pharmaceutica Brasileira.

EXEQUIEL CORRÊA DOS SANTOS.

FIM.